

UNIVERSIDADE DE PASSO FUNDO

Ciriane Jane Casagrande da Silva

**A CORPOREIDADE DA INTÉRPRETE DE LÍNGUA DE
SINAIS NA PERCEPÇÃO DOS SENTIDOS
PRODUZIDA POR INTERLOCUTORES SURDOS**

Passo Fundo

2009

Ciriane Jane Casagrande da Silva

**A CORPOREIDADE DA INTÉRPRETE DE LÍNGUA DE
SINAIS NA PERCEPÇÃO DOS SENTIDOS
PRODUZIDA POR INTERLOCUTORES SURDOS**

Dissertação apresentada ao curso de pós-graduação em Educação, da Faculdade de Educação, da Universidade de Passo Fundo, como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em Educação, sob a orientação da Profa. Dra. Adriana Dickel.

Passo Fundo

2009

AGRADECIMENTOS

Este trabalho é fruto da compreensão e da parceria de muitas pessoas, que de formas diferenciadas, propiciaram que essa pesquisa fosse realizada.

Assim, agradeço

A Deus, luz da minha vida, começo e fim de tudo...
Obrigada!

Ao meu marido Ademir,
Companheiro sempre e o maior responsável pela existência desta pesquisa,
pelo incentivo, carinho e amor nesta conquista que não é minha, é nossa...
Obrigada!

À minha filha Luane,
Adolescente que em inúmeras oportunidades teve uma mãe ausente,
mas sempre compreendeu e apoiou esta minha caminhada...
Obrigada!

Aos meus pais, Cláudio e Celita,
Grandes incentivadores para que eu realizasse esse mestrado,
porto seguro onde eu sempre encontrei segurança, afeto e aconchego...
Obrigada!

A minha orientadora professora Dr^a Adriana Dickel,
Grande Mestre, de alma e de conhecimentos, pelo constante encorajamento, orientação e suporte que tornou possível a realização deste trabalho...
Obrigada!

À professora Dr^a Tatiane Lebedeff,
pelo carinho e por ter participado de forma efetiva
no transcorrer de todo o trabalho de pesquisa desta
dissertação...
Obrigada!

A professora Dr^a Graciela Ormezzano,
pela atenção e colaboração para além dos limites de
ser apenas uma professora na banca...
Obrigada!

As intérpretes a aos surdos universitários,
que colaboraram e propiciaram uma maior
fidedignidade a esta pesquisa...
Obrigada!

DEFICIENTE, MAS NÃO INCAPAZ...

Não escolhi ser deficiente;
Não pedi para nascer ou me tornar deficiente;
Deficiente sim, mas não incapaz,
Mereço e preciso de respeito;
Preciso ser visto com outros olhares;
Olhar indiferente talvez, mas não de piedade;
Mereço ser visto como um Ser Humano capaz;
Até quando serei só num mundo de iguais?
Mas o que é ser igual?
Não poder ver a beleza do pôr-do-sol?
Não ouvir minha filha chorar ou me chamar de mãe?
Não aprender no mesmo ritmo que os meus pares?
Não poder caminhar ou correr como você?
Uma deficiência me incapacita para inúmeros
prazeres da vida;
Mas isto não me torna incapaz;
Sou igual a você, acredite!
Talvez mais capaz que você em muitas situações...
Até mesmo para conviver diariamente,
Com o estigma da discriminação social.
Não espero concessões,
Apenas direitos sociais e educacionais iguais,
E, acima de tudo,
Uma palavra mágica que se chama: DIGNIDADE

(Ciriane Jane Casagrande da Silva)

RESUMO

Este trabalho vincula-se aos estudos sobre a formação e a atividade do intérprete-tradutor da língua de sinais, implicado nos processos educacionais inclusivos. Os referenciais teóricos especializados na área da surdez são profícuos ao tratar da importância da língua de sinais como um fenômeno linguístico. Na pesquisa desenvolvida buscou-se tematizá-la com base no referencial dos estudos sobre corporeidade. Com esse olhar, voltado especificamente ao uso das expressões não-manuais na produção de sentidos, pretende-se uma interlocução entre a interpretação e a corporeidade da intérprete, ou seja, enxergar a interpretação para além da produção sustentada por um corpo dualista e tecnicista. Para tanto, foi realizada em um primeiro momento uma filmagem com cinco intérpretes contando a mesma história em uma cidade do noroeste do Rio Grande do Sul. Posteriormente, foi feita uma análise desta filmagem por seis surdos universitários de Passo Fundo, que se dividiu em três momentos diferentes que objetivaram compreender a percepção dos sentidos que os surdos produziram ao analisar a corporeidade da intérprete de língua de sinais. A partir dessa análise foi possível perceber a emergência de duas categorias: as expressões faciais e corporais e a interpretação no contexto da história. Com base em contribuições de Merleau-Ponty, entre outros autores que contribuem para compreender o corpo como um espaço eminentemente expressivo, os resultados finais direcionam-se para o fato de que o uso adequado do movimento das mãos, do tronco, da cabeça, das expressões não-manuais e do conhecimento gramatical, não necessariamente redundam em um corpo que fala. A intérprete deve evidenciar ao interpretar em língua de sinais uma emoção, uma clareza, um sentido, isto é, uma corporeidade como instância de produção de sentidos, algo requerido pelos jovens surdos em suas análises.

Palavras-chave: Intérprete-tradutor. Língua de Sinais. Corporeidade. Formação Profissional. Inclusão.

ABSTRACT

This work is related to the studies about the education and the activities of the interpreter-translator of the language of signs, implicated in the inclusive educational processes. The theoretical references specialized in the area of the deafness approaching the importance of the language of signs as a linguistic phenomenon are many. In the present research it was aimed to approach it having the referential of the studies on corporeity as a basis. With that look, specifically focused on the use of the non-manual expressions in the production of senses, a dialogue is intended between the interpretation and the interpreter's corporeity, in other words, to see the interpretation beyond the production sustained by a dualist and technicist body. In order to do so, it was accomplished in a first moment a filming with five interpreters telling the same history in a city of the northwest of Rio Grande do Sul. Later, an analysis of this shooting was made by six deaf university students of Passo Fundo. That analysis was divided in three different moments aimed at understanding the perception of the senses that the deaf ones produced when analyzing the interpreter's of language of signs corporeity. From that analysis it was possible to notice the emergency of two categories: the facial and bodily expressions and the interpretation in the context of the history. Based on the contributions by Merleau-Ponty, among other authors that contribute to understand the body as an eminently expressive space, the final results are addressed for the fact that the appropriate use of the movement of the hands, of the trunk, of the head, of the non-manual expressions and of the grammatical knowledge, do not necessarily represent a body that speaks. The interpreter should evidence when interpreting in language of signs an emotion, clarity, sense, that is, a corporeity as an instance of production of senses, something requested by the deaf youths in their analyses.

Keywords: interpreter-translator, language of signs, corporeity, professional education, inclusion.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Expressões não-manuais da língua brasileira de sinais.....	40
Quadro 2 - INTÉRPRETE 1.....	41
Quadro 3 - INTÉRPRETE 2.....	43
Quadro 4 - INTÉRPRETE 3.....	44
Quadro 5 - INTÉRPRETE 4.....	46
Quadro 6 - INTÉRPRETE 5.....	48
Quadro 7 - Síntese das respostas dadas sobre a percepção dos surdos universitários com o uso do protocolo das Expressões não-manuais da Língua Brasileira de Sinais (Anexo H).....	65
Quadro 8 - Expressões faciais e corporais.....	69
Quadro 9 - Síntese das respostas dadas sobre a percepção dos surdos universitários com relação à interpretação do contexto da história.	71
Quadro 10 - Síntese das respostas dadas sobre a percepção dos Surdos universitários com relação as intérpretes 4 e 5.....	79

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Intervenções da Intérprete 1	42
Gráfico 2 - Intervenções da Intérprete 2	44
Gráfico 3 - Intervenções da Intérprete 3	45
Gráfico 4 - Intervenções da Intérprete 4	47
Gráfico 5 - Intervenções da Intérprete 5 REC	49
Gráfico 6 - Total geral de presenças e ausências das seis intérpretes.....	50
Gráfico 7 - Registros de rosto, cabeça e tronco com ombro.....	51
Gráfico 8 - Registros de rosto e cabeça e tronco	52

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	10
1 ALTERIDADE, DIVERSIDADE E SURDEZ.....	17
2 A LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS E OS SEUS INTÉRPRETES.....	22
2. 1 O intérprete de Libras.....	27
3 A CORPOREIDADE DO INTÉRPRETE DE LIBRAS.....	34
3. 1 As expressões faciais e corporais.....	35
3. 2 A interpretação no contexto da história.....	60
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	85
REFERÊNCIAS.....	91
ANEXO A - HISTÓRIA “A JOVEM MULHER”.....	96
ANEXO B - QUESTÕES DIRIGIDAS AOS INTÉRPRETES.....	97
ANEXO C - RESUMO DAS INFORMAÇÕES OBTIDAS PELO QUESTIONÁRIO RESPONDIDO PELAS INTÉRPRETES.....	98
ANEXO D - QUESTÕES DIRIGIDAS AOS SURDOS UNIVERSITÁRIOS.....	100
ANEXO E - RESUMO DAS INFORMAÇÕES OBTIDAS PELO QUESTIONÁRIO RESPONDIDO PELOS SURDOS UNIVERSITÁRIOS.....	101
ANEXO F - IDENTIFICAÇÃO DOS SURDOS.....	103
ANEXO G - EXPRESSÕES NÃO-MANUAIS DA LÍNGUA DE SINAIS BRASILEIRA.....	104
ANEXO H - CÓDIGO DE ÉTICA - INTÉRPRETES.....	106
ANEXO I - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO.....	108
ANEXO J - CERTIFICADO DE PARTICIPAÇÃO NO PROJETO DE PESQUISA.....	109
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO.....	109

INTRODUÇÃO

A língua é um dos principais conectores do ser humano com a cultura e todo o seu entorno, e formas específicas de linguagem sempre fizeram parte de vida da humanidade, embora de formas diferenciadas. No caso da forma de comunicação específica da minoria lingüística que são os surdos, a língua de sinais é o conector entre o mundo dos surdos e dos ouvintes¹ e vice-versa.

Como toda a língua, como sistema organizado de linguagem que é, a língua de sinais é utilizada como o meio para a interação social, cultural e científica pelas comunidades surdas². É uma língua que se caracteriza por ser visual-espacial, ou seja, realiza-se no espaço com articuladores visuais: as mãos, o corpo, os movimentos e o espaço de sinalização (QUADROS; KARNOPP, 2004). Detentora de um vocabulário e gramática própria; é autônoma em relação às demais línguas e possui um estatuto linguístico próprio, podendo ser analisada face aos mesmos níveis lingüísticos que as línguas faladas (QUADROS; PIZZIO; REZENDE, 2009)³.

Na língua de sinais são encontradas aproximadamente 46 configurações de mão, que apresentam diferentes movimentos em diferentes pontos do espaço. Os gestos correspondem às palavras, havendo por vezes dois ou três gestos iguais para palavras diferentes, o que exige complementar a mensagem com o uso simultâneo das expressões não manuais (ENM), que, conforme Ferreira Brito e Langevin (1995), situam-se no rosto, na cabeça e no tronco (QUADROS; KARNOPP, 2004).

Os gestos são visuais e representam a ação dos atores que participam da interação por meio da imitação do ato simbolizando as relações com as coisas. As línguas de sinais aproveitam esse potencial dos gestos trazendo-o para dentro da língua, fazendo com que sinais visuais representem palavras envolvendo a organização da língua. (QUADROS; PIZZIO; REZENDE, 2009, p. 15).

¹ Adotamos aqui a concepção elaborada por Skliar e Quadros (2000, p. 43), segundo o qual ouvinte são todos aqueles que não compartilham as experiências visuais enquanto surdos.

² “O que caracteriza a herança cultural da comunidade surda é a língua de sinais, já provada pelos significados realmente diferentes e capazes de carregarem com desenvoltura aspectos de profundidade como qualquer outra língua mesmo na originalidade que lhe é peculiar.” (PERLIN; MIRANDA, 2003, p. 220).

³ Os níveis lingüísticos a que nos referimos são os níveis fonológico, morfológico, sintático, semântico e pragmático da língua.

Os estudos linguísticos das línguas de sinais iniciaram com W. Stokoe⁴. Este autor apresentou uma análise descritiva da língua de sinais americana e revolucionou os estudos, que se concentravam até então na análise das línguas faladas ao se deter nos elementos linguísticos da língua de sinais. A partir de seus estudos, a língua de sinais passou a ser vista como uma língua de fato, o que elevou as línguas de sinais ao mesmo patamar das línguas faladas, configurando-se como um grande avanço tanto para os surdos como para os pesquisadores da área da surdez.

Segundo Quadros, Pizzio e Rezende (2009), esses estudos permitem atualmente afirmar que existem, pelo menos, dois troncos dos quais se originam as línguas de sinais em uso na atualidade. São eles o de origem francesa e o de origem inglesa. Segundo as autoras, provavelmente, a língua de sinais usada no Brasil seja de origem francesa.

A língua brasileira de sinais, Libras, foi estabelecida como espaço lingüístico constituiu-se como um grupo minoritário de cultura visual. A cultura surda é expressa por meio de “símbolos, basicamente visuais, cuja maior representação é a Língua de Sinais” (FADERS et al., 2002, p. 08). Esta cultura é compartilhada de geração em geração pelos costumes, hábitos, piadas e histórias. É através do contato entre os surdos, em suas associações e escolas, em seus clubes e bairros, entre outros lugares, que se constitui a cultura visual dos surdos. Com a aprovação da Lei nº 10. 436 (24/04/2002), que reconhece a legitimidade da Libras de comunicação dos indivíduos surdos. De acordo com o seu artigo 2º:

Deve ser garantido, por parte do poder público em geral e empresas concessionárias de serviços públicos, formas institucionalizadas de apoiar o uso e difusão da Língua Brasileira de Sinais - Libras como meio de comunicação objetiva e de utilização corrente das comunidades surdas do Brasil. (BRASIL, 2002, p. 2).

Posteriormente, o decreto federal 5. 626, de 22 de dezembro de 2005 (BRASIL, 2005), regulamentou a referida lei, incluindo a Libras como disciplina obrigatória em cursos de formação de professores e normatizando a formação do professor e do instrutor de Libras e a formação do tradutor e do intérprete de Libras – Língua Portuguesa, como estratégias para estabelecer e consolidar a educação bilíngüe e a inclusão dos sujeitos surdos nos diferentes níveis de ensino. Tais decisões lançaram luzes sobre o trabalho de alguns personagens

⁴Willian Stokoe (1920-2000) foi um dos primeiros linguistas a estudar uma língua de sinais com tratamento linguístico. É considerado o pai da lingüística da língua de sinais americana. (QUADROS, PIZZIO; REZENDE, 2009).

importantes para o processo educativo dos surdos, dentre os quais os intérpretes de Libras.

Como um ato cognitivo-linguístico, a intérprete realiza o ato de tradução para indivíduos que apresentam intenções comunicativas específicas em um dado momento e que utilizam línguas diferentes. A intérprete, profissional ainda pouco conhecida, para ser qualificada, deve dominar de forma efetiva a língua de sinais e, no caso do Brasil, a língua portuguesa. Além do domínio das línguas envolvidas no processo de tradução e interpretação, a profissional precisa ter qualificação específica para atuar como tal. Isso significa ter domínio dos processos, dos modelos, das estratégias e técnicas de tradução e interpretação. O profissional intérprete também deve ter formação específica na área de sua atuação (QUADROS, 2004).

Meu interesse pela interpretação que esse profissional produz surgiu de uma experiência vivida ao participar de um seminário sobre surdez em 2003, em Passo Fundo. No evento, enquanto o palestrante falava, havia uma intérprete que, usando a língua de sinais, repassava para os surdos presentes o que estava sendo dito. Entretanto, observei que os sinais da intérprete continham mais que o uso do movimento das mãos, pois havia uma leveza nos gestos, as expressões faciais, uma troca de olhares, uma cumplicidade visual que mantinha o grupo de surdos presentes “ligados” a ela.

No mesmo evento, após o intervalo da palestra, outra intérprete entrou na sala. Identifiquei então uma diferença na forma de traduzir e comecei a observar com mais atenção o motivo pelo qual a qualidade da interpretação havia sido alterada. Percebi então que os sinais estavam sendo executados corretamente, mas de forma mecânica, cartesiana; seu rosto era impassível e o corpo, ausente; logo, a sintonia com os surdos não existia mais... Os seus movimentos deixaram de cativar a minha atenção e o meu olhar, o que me fez preferir voltar minha atenção para o palestrante. Entretanto, os surdos presentes, que não tinham como eu outra opção, como teriam se sentido nessa situação? Teria constatado como eu, a diferença no desempenho da intérprete?

Atenta ao lugar do corpo no processo de comunicação e nos processos pedagógicos, tendo uma história profissional e acadêmica voltada à Educação física e à Educação especial, como especialista em Deficiência auditiva, e atuando como docente na área de Educação física e Educação inclusiva, direcionei meus interesses de pesquisa para algumas abordagens que me permitiriam, a princípio, compreender o contexto corporal “vivo” e significativo do intérprete.

Para Soares, “uma educação que se mostra como face polissêmica e se processa de um modo singular: dá-se não só por palavras, mas por olhares, gestos, coisas, pelo lugar onde

vivem” (2001, p. 110). Ao mesmo tempo, não obstante o fato de as expressões não manuais constituírem a língua de sinais, entendo que o corpo, como afirma Merleau-Ponty (1999), é cheio de significados, um espaço expressivo, um conjunto de significações vividas, não apenas uma matéria, mas algo sensível a tudo e a todos, que vibra e dá ao ato de articular uma palavra e, aos gestos, uma significação especial. O corpo, segundo esse filósofo francês, difere de tudo que o rodeia, pois tem capacidade de sofrer, de ser alegre, por não termos um corpo, *mas sermos um corpo*.

O corpo é a unidade máxima de representação do ser humano e por isso adquire importância para toda vida e cultura. Para viver é necessário a mediação do corpo, que é o primeiro dos objetos culturais, o portador dos comportamentos. Vive-se com o corpo. (MERLEAU-PONTY, 1999, p. 15)

O corpo não é algo que existe por si só, mas é um conjunto de significados, pois o corpo e a alma se constituem em uma unidade estrutural. O corpo é experiência vivida, fruto de intermináveis e sucessivas leituras e releituras de todas as percepções que perpassam nossa narrativa de vida.

É por meio do meu corpo que apreendo as coisas ao meu redor, de acordo com as situações que vivencio. Minha presença no mundo é uma presença corporal, não de um corpo-máquina, mas de um corpo vivo, em que existe uma intencionalidade em cada uma das suas ações. O modo como meu corpo se encontra no mundo é expresso pela presença corporal, a qual define a forma como vivencio o mundo, isto é, a zona de corporeidade. É habitando o espaço e o tempo que minhas ações adquirem um sentido que é atribuído pela corporeidade. Esta, por sua vez, funda-se no corpo-próprio, na motricidade, a qual me permite estar no mundo, viver, interagir e, assim, poder compreender o seu sentido. Por meio da corporeidade é que nos desvelamos muitas vezes de forma imperceptível; damos a ver nossos pensamentos, sentimentos, de acordo com o nosso cotidiano e com todas as narrativas que compuseram e compõem nossas histórias de vida.

Considerando a presença importante do intérprete no acesso ao mundo cultural compartilhado pelo surdo com o ouvinte, a compreensão de que o seu corpo é algo que pode e deve ser muito mais que um portador de sinais não manuais ao repassar uma mensagem e o fato de que as expressões corporais e faciais influenciam na recepção da mensagem de forma mais eficaz pelo surdo, podemos perguntar em que medida o corpo do intérprete, considerado

como um objeto cultural, um portador de comportamentos, que mostra emoções, que interage e que produz empatia, expressa-se na relação que mantém com o interlocutor surdo. Ou de outra forma: o intérprete, ao usar a língua de sinais corretamente e as expressões não manuais de forma adequada, faz, na percepção do surdo, o suficiente para que ele compreenda a mensagem que lhe é endereçada? A língua de sinais “[...] requer anos de estudo e prática para ser bem compreendida e produzida. Não basta ter um vocabulário enorme de uma língua, a pessoa precisa ‘entrar’ na língua, ‘viver’ a língua para poder ensinar por meio dela” (QUADROS, 2006, p. 9).

As pesquisas na área da surdez são proficuas ao tratar da língua de sinais, de sua aquisição e uso como um sistema linguístico. Em que pese à importância desse tratamento e tendo-o como referência básica, meu objetivo na pesquisa em exposição foi buscar um “olhar” sobre a atividade do intérprete que tenha na interpretação e na corporeidade deste profissional duas categorias importantes de análise de seu papel como responsável pela produção de sentidos na interlocução que estabelece com os sujeitos surdos, seus interlocutores.

Pretendo, dessa forma, analisar a importância da corporeidade do intérprete de língua de sinais na percepção dos sentidos que os interlocutores surdos produzem. A hipótese que me orienta indica que a compreensão requer algo para além dos elementos já descritos pelos estudos sobre a gramática da língua de sinais, dizendo respeito à corporeidade do intérprete, ao modo pelo qual esse sujeito vive com o seu corpo, é o seu corpo. Como afirma Merleau-Ponty (1999, p. 200), “compreender é experimentar o acordo entre aquilo que visamos e aquilo que é dado, entre a intenção e a efetuação - e o corpo é o nosso ancoradouro em um mundo”.

As expressões faciais/corporais são de fundamental importância para o entendimento do sinal, visto que a entonação em língua de sinais é feita pela expressão facial. A expressão facial/corporal para os surdos pode traduzir alegria, tristeza, raiva, amor, entre outros sentimentos, dando mais sentido para um contexto, estabelecendo o significado de um sinal, pois o corpo é um espaço eminentemente expressivo. (MERLEAU-PONTY, 1999).

Baseada nessa ideia e embora tendo uma formação acadêmica com enfoque tecnicista no curso de Educação física, pretendo buscar neste estudo a outra face do processo interpretativo, não focalizando a atenção nos aspectos linguísticos da língua de sinais, mas em todo o contexto corporal “vivo” e significativo do intérprete.

Para tematizar as questões propostas fizeram-se necessária a elaboração de uma metodologia que permitisse explorar, por um lado, a dimensão da corporeidade como algo

pleno de potencialidades e de possibilidades criativas (NÓBREGA, 2000), as quais, quanto mais compreendidas, provavelmente tornarão mais qualificado o intérprete no processo de tradução, e, por outro, o trabalho do intérprete da língua de sinais como algo fundamental para o processo ensino-aprendizagem ou em toda e qualquer interlocução social e cultural dos surdos com o mundo dos ouvintes.

Inicialmente foi realizada uma revisão da literatura em artigos de periódicos indexados, teses de doutorado e dissertações de mestrado produzidos na última década, especificamente na área da Educação especial e surdez. Foi consultado o Banco de Teses e Dissertação organizado pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes) e pela Biblioteca Virtual em Saúde da Biblioteca Regional de Medicina (BIREME). Também foram acessados artigos da Federação Nacional de Educação e Integração dos Surdos - FENEIS na área de língua de sinais. Nessas consultas observei que as abordagens predominantes voltavam-se, como afirmei anteriormente, à análise do aspecto linguístico da língua de sinais. Outro aspecto importante observado foi a pouca incidência de trabalhos voltados à questão da corporeidade no uso da expressão facial e corporal pelos intérpretes. Além disso, os achados que obtive corroboram a constatação feita por Lacerda e Poletti (2004, p. 1):

O intérprete de língua de sinais é uma figura pouco conhecida no âmbito acadêmico. Os estudos existentes no Brasil e no cenário mundial são escassos, tanto no que diz respeito ao intérprete de maneira ampla, quanto a pesquisas que remetam ao intérprete educacional especificamente.

Com base nesses estudos, foi organizado e implementado um trabalho de campo constituído de duas etapas. Na primeira etapa foi realizada uma filmagem com cinco intérpretes contando a história “A jovem mulher” (Anexo A), os quais trabalham numa escola especial para surdos em uma cidade do Rio Grande do Sul.

A segunda etapa compreendeu a análise desse material por seis surdos universitários da cidade de Passo Fundo, dividida em três momentos: primeiramente, os estudantes registraram as suas percepções pessoais sobre a corporeidade manifestada pelas intérpretes ao contarem a referida história na língua de sinais; num segundo momento, os surdos tiveram em mãos, após uma explicação minuciosa, o quadro de Ferreira Brito (1995) (Anexo H), a fim de o utilizarem como referência para a análise das “expressões não manuais” da interpretação;

finalmente, foi propiciada uma interlocução entre os surdos e a pesquisadora para que algumas falas com relação à corporeidade ou outras questões que os surdos considerassem pertinentes pudessem ser evidenciadas.

Para a composição e análise dos dados optei pela análise de conteúdo (NAVARRO; DIAZ, 1994). A elaboração das categorias foi definida durante o processo de análise dos dados e foram quantificadas as presenças e ausências das expressões não manuais.

Os dados produzidos no trabalho de campo foram descritos e analisados com base em duas categorias: as expressões faciais e corporais e a interpretação no contexto da história. Tais categorias se mostraram pertinentes por permitirem não somente compreender a percepção que os surdos produziram acerca do texto a eles oferecido pelas intérpretes, mas também reconhecer os sentidos implicados no processo de recepção do texto, os quais demandam do intérprete uma intensidade corporal, uma leveza e vivacidade que alteram as condições de aprendizagem do próprio interlocutor.

Esse trabalho será relatado em três capítulos. Inicialmente, faz-se uma reflexão sobre a questão da alteridade, pontuando como ocorre o olhar do outro sobre o déficit, os eufemismos e as normas que se constituíram, e ainda se constituem, em estigmas, e sobre a surdez e seu processo histórico-cultural, com vistas a situar o indivíduo surdo no atual contexto social e educacional. O segundo capítulo refere-se à língua de sinais como uma forma de expressão linguisticamente diferenciada e constitutiva do indivíduo surdo e aborda o lugar dos intérpretes nesse contexto. No terceiro capítulo, aborda-se a corporeidade do intérprete de língua de sinais, procedendo à análise das manifestações dos surdos acerca da interpretação que realizam da história proposta pela metodologia.

1 ALTERIDADE, DIVERSIDADE E SURDEZ

A contemporaneidade é um tempo em que tudo acontece por meio de uma multiplicidade de experiências nos mais variados graus e formas de realização. O conhecimento é o fator central da modernidade e adquire uma importância determinante na medida em que propiciar uma maior flexibilidade dentro de uma sociedade, na qual é necessário respeitar novas regras e assumir novos critérios de vida, entre os quais o respeito à diversidade humana.

A Constituição Federal brasileira afirma que “todos são iguais perante a lei” (BRASIL, 2007, p. 5). Entretanto, será que os direitos são mesmo iguais? Até que ponto são considerados cidadãos aqueles que de alguma forma se encontram à margem da sociedade? Afinal, o que é ser anormal?

Veiga-Neto (2001), na esteira das contribuições de Foucault (1991), utiliza a palavra “anormal” para todas as pessoas que fazem parte de um grupo variado e numeroso da modernidade. Afirma que, incansável e incessantemente, vem sendo inventado e multiplicado o que seriam os “outros”, os “anormais”, tornando este termo mais abrangente, de modo a incluir os sindrômicos, os deficientes, os monstros, os psicopatas, os rebeldes, os pouco inteligentes, os GLS (gays, lésbicas e simpatizantes), os negros, os miseráveis, o refugio, enfim.

As normas permitem tirar das exterioridades selvagens perigosos, os desconhecidos e os bizarros ao capturá-los, torná-los inteligíveis, familiares, acessíveis e controláveis, seguros o suficiente para não serem inseridos na mesma situação de anormalidade que os caracteriza. Veiga-Neto complementa:

Ao fazer de um desconhecido um conhecido anormal, a norma faz desse anormal mais um caso seu. Dessa forma, também o anormal está na norma, está sob a norma, ao seu abrigo. O anormal é mais um caso, sempre previsto pela norma. Ainda que o anormal se oponha ao normal, ambos estão na norma. É também isso que faz dela um operador tão central para o governo dos outros; ninguém escapa dela. (2001, p. 116).

Lunardi (2001) também enfatiza que a modernidade aumenta mais a definição de “anormais”, de “estorvos”, que serão socialmente definidos ao conviverem democraticamente

ou não nos espaços escolares junto com os “normais”. Santos (2002) acrescenta que se tem o hábito de fazer comparações entre os seres humanos, julgando-os segundo um igualitarismo que é injusto, “sem atentar ou atender às desigualdades fatídicas que os diferencia”. Na medida em que se comete a injustiça da discriminação, coloca-se uma pessoa, grupo ou segmento em situação de inferioridade, o que é lesivo a sua dignidade, prejudicando a igualdade. Para o autor, “[...] a humanidade há de entender que distinto (diferente) não significa necessariamente inferior” (SANTOS, 2002, p. 02).

Assinala Goffman (1988), que o “desvio da norma” e/ou marcas significativas no aprender ou comportar-se se constituem como um rótulo imposto. A sociedade, em contrapartida, alimenta no decorrer do tempo um descrédito crescente, baseada em visões do que sejam comportamentos padrões, partindo de pré-concepções do que seja normalidade e o “desviante”. Segundo o autor,

[...] o indivíduo estigmatizado tem uma tendência a estratificar seus “pares” conforme o grau de visibilidade e imposição de seus estigmas. Ele pode, então, tomar em relação àqueles que são mais evidentemente estigmatizados do que ele as atitudes que os normais tomam em relação a ele. (GOFFMAN, 1988, p. 118).

Cada um tem a tendência de responder às perguntas conforme sua sensibilidade, suas referências, seus preconceitos, enfim, suas próprias normas. É necessária a ampliação de uma visão para além das dificuldades específicas desta ou daquela deficiência, para que as singularidades de cada sujeito com qualquer tipo necessidade especial sejam respeitadas. Para Ferreira (1989), igualitarismo absoluto é injusto porque concebe as pessoas de forma única, sem atentar para atender às desigualdades que as diferenciam.

Trabalhar com neologismos ou procurar reconceituar a palavra “deficiente” não torna a realidade do deficiente melhor, apenas se usam diferentes narrativas. Assim, o travestismo discursivo pode ser considerado uma das marcas da atualidade, significando que os discursos sociais apenas mudam suas nomenclaturas e acomodam seus conflitos ao falar de alteridade, pois nessa realidade não há um pensamento de ruptura com as tradicionais formas de agir e pensar a alteridade, a diferença. Fala-se em tempos modernos, em moralidade e inclusão, e usando uma narrativa de controle e regulação social acusa-se sempre o “outro diferente funciona como depositário de todos os males, como portador de todas as falhas sociais” (DUSCHATZKY; SKLIAR, 2001, p 124). Limitam-se ou ignoram-se culturas, invenções e

utiliza-se uma falsa ética para incluir ou excluir, usa-se exaustivamente o termo “pluralidade”, porém, as narrativas questionam a anormalidade sob um véu de travestismo discursivo.

As fronteiras de velhas e novas exclusões aparecem e desaparecem, multiplicam-se e disfarçam-se travestidas de roupas novas, com discursos de respeito, tolerância, aceitação, pluralismo e diversidade. A exclusão amplia-se e não se subordina mais à ideia de conceitos de pobreza, classe social, renda mínima, raça, linguagem, cultura, etnia, educação, entre outras. As exclusões cruzam os corpos, as mentes e as línguas de um modo vertiginoso e os atravessam. Fala-se em diversidade com frequência excessiva nos meios de educação, nos meios de comunicação, nos vários poderes do Estado e organismos internacionais e nas empresas, objetivando retratar as variações humanas presentes nas instituições. Para Skliar e Quadros (2000), essa diversidade consiste também em uma estratégia conservadora usada para conter e obscurecer o significado político das diferenças culturais.

Culturas e ideologias diferentes, mas sem respeito pelo outro. A alteridade amedronta, pois nos faz questionar e rever conceitos: Quem é o outro? Quem é o diferente? E nesse espaço, ainda pouco conhecido, acaba-se por delimitar espaços, pois acomodar-se ou alienar-se, negando ou minimizando questionamentos, é mais fácil, porque se evitam impasses que levariam a se rediscutir questões sobre os “outros” e que trariam em seu bojo controvérsias e insegurança (DUSCHATZKY; SKLIAR, 2001).

A alteridade, para fazer parte da diversidade cultural bem entendida e aceitável, precisa despir-se de suas marcas, perder sua identidade para ser como os demais. É irônico pensar que precisamos do outro para justificar as regras sociais, os padrões de comportamento, pois é preciso uma contraposição da normalidade. É preciso que “haja loucos, para podermos ser chamados de sãos”. O outro é o depositário de nossas falhas sociais, por isso, é o excluído.

Ao se identificarem culpados para os antagonismos sociais, econômicos, sociais ou políticos, tem-se a sensação de que estão sendo afastadas as perplexidades que povoam as misérias humanas, como se não fizéssemos parte deste mundo, de suas mazelas. Entretanto, isso significa apenas posições discursivas em conflito. Os grupos conservadores utilizam o conceito de diferença e diversidade para legitimar práticas de subordinação e poder. É preciso encontrar o ponto como a diversidade se relaciona com o outro (DUSCHATZKY; SKLIAR, 2001).

Na realidade, no âmbito da alteridade muitas vezes ocorre uma negação de “estar no lugar do outro”, de “perceber-se no outro”. Com essa ausência, perde-se a oportunidade de aprender com o outro. É preciso analisar até que ponto a diferença existe ou se é apenas uma ilusão que nos padroniza de uma forma diferente. Somos todos únicos e diferentes, mas

diversos em nosso próprio meio. É com as suas idiossincrasias que as pessoas estabelecem relações com seu contexto próximo e vivido de forma global (IMBERNÓN, 2000).

Para Skliar e Quadros (2000), estamos num mundo de desorientação cultural e/ou de afirmação de novas identidades, de inquietude, de inconformidade, de globalização, de normalidade ou de hibridismo. Um tempo em que é preciso reconstruir e reconhecer o lugar/espço/tempo que os outros ocupam e que depende de todas as representações e imagens que os nossos olhares, gestos e discursos selecionam, reproduzem, inventam, dissimulam ou ignoram. Cuidam-se as falas, as imagens, as leis, os currículos das escolas, as publicidades e a mensagem empresarial para não dizer palavras, gestos ou mostrar atitudes que não demonstrem de forma benigna, os conflitos culturais. Assim, conseguimos mascarar os problemas culturais.

A questão cultural envolve também o conceito de “deficiência”. Observa-se, ao fazer uma revisão conceitual sobre o termo, que apresenta diversas nuances, conforme a época e os valores vigentes em cada sociedade, dependendo da forma como evolui o relacionamento das pessoas que possuem algum tipo de deficiência. A questão da terminologia “sempre foi objeto de controvérsias, embora a busca de novas denominações objetive identificar os sujeitos aos quais se referem, sem estigmatizá-los”. (CARVALHO, 2000, p. 35) Para Carvalho (2000), as terminologias têm gerado muita polêmica, mesmo entre os deficientes, que interpretam essa busca por uma melhor expressão apenas como um adiamento de algo que consideram bem mais relevante, que é a acessibilidade aos bens e serviços socialmente disponíveis às pessoas ditas “normais”.

Estudos recentes no campo da educação especial enfatizam que as definições e usos de classificações para pessoas com deficiência devem ser contextualizados, mas não podem se esgotar em uma mera especificação ou categorização atribuída a um quadro de deficiência, transtorno, distúrbio, síndrome ou aptidão. Atualmente, tem-se consciência de que as pessoas se modificam continuamente e alteram o contexto no qual estão inseridas. (BRASIL, 2008) Assim, normalidade e anormalidade podem seguir caminhos paralelos ou fundir-se, dependendo do contexto sócio-histórico-cultural e dos neologismos vigentes em cada época.

A sociedade discrimina, impõe o ritmo de uma ideologia baseada no perfeito e no poder econômico, e é nesse sistema social que os surdos precisam viver (ou sobreviver?). Nesse contexto, seria desnecessário dizer que, nesse lugar, onde a produtividade e a comunicação fazem diferença, o surdo tem dificuldade para encontrar seu espaço. Muitas vezes ele é marginalizado, embora sutilmente, dentro de uma sociedade aparentemente “justa e igualitária”, disposta de acordo com normas pré-estabelecidas e regidas por ouvintes.

Segundo Guareschi (1995), é excluído em razão de uma ideologia baseada nas relações de produção e poder. Para Skliar e Quadros (2000), os estereótipos das pessoas surdas, tratadas como deficientes, mutilados, inferiores, sem linguagem, estão nas falas das pessoas, na sua forma de agir, estão nas suas mentes.

Entre surdos e ouvintes há diferenças que não são ilusórias, e a questão da dificuldade linguística é um fato. Porém, isso não justifica as atitudes do ouvinte, que sempre exerceu o poder, a dominação, deixando os surdos esmagados pela cultura de quem pode ouvir e falar; sempre tentando torná-los normais, subjugar sua forma de comunicação, a língua de sinais, por se constituírem em uma minoria lingüística (QUADROS, 2006). As resistências em aceitar as diferenças nem sempre são conscientes, nem são verbalizadas ou manifestas: muitas vezes estão presentes nas entrelinhas do comportamento e na linguagem não verbal; outras vezes, são construídas e fortalecidas pelos discursos e narrativas que circulam nas histórias, no meio familiar, social e cultural (DUSCHATZKY; SKLIAR, 2001).

Deixamos à margem o princípio universal e colocamos a ênfase de nossa cultura como necessária à nossa sobrevivência. É nosso princípio, a nossa nostalgia mais imensa e obstinada: a qualidade de vida, de comunicação, da diferença, que nos considerem sujeitos culturais e não nos considerem deficientes. (PERLIN; QUADROS, 2007, p. 11).

A surdez, outrora concebida dentro de uma visão médico organicista, na qual o surdo era visto como portador de uma patologia localizada e que precisava ser tratada, atualmente vem tendo uma conotação diferenciada, na medida em que os próprios surdos, por meio de suas entidades e organizações, optam por serem chamados de “surdos”. Conforme Moura, (2000), as diferenças entre ouvintes e surdos não encerram no fato de estes não serem ouvintes, mas também porque possuem uma trajetória diferenciada tanto no sistema linguístico (viso-gestual) como nas narrativas de vida social, emocional e psicológica. A diferença entre o surdo e o ouvinte está no modo de apreender o mundo, suas peculiaridades em nível psicolinguístico e cultural, seu *modus vivendi*, o que deu origem à cultura surda. E é como sujeito cultural e não como deficiente, que o surdo deseja ser visto, ou seja, como sujeito desvinculado de um enfoque audiológico ou de déficit.

2 A LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS E OS SEUS INTÉRPRETES

A história é rica no que se trata da linguagem, uma prerrogativa do ser humano, sempre vinculada ao seu viver e sobreviver... O episódio da torre de Babel, segundo relatos bíblicos, anuncia como nasceram os idiomas, uma vez que a única língua que todos falavam era o hebraico. Babel, que foi sinônimo de confusão e desentendimento, hoje possui outra conotação, bem mais positiva: a de diversidade cultural.

Sobre a história da linguagem conta-se que o faraó Psammetick fez a experiência de isolar dois recém-nascidos até que trocassem sua primeira palavra, *bekos*, que significava pão em frígio, com o que concluiu que essa língua da Anatólia havia sido a primeira da humanidade. Posteriormente, as fantasias e especulações tornaram-se estereis, sendo banidas no século XIX pela Sociedade de Linguística de Paris. Ainda hoje os progressos realizados na arqueologia, na genética e na linguística não tem respostas conclusivas sobre a gênese da diversidade das línguas (RENFREW, 2009).

Aprendemos a ser homem com os outros homens. Possuímos um aparato biológico que nos permite isso, mas somente podemos realizar esse processo na medida em que interagimos com os outros, e, nesse contexto a linguagem assume um lugar fundamental. A linguagem tem uma função psíquica, porque é um instrumento de mediação por excelência, não apenas algo para o qual estamos destinados. A língua, uma de suas formas de manifestação, é um dos principais conectores do ser humano com a cultura, com o seu entorno.

Cientificamente, há dois séculos os linguistas classificam as línguas em cerca de duzentas famílias e tentam identificar entre elas, os ancestrais comuns. As mais antigas, que são as protolínguas conhecidas, remontam a sete mil anos, mas alguns estudos indicam que o homem fala desde 100.000 a. C. Para o linguista Merrit Tuhlen (apud ROSS, 2009), todas as línguas tiveram uma origem comum, surgida bem antes que o homem domasse o cavalo e domesticasse o cachorro. Ross (2009) também comenta sobre o fato de que no mundo, são amplamente utilizadas somente de quatrocentas a quinhentas línguas. A autora comenta que existe um contingente enorme de seres humanos que não podem usufruir de seus direitos básicos lingüísticos como é o caso da língua indígena.

Os surdos estão entre os grupos que integram uma minoria linguística uma vez que se utilizam de uma forma de comunicação diferenciada que é a Língua Brasileira de Sinais (Libras). Conforme Lebedeff (2000), dentre as minorias linguísticas, a situação do surdo é a mais preocupante, em razão do estilo de recepção e produção de língua, visto que, enquanto

para o ouvinte o processo é oral-auditivo, para o surdo o processamento é viso-gestual. O surdo viveu por muito tempo um massacre linguístico e cultural. Em uma sociedade cujos valores se centram na comunicação mediante o uso da linguagem verbal, os surdos, sua história e narrativas, sempre foram envoltos por estigmas familiares e sociais.

A história é profícua em mostrar como uma minoria linguística pode ser marginalizada em nível social, educacional e cultural. Os romanos privavam os surdos dos seus direitos legais, determinando um curador para todos os seus negócios, por serem considerados incapazes de gerenciar seus atos, além de não serem considerados humanos. A língua de sinais não era considerada forma de linguagem e no decorrer da história da humanidade sempre houve preconceitos com relação ao uso de gestos para a comunicação.

No século XV, além de os surdos sofrerem com a cultura da supremacia da fala, sua condição tinha implicações no aspecto econômico, como, por exemplo, filhos de ricos e nobres surdos, para poderem gerenciar os bens da família, precisavam ter alguns conhecimentos. Assim, no caso da corte espanhola, por exemplo, recebiam um atendimento especial do monge beneditino Pedro Ponce de Leon (1510-1584), que se dedicou à educação dos surdos aquinhoados. Por sua vez, os surdos da plebe eram considerados vagabundos, discriminados e viviam em situação de miséria. Ponce de Leon não deixou nada escrito sobre como educava os filhos surdos dos nobres. Segundo Soares, “a única coisa que se sabe é que ele teria iniciado, primeiro, o ensino da escrita, através dos nomes dos objetos e, num momento seguinte, teria passado ao ensino da fala, começando pelos elementos fonéticos” (1999, p. 21).

Historicamente, as minorias sempre precisaram lutar para conseguir seu espaço e seu direito, e os surdos não são uma exceção. Para Santana e Bergamo (2005), eles eram considerados dotados de menor valor social pela falta de uma característica essencial: a linguagem oral e suas virtudes cognitivas. Ao não possuírem essas “virtudes”, os surdos eram “humanamente inferiores” e a língua de sinais considerada apenas uma mímica gestual, alvo, portanto, de preconceitos.

Atualmente, é possível perceber, principalmente em centros urbanos maiores, uma caminhada na qual os surdos já não carregam o peso da inferioridade como no passado, pois estão construindo “uma história e uma identidade grupal” (MOURA, 2000, p. 72), legitimando paulatinamente sua língua e cultura. Entretanto, apesar das conquistas, até 1995 aproximadamente 80% das pessoas surdas não tinham acesso à educação básica, conforme dados da Comissão de Direitos Humanos da Federação Mundial dos Surdos. Para Skliar (1999), os processos discriminatórios e de exclusão são o reflexo de formas conservadoras

que produziram, e muitas vezes ainda em pleno século XXI, continuam a reproduzir, uma concepção sobre a surdez na qual há uma supremacia do ouvinte e a biologização dos surdos. Com base nisso, o conhecimento escolar utiliza o “ouvintismo”⁵ como práxis e como uma norma invisível por meio da qual tudo é medido e julgado.

Essa realidade encontrou algumas possibilidades de mudança, sobretudo a partir da Conferência Mundial de Educação Especial, representando 88 governos e 25 organizações internacionais em assembléia na Espanha, entre 7 e 10 de junho de 1994, na Declaração de Salamanca. Conforme as Linhas de ação em Nível Nacional com relação às Políticas e Organização é preciso esclarecer que,

19. Políticas educacionais deveriam levar em total consideração as diferenças e situações individuais. A importância da linguagem de signos como meio de comunicação entre os surdos, por exemplo, deveria ser reconhecida e provisão deveria ser feita no sentido de garantir que todas as pessoas surdas tenham acesso a educação em sua língua nacional de signos. Devido às necessidades particulares de comunicação dos surdos e das pessoas surdas/cegas, a educação deles pode ser mais adequadamente provida em escolas especiais ou classes especiais e unidades em escolas regulares. (MEC, 1994, p. 07)

No encontro que deu origem a este documento houve um entendimento entre os congressistas de que o modo mais adequado de atendimento aos portadores de necessidades especiais seria a sua inserção em salas regulares das escolas dos sistemas de ensino. Essa decisão busca modificar paulatinamente a realidade em que vivemos, propiciando aos grupos de pessoas com algum tipo de déficit (sensorial, físico ou mental) e às minorias sociais, inclusive os negros e índios, o direito a uma Educação para Todos, com enfoque inclusivista. Para tanto, constitui-se numa “forma de garantia de afastamento da anormalidade e aproximação das minorias, normais embora diferentes” (SANTANA; BERGAMO, 2005, p. 56). Contudo, a diversidade cultural dentro de uma política inclusiva possui uma perspectiva diferenciada, principalmente em se tratando da cultura surda.

Considera-se que a forma lingüística das comunidades surdas é a língua de sinais. Trata-se de uma linguagem viso-espacial, que encerra um conjunto de propriedades comuns a outras linguagens humanas. É uma língua utilizada nos espaços criados pelos próprios surdos,

⁵ *Ouvintismo* é “um conjunto de representações dos ouvintes, a partir do qual o surdo está obrigado a olhar-se e a narrar-se como se fosse ouvinte. Além disso, é nesse olhar-se, e nesse narrar-se que acontecem as percepções do ser ‘deficiente’, do não ser ouvinte; percepções que legitimam as práticas terapêuticas habituais” (SKLIAR, 1998, p. 15).

na sua convivência diária nas associações, nos pontos de encontro, em casa ou nas escolas. A língua brasileira de sinais constitui-se em uma língua que é o meio e o fim da interação social, cultural e científica da comunidade surda brasileira. É uma língua natural e possui algumas especificidades que a distingue de outros tipos de sistemas de comunicação, além de se constituir em uma das formas mais expressivas da cultura surda, representando um elemento fundamental para a consolidação de sua identidade.

A língua de sinais permite a produção de um número ilimitado de novas mensagens sobre todo e qualquer assunto. Como afirma Quadros (2006), é um sistema linguístico legítimo e não uma patologia da linguagem.

Em sendo assim, para Skliar (1998), a educação para surdos deve salientar o papel que desempenham a língua e as representações na construção de significados e de identidades surdas. A língua, nesse contexto, não seria um reflexo da realidade ou um instrumento de comunicação, mas justamente o que produz essa realidade. A educação bilíngüe, nas palavras do autor, deve transformar as relações sociais, culturais e institucionais por meio das quais são criadas as representações e significações hegemônicas sobre a surdez e os surdos.

[...] a linguagem deveria ser definida independente da modalidade na qual se expressa ou por meio da qual se percebe. Em outras palavras, a linguagem possui uma estrutura subjacente independente da modalidade, seja esta auditivo-oral ou viso-gestual. Desse modo, a língua oral e a língua de sinais não constituem uma oposição, mas sim, canais diferentes para a transmissão e recepção da capacidade – mental – da linguagem. Mesmo agora, quando número de pesquisas já tem demonstrado que a língua de sinais cumpre com todas as funções descritas para as línguas naturais, ainda persiste e chama a atenção a sua desvalorização, o seu tratamento como mescla de pantomima e de sinais icônicos, e a sua consideração enquanto um *pidgin* primitivo. (SKLIAR, 1998, p. 24).

A base da comunicação humana é auditiva e, por maiores que sejam os recursos não verbais, como a mímica, a expressão facial e corporal, os gestos, os movimentos labiais, que podem ser usados para complementar a fala, continua sendo o seu ponto central a oralidade. Em um mundo repleto de sons, é o som da voz humana que nomeia e dá significado ao que vemos. Assim, aprende-se a falar, a comunicar, a conceituar.

Nas crianças surdas, é por meio da língua de sinais que ocorre o aprendizado, envoltas que estão, da mesma forma que a criança ouvinte, em um mundo dos signos, símbolos e sinais, podendo, assim, comunicarem-se e expressarem de forma a ser compreendida e compreenderem as pessoas que as rodeiam nos campos sociais e educacionais. Expressando-

se por meio da sua língua nativa que é a língua de sinais e como segunda língua pela língua portuguesa, os surdos apropriam-se de conhecimentos, habilidades e competências que, de outra forma, iriam ocorrer com muita dificuldade ou nem ocorrer.

A língua de sinais é compreendida como um processo e um produto construído histórica e socialmente pelas comunidades surdas: uma língua natural entendida como veículo de expressão de sua “oralidade”, isto é, expressão verbal em uma interação face-a-face, considerando-se que é, através da língua de sinais, que as pessoas surdas se falam e falam com os outros, surdos e ouvintes. (LEITE, 2004, p. 17).

Os estudos em indivíduos surdos demonstram que a língua de sinais apresenta uma organização neural semelhante à língua oral, ou seja, esta se organiza no cérebro da mesma maneira que as línguas faladas. Com base nisso, pode-se dizer, mesmo que reconhecendo controvérsias em relação ao tema, que existe um período crítico para a aquisição da linguagem (e, portanto, da língua de sinais) uma vez que a maturação do cérebro depende dos estímulos que o meio oferece e, segundo Rodrigues (1993), há um período em que eles são indispensáveis, a fim de que as estruturas cerebrais não se desenvolvam fora do curso normal, comprometendo de forma profunda aquisições posteriores.

Em que pese à importância dessa discussão no processo de educação dos surdos, como uma segunda língua, a língua de sinais pode ser aprendida por qualquer pessoa interessada e que queira se comunicar com os surdos. Como as demais línguas, é composta por e pode ser descrita em vários níveis: fonologia, morfologia, semântica, sintaxe e pragmática. Demanda uma prática para seu aprendizado, como ocorre com qualquer outra língua.

A língua de sinais é uma língua viso-espacial, articulada por meio das mãos, das expressões faciais e do corpo. As menores unidades usadas para compor os sinais são agrupadas em três parâmetros: configuração de mão, movimento e ponto de articulação. São encontradas na Libras aproximadamente 46 configurações de mão, que apresentam diferentes movimentos em diferentes pontos de espaço (BRITO, 1989; QUADROS, 1997). Da relação entre esses elementos se origina uma gramática própria, ou seja, elas não seguem a ordem e a estrutura frásicas das línguas orais. Assim, o importante não é colocar um sinal atrás do outro, mas compor uma representação da informação, reconstruindo o seu conteúdo visual da informação. Os sinais correspondem às palavras, havendo às vezes dois ou três gestos idênticos para palavras diferentes (exemplo: mão que se abre e se fecha em frente à boca pode

significar sábado ou laranja). É no contexto de uma frase que os sinais podem ser diferenciados e/ou com o uso simultâneo de expressões não-manuais (ENM). Nesse contexto, articulados aos parâmetros mencionados anteriormente, possuem importância na produção de sentidos as expressões não-manuais, elemento esse a ser tematizado mais adiante neste trabalho.

A língua de sinais no sistema educacional leva os surdos, apesar dos avanços legais, a enfrentar o dilema: entender/traduzir o professor e os colegas e ser entendido/traduzido por eles. Alguns avanços ocorreram nesse sentido: o reconhecimento pela Federação Mundial de Surdos (WFD), em julho de 1987; a Lei Federal nº 10.436 (24/04/2002), que reconhece a Libras e a regulamentando como legítima forma de comunicação para os surdos; finalmente, o decreto nº 5.626/05 que acrescentou a disciplina de Libras em todos os cursos de licenciatura do Brasil nos quais houver aluno surdo incluído, e tornando-a obrigatória nos cursos de Educação Especial, Fonoaudiologia, Pedagogia e Letras (BRASIL, 2005).

Nesse sentido, cabe destacar que não basta somente os indivíduos se encontrarem para haver uma comunicação. É importante que haja uma interação lingüística para formar uma comunicação social, ou seja, compartilhar a mesma língua, de modo a compreender o mesmo significado da palavra. Assim, há necessidade de interação entre ouvintes e surdos o que remete à função da intérprete de Libras no processo de inclusão à escola regular. Segundo Lacerda (2003), esse profissional é o mediador de relações estabelecidas entre esses sujeitos e a ele compete oportunizar o acesso aos conhecimentos acadêmicos. Em vista disso, o próximo tópico deste trabalho objetivou reconstruir a trajetória desse profissional, sua função e seus conhecimentos.

2.1 O intérprete de Libras

Os primeiros indícios de tradutores e intérpretes ocorreram em atividades voluntárias e foram se aprimorando à medida que os surdos foram conquistando seus espaços como cidadãos. Foi a partir dos surdos, dentro da sua cultura e das suas necessidades cotidianas, nas discussões sociais ou educacionais, que a profissionalização dos tradutores e intérpretes de língua se solidificou. A questão do reconhecimento social e legal em cada país também foi se diferenciando, repercutindo de forma decisiva nas garantias de direito lingüístico e também na profissionalização, em níveis diferenciados, do profissional intérprete de língua de sinais.

No Brasil, a questão do intérprete como profissão é relativamente nova, pois tem menos de duas décadas. O intérprete é um “profissional de nível médio ou superior, com competência para realizar a interpretação das duas línguas de maneira simultânea ou consecutiva, e proficiência em Tradução e Interpretação de Libras e Língua Portuguesa, certificada por meio de exame promovido pelo MEC”. (BRASIL, 2005) O tradutor-intérprete de língua de sinais atua basicamente em três diferentes campos de trabalho:

- a) intermedia a comunicação entre as pessoas surdas usuárias de Libras e as pessoas ouvintes usuárias da Língua Portuguesa em diferentes contextos;
- b) traduz os textos da Libras para a Língua Portuguesa e os textos da Língua Portuguesa para a Libras;
- c) auxilia no esclarecimento da forma escrita produzida pelos surdos em quaisquer contextos que se façam necessários (concursos, avaliações em sala de aula, documentos, etc.). (QUADROS et al, 2009, p. 19).

O decreto federal 5. 626, de 22 de dezembro de 2005, ao dispor sobre a Língua Brasileira de Sinais, estabelece aos surdos o direito a uma educação bilíngue e especifica os requisitos necessários à atividade do intérprete-tradutor de Libras – Língua Portuguesa. Resumidamente, o seu capítulo V trata da formação desse profissional, instituindo, no artigo 17, que ela se dará por meio de curso superior de Tradução e Interpretação, com habilitação em Libras - Língua Portuguesa. Ao mesmo tempo, sugere que tal formação, durante os dez anos subseqüentes à publicação do decreto, possa se dar em nível médio, mediante: cursos de educação profissional, cursos de extensão universitária e cursos de formação continuada promovidos por instituições de ensino superior e instituições credenciadas por secretarias de educação, além de organizações da sociedade civil representativas da comunidade surda, cujo certificado deverá ser validado em uma das instituições anteriormente citadas.

Na ausência de profissionais com esse perfil, o decreto 5. 626/2005 define no artigo 19 que naquele período de dez anos, as instituições privadas e as públicas dos sistemas de ensino federal, estadual, municipal e do Distrito Federal poderão assegurar aos alunos surdos ou com deficiência auditiva o acesso à comunicação, à informação e à educação com o recurso a intérpretes-tradutores com o seguinte perfil:

- I - profissional ouvinte, de nível superior, com competência e fluência em Libras para realizar a interpretação das duas línguas, de maneira simultânea e consecutiva, e com aprovação em exame de proficiência, promovido pelo Ministério da Educação, para atuação em instituições de ensino médio e de educação superior;
- II - profissional ouvinte, de nível médio, com competência e fluência em Libras para realizar a interpretação das duas línguas, de maneira simultânea e consecutiva, e com aprovação em exame de proficiência, promovido pelo Ministério da Educação, para atuação no ensino fundamental;
- III - profissional surdo, com competência para realizar a interpretação de línguas de sinais de outros países para a Libras, para atuação em cursos e eventos. (BRASIL, 2005)

A análise de Lacerda (2008) com relação a esse Decreto é interessante, pois enfatiza que, na realidade, é este o perfil mínimo que nem sempre é atendido pelos profissionais que estão atuando, havendo em exercício um número reduzido com formação adequada, cuja certificação, contudo nem sempre coincide com a formação. A autora enfatiza que a proficiência numa língua não garante a condição para atuar como intérprete, pois outras características também devem se fazer presentes.

Ao mesmo tempo, Lacerda e Poletti afirmam que,

Estas leis sugerem a importância do intérprete, mas não prevêm explicitamente sua presença, o que implica na organização da comunidade surda e ouvinte para a obtenção desse recurso. Poucos são os locais no Brasil que têm experiência com a prática de intérpretes em sala de aula, especialmente no ensino fundamental (2004, p. 2).

Existe ainda pouca oferta de cursos de formação; quanto aos que existem e alguns deles são passíveis de sérios questionamentos quanto à qualidade, principalmente cursos de formação de intérpretes através de ensino a distância (EAD). Os autores Wilcox e Wilcox (2005) mostram-se preocupados com os cursos de Libras destinados a qualificar e preparar os professores ouvintes ou intérpretes para atuar no processo educacional, pois é preciso professores fluentes em Libras, bem formados e preparados para o ensino da gramática e do português como segunda língua para os surdos.

Outro aspecto importante dessa formação, destacado por Quadros (2004), diz respeito à formação ética e a um código de ética para intérpretes que atuam na área da educação, uma vez que se não são raras as situações em que os papéis de professor e de intérprete sejam confundidos, fato este que deve ser aprendido a superar uma vez que ao intérprete cabe tão somente a tradução. Segundo Quadros,

Crianças têm dificuldades em compreender a função do intérprete puramente como uma pessoa mediadora da relação entre o professor e o aluno. A criança surda tende a estabelecer o vínculo com quem lhe dirige o olhar. No caso, o intérprete é aquele que estabelece essa relação (2004, p. 62).

Em uma pesquisa elaborada por Dorziat, Lima e Araújo (2007) sobre como está ocorrendo a inclusão na visão dos surdos em escolas públicas na Paraíba, observou-se que os alunos surdos usavam a leitura labial e a mímica para se comunicar com colegas e professores e apresentavam limitações comunicativas enormes. Cabia ao intérprete toda interação dialógica, ou seja, “interpretação da língua a cargo de um profissional” (DORZIAT; LIMA; ARAÚJO, 2007, p. 7) do contrário pouco diálogo existia entre colegas ouvintes e professores.

Nesse contexto, facilmente pode o intérprete assumir o protagonismo da aula diante da criança surda o que precisa ser discutido na esfera das atribuições profissionais a ele delegadas. Se for considerado o termo “pôr andaime” que Bruner (1997) utiliza ao falar da mediação da linguagem do adulto com a criança, poder-se-ia dizer que o intérprete que fará a mediação da professora em aula com o aluno tem como responsabilidade não apenas fazer a “tradução”, mas também operar como um “andaime”. O que ocorre muitas vezes é que ele passa a ser obrigado de certa forma a conhecer o conteúdo a ser trabalhado nas salas de aula, para poder explicá-lo ao aluno surdo quando não o entende mediante os recursos utilizados pelo professor.

Para Quadros,

Se a eles fossem atribuídas as responsabilidades com o ensino, eles deveriam ser professores, além de serem intérpretes. E se estiverem assumindo a função de professores, por que estariam sendo contratados como intérpretes? Considerando tais questões, poder-se-ia determinar que o intérprete assumirá somente a função de intérprete que em si já se basta e caso seja requerido um professor que domine língua de sinais que este seja contratado como tal. (2004, p. 61)

Em relação ao papel do intérprete em sala de aula, este profissional assume uma série de funções como,

[...] ensinar língua de sinais, atender a demandas pessoais do aluno, cuidados com aparelho auditivo, atuar frente ao comportamento do aluno, estabelecer uma posição adequada em sala de aula, atuar como educador frente a dificuldades de aprendizagem do aluno. (LACERDA; POLETTI, 2004, p. 03)

Com toda esta gama de papéis, ele se aproxima muito do papel de educador. Diante desta evidência, existem profissionais que acreditam que o intérprete deve fazer parte da equipe educacional nas escolas, mas isso acabaria criando distância do seu papel tradicional de intérprete, gerando polêmicas. Estas posições ainda novas necessitam de mais pesquisas nesta área, esclarecendo melhor as semelhanças e diferenças entre o intérprete e o intérprete educacional (LACERDA; POLETTI, 2004).

Em virtude disso, faz-se necessário contribuir para essa discussão através de estudos que forneçam elementos que permitam repensar alguns itens com relação ao preparo técnico da intérprete ao repassar uma mensagem. E, nesse sentido, “No Brasil, pesquisas sobre intérpretes de línguas de sinais em sala de aula são escassas, já que este trabalho, quando é realizado, tem ainda um caráter experimental na maioria dos estados e municípios” (LACERDA; POLETTI, 2004, p. 5). Essa constatação também está presente no trabalho de Leite, ao tratar sobre a profissão do intérprete de língua de sinais.

[...] o despreparo técnico e profissional, por si só, seria suficiente para suscitar projetos de pesquisas que forneçam subsídios teóricos para o exercício de uma prática profissional consciente e produtiva para aqueles que dela necessitam, a comunidade de pessoas surdas e as pessoas ouvintes, nos diversos cenários de interação na sociedade. (LEITE, 2004, p. 21).

Por outro lado, é interessante observar que, enquanto a comunidade surda não constitui um grupo com identidade sociocultural-política, com direito ao uso da língua de sinais, o intérprete também não se constitui enquanto profissional (QUADROS, 2004). Para se pensar em formação de intérpretes precisa-se, portanto, estar atento ao nível de participação da comunidade surda na sociedade, pois essa postura implica o sucesso ou não dessa profissionalização.

Neste trabalho, há um aspecto importante que envolve a formação do intérprete e os conhecimentos implicados no processo de interpretação, algo que o remete ao contexto problemático até o momento analisado.

Para responder a questões referentes a essa temática, foi essencial ouvir a “voz” das intérpretes e dos surdos universitários. As intérpretes responderam a um questionário (Anexo C), por meio do qual foi possível percorrer alguns momentos importantes da sua vida profissional, assim como conhecer a sua opinião sobre as qualidades/habilidades necessárias

para ser uma boa intérprete e propiciar ao surdo a recepção de uma mensagem de forma adequada.

As respostas das cinco intérpretes que fizeram parte desta pesquisa salientam de modo geral como pertencente a esse espectro:

- a necessidade de um vocabulário amplo;
- a necessidade de bastante expressão facial e corporal;
- a importância de transmitir a mensagem de forma clara e objetiva;
- o uso de classificadores (CL);
- o domínio da língua portuguesa e da Libras;
- a neutralidade ao emitir ou interpretar críticas e opiniões pessoais;
- a necessidade de ser coerente e repassar somente o que está sendo falado/argumentado;
- a necessidade de ter postura;
- a importância de frequentar o grupo de surdos;
- o conhecimento do vocabulário dos surdos e dos sinais;
- o uso de vestimentas adequadas;
- o domínio dos princípios fundamentais do profissional de Libras dentre os quais a neutralidade, confidencialidade e fidelidade;

De acordo com a Federação Nacional de Educação e Integração dos Surdos, (FENEIS) devem ser observados três aspectos primordiais para a eficácia do tradutor: neutralidade, ética e imparcialidade, fatores sem os quais não haverá compromisso profissional. Todas afirmam que, acima de tudo, é preciso a ética profissional. Uma das intérpretes integrantes da pesquisa considera que a intérprete é a “voz do surdo” (aspas colocadas pela intérprete) e outras três acreditam que, para realmente haver uma tradução correta, elas devem dar o melhor de si, utilizando toda a sua habilidade e conhecimento sobre o assunto.

Se o intérprete é um sujeito que permite que o mundo do conhecimento penetre no mundo dos surdos através da língua de sinais, para que essas mãos sejam ouvidas faz-se necessário dominar os recursos expressivos que constituem essa linguagem, ao que as intérpretes entrevistadas deram bastante destaque. Nesse sentido, observou-se, na revisão de literatura realizada, que poucos estudos voltam-se para as expressões não-manuais. Segundo Quadros e Karnopp (2004), as ENM consistem no movimento da face, dos olhos, da cabeça ou do tronco. Tais movimentos remetem ao corpo como lugar de produção de sentidos no processo de interpretação. Sobre a questão da corporeidade do intérprete não foram encontrados artigos.

Sendo assim e para contribuir com os estudos sobre a formação do intérprete, o próximo capítulo versará sobre as ENM, visto que, a relação com a corporeidade, afinal a “experiência visual tem um significado crucial na comunicação e nos processos didáticos, curriculares e intelectuais mais amplos, e não somente nas questões lingüísticas”. (SKLIAR; QUADROS, 2000, p. 50).

3 A CORPOREIDADE DO INTÉRPRETE DE LIBRAS

Conforme a posição teórica de Skliar e Quadros, “a cultura é visual” (2000, p. 51), para os surdos, pois todas as produções lingüísticas, artísticas, científicas e as relações sociais *são visuais*. O olhar se sobrepõe ao som mesmo entre os ouvintes que, quando estão inseridos na comunidade surda, ignoram comentários ou interrupções de outros através da fala. Porém, os ouvintes só conseguem ter essa percepção interagindo mais com a comunidade surda. Os autores consideram que [...] “as pessoas que têm mais experiências visuais passam a ser mais aceitas pelos surdos” (SKLIAR; QUADROS, 2000, p. 51).

Nas considerações finais feitas por Skliar e Quadros (2000), nota-se que a inquietude sobre a importância das expressões faciais e corporais e conseqüentemente da corporeidade do intérprete de língua de sinais não são ilusórias. A presente pesquisa permitiu explorar que elementos interpretativos do corpo do intérprete que mais chamam a atenção no desenrolar de uma tradução e a complexidade do uso da língua de sinais e do protocolo das “expressões não-manuais” no processo de compreensão do surdo, no sentido de observar que *é preciso algo mais, algo que não se atém às mãos, mas a um corpo que fala*. Se para o surdo, as experiências visuais são importantes, efetivamente é possível identificar pelos resultados obtidos nesta pesquisa que a “fala do corpo” é essencial para o processo de tradução/interpretação. Mas o que é esse corpo a que me remeto?

O corpo, como afirma Merleau-Ponty (1999), é cheio de significados, um espaço expressivo, um conjunto de significações vividas, não apenas uma matéria, mas algo sensível a tudo e a todos, que vibra e dá às palavras e aos gestos, uma significação especial. O corpo, segundo esse filósofo francês, difere de tudo que o rodeia, porque tem capacidade de sofrer, de ser alegre, pois não se tem um corpo, se *é um corpo*. Segundo ele,

O corpo é a unidade máxima de representação do ser humano e por isso adquire importância para toda vida e cultura. Para viver é necessário a mediação do corpo, que é o primeiro dos objetos culturais, o portador dos comportamentos. Vive-se com o corpo. (MERLEAU-PONTY, 1999, p. 15).

O corpo é *sígnico*. Pensar o corpo como signo é pensar sempre em transformação, pois o corpo acompanha e faz refletir as marcas da sua própria história, assim como da cultura em

que vive. Não se exprime em si mesmo, mas nas relações que o circundam e o constroem. As relações homem-mundo obedecem ao ritmo imposto pela cultura, introjetado no corpo, que, por sua vez, projeta ao mundo para ser apreendido por outros corpos e representado nas suas mentes. Conforme Merleau-Ponty (1999), o corpo existe necessariamente “agora”, porque nunca pode se tornar passado.

O corpo é o agora, mas é composto dentro da linha do tempo de uma construção paulatina de narrativas, de dialéticas constantes entre o organismo e a consciência. Não se tem como pensar em desvincular este corpo, ao contar uma história, de suas emoções, porque ele é significativo e tem uma história de vida socialmente construída que o torna sensível, embora em níveis diferenciados.

Por isso, a interpretação é fundamental duplamente no caso do intérprete de língua de sinais, visto que ela precisa interpretar corretamente usando a língua dos surdos e interpretar *também* usando o seu corpo, através das expressões faciais e corporais, vivenciando sua corporeidade.

Essa vivência, no caso desta pesquisa, foi buscada na interpretação da história “A jovem mulher” (Anexo A), com vistas a apreender o movimento que o surdo faz para entender o contexto da história e ter a oportunidade de viver as *emoções* que fazem parte de cada um dos personagens que a compõem o enredo por meio do corpo da intérprete.

Dos depoimentos colhidos tanto entre as intérpretes como entre os surdos universitários da produção/recepção da história e do encontro entre esse trabalho de campo e a abordagem teórica assumida nesta pesquisa: duas categorias emergiram: “as expressões corporais e faciais” e “a interpretação no contexto da história”. Entre ambas foi feito um comparativo, primeiramente usando o Protocolo dos SNM (FERREIRA BRITO; LANGEVIN, 1994) e, posteriormente, entre as próprias categorias já mencionadas.

No presente capítulo, far-se-á uma descrição de cada uma das categorias, tematizando esse eixo comparativo no interior de cada um dos dois tópicos.

3. 1 As expressões faciais e corporais

Quando se fala em corpo, por toda a historicidade que o envolve através dos tempos, percebe-se que a racionalidade produziu um saber onde o corpo é visto de forma fragmentada, usando eufemismos para mascarar e silenciar a sabedoria do corpo e a sua linguagem sensível.

Segundo Nóbrega (2000), a racionalidade, entretanto, apenas sufocou, mas não extinguiu os saberes do corpo, pois ele é a condição existencial da humanidade. Esses saberes, independentemente da narrativa de vida de cada um, podem ser percebidos no cotidiano e fazem parte da existência humana. O corpo não constrói sua história sozinha, mas se constrói na relação com os outros.

O corpo é o elo do sujeito com os seus pares e ao mesmo tempo, tem uma história construída com esse grupo, com essa sociedade à qual pertence. Em cada indivíduo há um corpo que contém tudo o que se encerra nas relações mútuas com seus pares, as suas representações, crenças, sentimentos, que expressam e determinam sua origem social. Para Rodrigues (1993), o corpo vivido é composto dos limites e de uma identidade à qual está vinculado, desde o nascimento até a morte. Essa identidade cresce dentro do ambiente social, cultural e educacional de cada indivíduo, e estes aspectos é que transformam os corpos ou em uma justaposição de órgãos, limitados, pouco criativos, introspectivos; ou, por outro lado, profícuo em todas as suas ações, falas, movimentos corporais, expressões faciais entre outras. Existe uma interação, pois *somos* o nosso corpo e o corpo *somos* nós, e, de certa forma, ele expressa *quem* somos e como *estamos* no mundo. Assim, “Quanto mais vivo for o nosso corpo, mais vivamente *estaremos* no mundo, conseqüentemente, nas nossas interpretações” (ARRIENS, 2005, p. 77).

Muitos aspectos relativos ao corpo estão sendo questionados. Novas realidades, como bioética, identidade do ser humano e uma diversidade de informações dentro da sociedade contemporânea, nos levam a repensar incessantemente o ser que se é, os sentidos que precisam ser reabilitados num novo mundo e necessitando de uma nova percepção, de uma nova sensibilidade e de novos olhares (NÓBREGA, 2000). É justamente a esse novo olhar, que busca outras dimensões do corpo, a que esta pesquisa se propõe. Analisar possibilidades para além do enfoque linguístico e do sinal adequado a cada palavra ou frase, buscar *algo mais* para além do enfoque funcional e tecnicista da língua de sinais.

A existência do homem no mundo e seu processo de humanização não são possíveis sem a presença corporal, pois o corpo, ao se movimentar, expressa ideias, valores, emoções. Não é possível haver uma dissociação daquele que é o seu referencial com o mundo, pois é inviável dissociar mente, intelecto, pensamento e sentimento se a mente não existe sem o corpo e o corpo não existe sem a mente. Assim, “mente-corpo co-habitam e coexistem num mesmo ser. É o cérebro-mente que comanda os movimentos, as ações, os pensamentos, as emoções do ser humano” (MERLEAU-PONTY, 1999, p. 90).

Segundo Merleau-Ponty, todo o conhecimento ocorre dentro da experiência de cada

sujeito, deriva do mundo vivido, de seus pensamentos, percepções e vivências, com base no seu meio natural. O conhecimento é fruto das experiências do sujeito, e estas são adquiridas no mundo que existe ao seu redor e que só passa a existir efetivamente quando se lhe atribuiu um sentido. Assim, os sentidos e as percepções também são múltiplas, ou seja, há várias possibilidades ou ângulos de apreendê-lo, dependendo das vivências, o que explica, inclusive, por que uma mesma história, contada em circunstâncias idênticas por cinco intérpretes, possa ser recebida por seis surdos universitários de modo bastante diferente, fato que será relatado e analisado a seguir.

Para Merleau-Ponty (1999), o mundo é uma fonte inesgotável de conhecimento, com possibilidades infinitas de aprender e perceber, dependendo da vivência, da consciência do sujeito. Nessa busca incessante, na intencionalidade para buscar novas aprendizagens, é a motricidade que permite lançar-se ao mundo e captar o seu sentido a qual engloba tanto a significação intelectual como a significação motora. É, pois, com o corpo que apreende as coisas ao redor, de acordo com as situações vivenciadas. A presença no mundo é, portanto, uma presença corporal (MERLEAU-PONTY, 1999).

Nesse sentido, o movimento é uma forma de ajudar a compreender os sentidos construídos artificialmente, pelos conceitos, pela linguagem, pela cultura de modo geral. Através das inúmeras possibilidades de expressão corporal, pode-se entender melhor as relações do sujeito consigo mesmo, com o outro e com o próprio mundo, buscando ultrapassar a dicotomia sujeito/corpo (NÓBREGA, 2000). E é essa dicotomia sujeito/corpo que ainda está muito presente na intérprete de sinais, pois,

Não adianta apenas termos domínio da *língua*, da Libras, mas entender o *common-ground* (estabelecê-lo até), pelo saber o que vai se dizer, a quem e para que, utilizando assim a linguagem, que será bem mais convincente. O domínio apenas *semântico* da língua não chegará aos surdos com a eficiência que poderia - o uso *pragmático* é um poderoso instrumento comunicativo, que precisa ser dominado e utilizado. (ARRIENS, 2005, p. 78).

Como em toda a língua, a apropriação da estrutura gramatical e do vocabulário, das propriedades formais e enunciativas da língua de sinais é essencial para que efetivamente o processo de tradução/interpretação ocorra. Existe nos cursos de intérprete de Libras um ato contínuo de alguém que transmite como um determinado sinal deve ser executado, porque pratica aquele sinal. A intérprete aceita, aprende e passa a usar esse sinal. Contudo, a

execução correta não cerceia o fato de que se possa usar o corpo de uma forma mais plena e leve, ao contrário, a língua de sinais pede uma interpretação sensível realizada por um corpo vivo. Contudo, como poderá ser visto em algumas das sequências de análise das intérpretes o corpo ainda não está sendo “ouvido”.

Como afirma Arriens (2005), é preciso tomar cuidado com os “carimbos” e “clichês”, que acabam por conduzir para outro extremo no uso da língua de sinais: o exagero, a sobreatuação. O que acaba acontecendo é que, infelizmente, os movimentos corpóreo-faciais e a dança *em si mesmos*, e não a língua de sinais, a “palavra”, é que dará o significado ao texto. As tendências ao *exibicionismo*, ao uso de expressões exageradas que não condizem com a língua de sinais, essa mobilização barroca “floreada” transformam-se em *ruído de comunicação*, chamando mais atenção sobre o intérprete do que sobre o que ele está (e precisa estar) interpretando, ou seja de “gozo estético”⁶. Isso posto vale retomar que

Muitos estudiosos mostraram que a eficácia da boa comunicação está diretamente relacionada com as seguintes habilidades: a expressão da fala (em torno de 14%), a entonação das palavras (em torno de 34%) e a expressão facial (em torno de 56%). Entretanto, a comunicação NÃO-VERBAL é tão importante para um relacionamento quanto a própria consciência de utilizá-la corretamente. (ARRIENS, 2005, p. 76 – grifo do autor)

A língua de sinais é uma língua de modalidade espaço-visual (FERREIRA-BRITO, 1995) e possui uma produção manual e uma percepção visual, usa o espaço físico e o próprio corpo do sinalizador para a execução do conteúdo da mensagem visual. Entretanto, entre os estudos sobre a língua de sinais poucos se atêm à questão das ENM e, quando o fazem, voltam-se para os aspectos técnicos de suas manifestações, ou seja, analisam se os olhos estão arregalados, se a sobrelanceira está franzida, se a bochecha está inflada, se o lábio está contraído, se os ombros ou a cabeça ou o tronco foram balanceados e assim sucessivamente.

No que tange às ENM, o procedimento de coleta dos dados percorreu três momentos. Primeiro, foi comentado de forma breve com os surdos entrevistados o que são expressões corporais e faciais e corporeidade e solicitou-se que assistissem a um DVD no qual cinco intérpretes contavam a mesma história e escrevessem em uma folha suas percepções sobre o

⁶ Por gozo estético o autor compreende os “processos anafóricos exagerados, expressões faciais excessivas, movimentos de dança “espaçosos”, em que o intérprete se perde em seu “delírio de projeção”, não se preocupando com o público-alvo a quem se dirige, tampouco respeitando a língua que está utilizando”. (ARRIENS, 2005, p. 79, grifo do autor).

assunto. Num segundo momento, foi entregue o Protocolo do Quadro 1 e foi explicado cada um dos itens detalhadamente para os surdos, para que depois analisassem novamente o mesmo DVD, com as mesmas intérpretes, contando a mesma história, e escrevessem sobre as expressões não-manuais de cada uma delas. Finalmente, na terceira etapa, os surdos fizeram uma interlocução sobre as percepções de cada um sobre as expressões não-manuais e as expressões faciais e corporais.

Assim, a exposição a seguir mostra no Quadro 1 o que cada surdo manifestou sobre a interpretação realizada pelas intérpretes, após a observância do Protocolo dos SNM (FERREIRA BRITO; LANGEVIN, 1994). Para a análise desse material, foi considerado também o material obtido mediante questionário respondido pelas intérpretes, do qual se pode extrair algumas narrativas profissionais, a idade das intérpretes, o nível de escolarização, o tempo que está em contato com os indivíduos surdos, a clientela para qual faz a interpretação, se essa interpretação vincula-se somente dentro do processo educativo ou em palestras, programas políticas, e se trabalha em sala de aula, a faixa etária de seus alunos surdos, são fatos que devem ser observados e levados em consideração pelo leitor, mas que interferem na sua interpretação.

Quadro 1 - Expressões não-manuais da língua brasileira de sinais

EXPRESSÕES NÃO-MANUAIS DA LÍNGUA DE SINAIS BRASILEIRA

Rosto

Parte superior

Sobrancelhas franzidas

Olhos arregalados

Lance de olhos sobranceiras levantadas

Parte inferior

Bochechas infladas

Bochechas contraídas

Lábios contraídos e projetados e sobranceiras franzidas

Correr da língua contra a parte inferior interna da bochecha

Apenas bochecha inflada

Contração do lábio superior

Franzir do nariz

Cabeça

Balanceamento para frente e para trás (sim)

Balanceamento para os lados (não)

Inclinação para frente

Inclinação para o lado

Inclinação para trás

Rosto e cabeça

Cabeça projetada para a frente, olhos levemente arregalados, sobranceiras franzidas

Cabeça projetada para trás e olhos arregalados

Tronco

Para frente

Para trás

Balanceamento alternado dos ombros

Balanceamento simultâneo dos ombros

Balanceamento de um único ombro

Fonte: as “*Expressões não-manuais da língua brasileira de sinais*” (FERREIRA BRITO; LANGEVIN apud QUADROS; KARNOPP, 2004, p. 6).

Quadro 2 - INTÉRPRETE 1

Interprete 1	SURDO 1	SURDO 2	SURDO 3	SURDO 4	SURDO 5	SURDO 6
1. ROSTO Parte superior (olhos, sobrancelhas)	<i>*olhos arregalados não</i>					<i>*falta sobrancelha franzida</i>
2. ROSTO Parte inferior (bochecha, lábios, língua e nariz)		<i>*deve usar mais lábios</i>				
3. CABEÇA (balançar e inclinar para frente e para trás)	<i>*balanceamento para os lados não *cabeça projetada para trás</i>					
4. ROSTO/ CABEÇA (para frente e trás, olhos arregalados e sobrancelhas franzidas)		<i>*nada cara, rosto</i>	<i>*nada de expressão facial</i>		<i>*expressão facial não tem</i>	<i>*falta de expressão facial</i>
5. TRONCO (para frente e trás. Balanceamento de ombros)	<i>*balanceamento do tronco p/ frente não</i>		<i>*usou só o "tronco" balanceamento alternado dos ombros</i>		<i>*usou só para frente e p/ trás *falta balanceamento para frente *tem balanceamento para trás *falta balanceamento para os lados, etc</i>	<i>balanceamento alternado dos ombros</i>

Fonte: Dados da pesquisa, 2009.

A intérprete 1 entrou em contato com a Libras em 2004, mas somente em 2007 com a comunidade surda. Terminou, assim como as demais, o curso de Libras em abril e ainda não fez o ProLibras⁷.

Atuou como intérprete na Educação Básica, poucas vezes no ensino superior e trabalhou em campanhas políticas no ano de 2008 em sua cidade. Ainda é jovem, e recentemente concluiu o Magistério.

Talvez em função da sua pouca experiência no seu cotidiano com os surdos, pouca experiência profissional na análise do DVD torna-se possível perceber que na análise das ENM que ela usou pouco o corpo.

Na análise do Protocolo das ENM os surdos observaram que a intérprete 1 teve

⁷ ProLibras “é um exame de proficiência que objetiva certificar instrutores e professores de língua de sinais e tradutores e intérpretes de língua de sinais” (QUADROS et al, 2009, p. 09).

registrado dezessete (17) intervenções, com uma quantidade de movimentos corporais em número de dez vezes em expressões como “falta”, “nada”, “não tem”, “não” contra sete vezes por ter utilizado a corporeidade em apoio à língua de sinais especialmente no uso do tronco, o que correspondeu a 59% e 41% respectivamente em cinco situações. Foi constatado que a maior ausência foi à falta de movimento de rosto e cabeça.

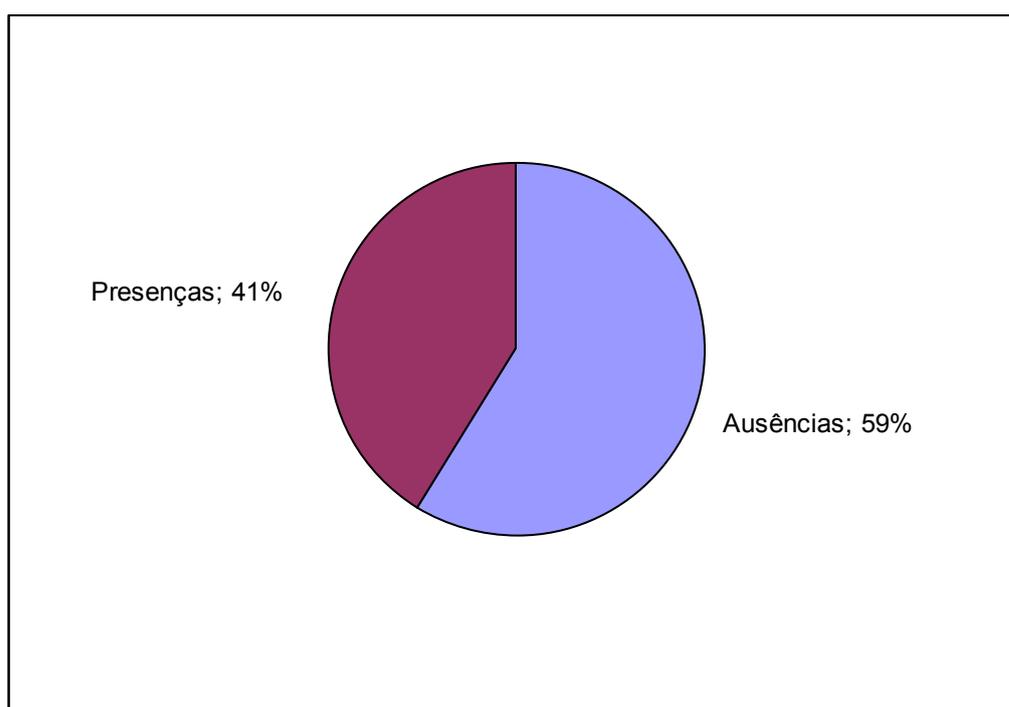


Gráfico 1 - Intervenções da Intérprete 1
Fonte: Dados da pesquisa, 2009.

Quadro 3 - INTÉRPRETE 2

Interprete 2	SURDO 1	SURDO 2	SURDO 3	SURDO 4	SURDO 5	SURDO 6
1. ROSTO Parte superior (olhos arregalados, sobrancelhas)	<i>*sobrancelhas franzidas não</i>					<i>*tem que mostrar o rosto com sobrancelhas franzidas</i>
2. ROSTO Parte inferior (bochecha, lábios, língua e nariz)		<i>* usou bochecha inflada *contração do lábio superior</i>			<i>*bochechas infladas e contraídas</i>	<i>*tem que usar bochechas</i>
3. CABEÇA (balancear e inclinar para frente e para trás)	<i>*balanceamento lateral não *cabeça projetada para a frente</i>				<i>* cabeça projetada para frente</i>	<i>* usar movimentos de cabeça</i>
4. ROSTO/ CABEÇA (para frente e trás, olhos levemente arregalados e sobrancelhas franzidas)					<i>*olhos levemente arregalados *sobrancelhas franzidas</i>	
5. TRONCO (para frente e trás. Balanceamento de ombros)	<i>*olhos levemente arregalados</i>		<i>* olhos arregalados pouco *balanceamento de tronco *ombros alternados</i>		<i>*usou muito balanceamento para frente/trás *balanceamento para os lados não</i>	<i>*movimento do tronco é muito bom</i>

Fonte: Dados da pesquisa, 2009.

A intérprete 2 entrou em contato com os surdos em 2003 e não fez o Prolibras, apenas de intérprete. Atua desde 2004 em todos os níveis que é solicitada e tem curso de pós-graduação.

Essa intérprete recebeu elevado número de referências, totalizando vinte, dessas quatorze foram de *presenças* o que corresponde a 70%, e as ausências foram seis, correspondendo a 30%.

Presenças estas que alcançaram todos os campos do Protocolo. Cabe referenciar de maneira especial nove movimentos de rosto e cabeça, emprego de olhos arregalados, bochechas infladas, sobrancelhas franzidas e inclusive, foi a única intérprete em que se constatou contração de lábio. Também há cinco referências ao uso do tronco e ombros. Os surdos 5 e 6 disseram que o seu movimento foi muito bom.

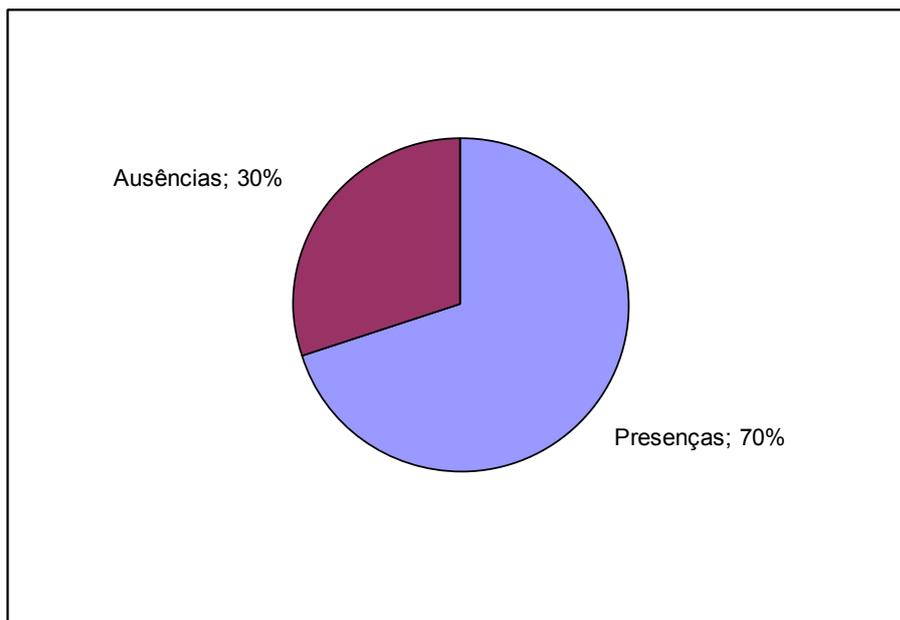


Gráfico 2 - Intervenções da Intérprete 2

Fonte: Dados da pesquisa, 2009.

Quadro 4 - INTÉRPRETE 3

Interprete 3	SURDO 1	SURDO 2	SURDO 3	SURDO 4	SURDO 5	SURDO 6
1. ROSTO Parte superior (olhos, sobrancelhas)	<i>*sobrancelhas franzidas não</i>			<i>*rosto morto, não há expressão</i>		<i>*mostra o rosto com um pouco de sobrancelha franzida</i>
2. ROSTO Parte inferior (bochecha, lábios, língua e nariz)					<i>*faltou bochechas infladas e contraídas</i>	
3. CABEÇA (balançar e inclinar para frente e para trás)	<i>*cabeça projetada para a frente</i>	<i>*é morreu da cabeça</i>	<i>*usou a cabeça com balanceando</i>			
4. ROSTO/ CABEÇA (para frente e trás, olhos arregalados e sobrancelhas franzidas)		<i>*rosto e cabeça não tem expressão, nada</i>	<i>*não usou rosto, cabeça</i>		<i>*não usou expressão facial</i>	<i>*há falta de rosto e cabeça</i>
5. TRONCO (para frente e trás. Balanceamento de ombros)	<i>*olhos levemente arregalados *falta balanceamento do corpo *balanceamento de ombro</i>		<i>*tronco não</i>		<i>* não usou expressão corporal *balanceamento p/ frente/atrás sim *não balanceamento para os lados</i>	<i>*movimento do tronco é bom</i>

Fonte: Dados da pesquisa, 2009.

A intérprete 3 conheceu a Libras em 1999 por curiosidade ao visitar a escola especial. Então, passou a conhecer melhor os surdos e passou a praticar Libras. Também tem o curso de intérprete, mas não o Prolibras. Não atua como intérprete, mas como professora em sala de aula. Tem o curso de magistério em nível de ensino médio e o curso de graduação em letras.

Essa intérprete utilizou menos movimentos de rosto e cabeça, observando-se oito ausências de movimentos, como: sobrancelhas franzidas, bochechas infladas ou movimento da cabeça para frente e para trás corresponde a 67%.

Embora haja quatro registros de presença de olhos levemente arregalados, cabeça projetada para a frente e um pouco de sobrancelha franzida, o que corresponde a 33% do índice de ocorrência de sinal em apoio à Libras. No uso do tronco as citações foram em número de sete, sendo quatro para apontar ausência de balanceamento ou uso da expressão facial contra três observações de presença movimento de tronco e ombro, sendo que o surdo 6 disse que o movimento da intérprete era bom.

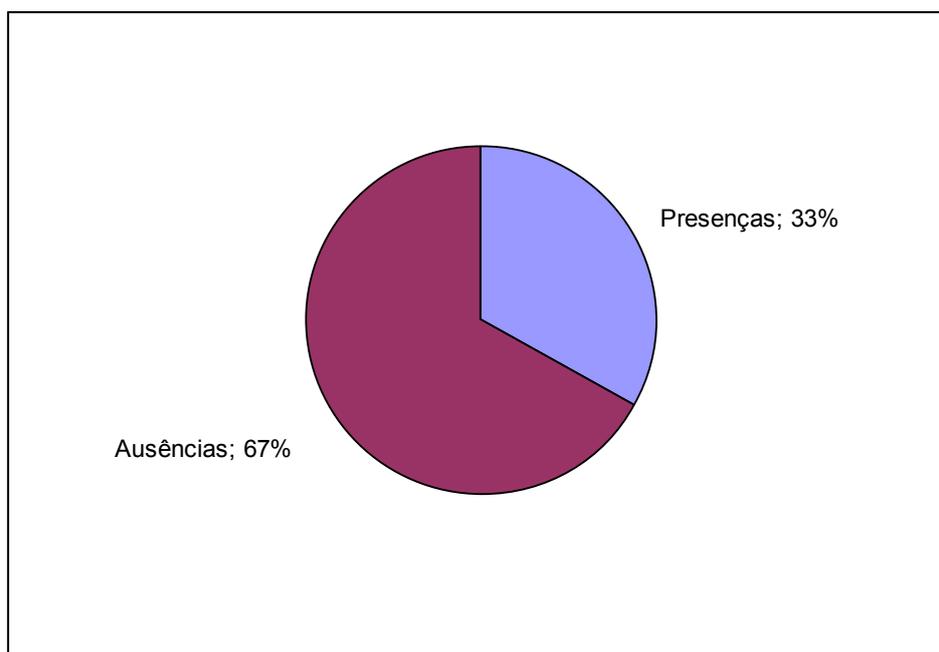


Gráfico 3 - Intervenções da Intérprete 3
Fonte: Dados da pesquisa, 2009.

Quadro 5 - INTÉRPRETE 4

Interprete 4	SURDO 1	SURDO 2	SURDO 3	SURDO 4	SURDO 5	SURDO 6
1. ROSTO Parte superior (olhos, sobrancelhas)						<i>*mostra o rosto de parte superior</i>
2. ROSTO Parte inferior (bochecha, lábios, língua e nariz)	<i>*bochechas infladas</i>	<i>*falta contrair a bochecha</i>				<i>*mostra o rosto de parte inferior</i>
3. CABEÇA (balançar e inclinar para frente e para trás)	<i>*cabeça com inclinação lateral e p/frente e trás</i>				<i>*as vezes tem cabeça projetada para frente</i>	<i>*falta um pouco de movimento de cabeça</i>
4. ROSTO/CABEÇA (para frente e trás, olhos arregalados e sobrancelhas franzidas)		<i>*não usa o rosto e cabeça</i>	<i>*usou rosto, cabeça</i>		<i>*olhos levemente arregalados</i> <i>*sobrancelhas franzidas</i>	
5. TRONCO (para frente e trás. Balanceamento de ombros)	<i>*corpo não para trás e frente</i>		<u>usou bastante expressão corporal</u> <i>*usou tronco</i>		<i>*falta corpo</i> <i>*balanceamento p/frente/trás sim</i> <i>*balanceamento p/ lados não</i>	<i>*movimento de tronco é bom, mas falta de algum item</i>

Fonte: Dados da pesquisa, 2009.

A intérprete 4 começou a trabalhar com os surdos em 2004, não fez o Prolibras e tem o curso de intérprete há um ano, assim como as demais. Em virtude da carência de intérpretes na região e por ser professora de surdos, realiza eventualmente a função de intérprete em palestras e para a comunidade surda. Atua como intérprete no ensino médio e atualmente está cursando especialização na área de surdez.

Essa intérprete usou todos os pontos do protocolo sendo contabilizadas dezessete intervenções no total. Doze referiram-se a presenças, das quais oito foram de movimento facial ou de cabeça, especialmente com a utilização dos olhos levemente arregalados, das sobrancelhas franzidas, bem como o uso da cabeça quer projetada para frente/atrás ou com inclinação lateral, que corresponde a 70% de presenças.

Houve um total de cinco ausências, dos quais dois registros são de bochecha e rosto e três de tronco. O tronco foi referenciado cinco vezes com presença pela intérprete em apoio à língua de sinais que corresponde a 30%.

O surdo 3 foi enfático ao dizer que a intérprete “usou bastante expressão corporal”, e o surdo 6, relatou que o movimento de tronco “é bom”, mas complementou com um dado

interessante: “QUE FALTA ALGUM ÍTEM”, observação que será retomada posteriormente. Apesar da intérprete ter usado dezessete intervenções no uso das ENM, houve três intervenções comentando sobre a “expressão corporal”; ‘corpo’ e a “falta algum item”. Isso denota que o uso dos sinais corretos e das ENM. Evidencia que algo foi reivindicado pelos surdos relativo ao corpo e que, embora não ser nomeado tecnicamente, indica uma necessidade no processo de produção de sentidos desencadeado pela intérprete.

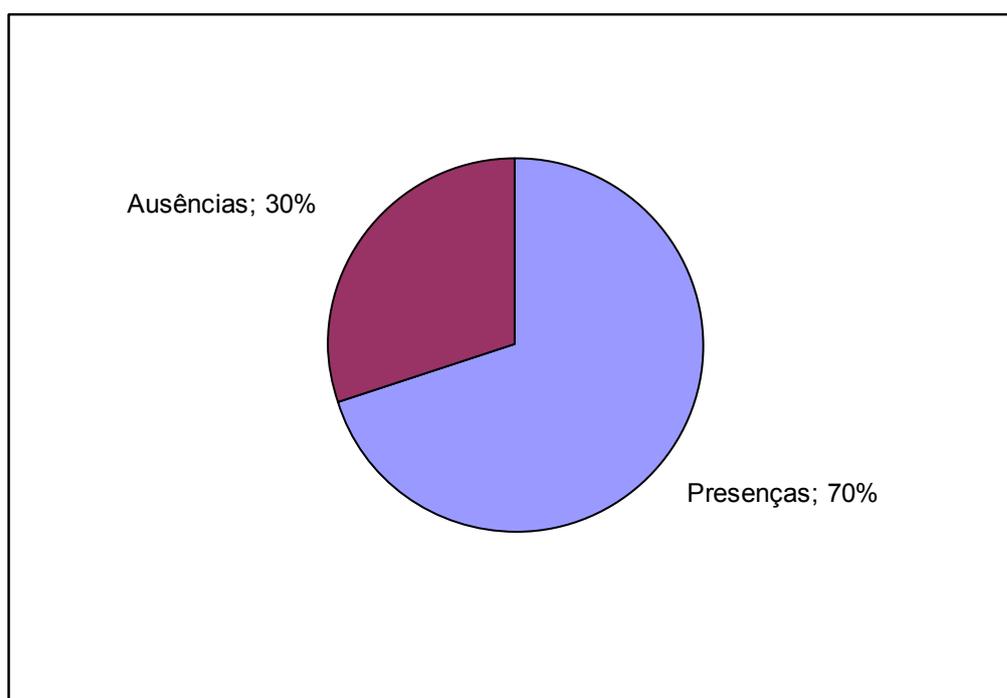


Gráfico 4 - Intervenções da Intérprete 4
Fonte: Dados da pesquisa, 2009.

Quadro 6 - INTÉRPRETE 5

Interprete 5	SURDO 1	SURDO 2	SURDO 3	SURDO 4	SURDO 5	SURDO 6
1. ROSTO Parte superior (olhos, sobrancelhas)	<i>*lance de olhos e sobrancelhas levantadas</i>		<i>*usou sobrancelhas *olhos arregalado</i>			
2. ROSTO Parte inferior (bochecha, lábios, língua e nariz)	<i>*bochechas contraídas</i>				<i>*tem bochechas infladas e contraídas</i>	
3. CABEÇA (balançar e inclinar para frente e para trás)						<i>*mostra a cabeça completa</i>
4. ROSTO/ CABEÇA (para frente e trás, olhos arregalados e sobrancelhas franzidas)		<i>*nada expressão</i>	<i>*usou bastante expressão facial</i>		<i>*falta expressão facial</i>	<i>*falta um pouquinho no rosto e cabeça *quase mostra o rosto completo</i>
5. TRONCO (para frente e trás. Balanceamento de ombros)	<i>*balanceamento para frente e p/ trás</i>		<i>*pouco tronco</i>		<i>*é fraca corporal *balanceamento para frente/trás</i>	<i>*tronco quase completo</i>

Fonte: Dados da pesquisa, 2009.

A intérprete 5 não fez a devolução do questionário (Anexo C)

Ela recebeu um total de dezessete registros, dos quais quatorze foi de presença de rosto, cabeça, ombros e tronco em apoio a sua interpretação em Libras dando um percentual de 82%. Este percentual foi principalmente alcançado em movimentos de rosto com lance de olhos arregalados e sobrancelhas levantadas com dois indicadores para cada classificação. O uso do tronco recebeu três citações de presenças, o que corresponde a 18%, embora um deles, o surdo 3, tenha observado o uso restrito do tronco.

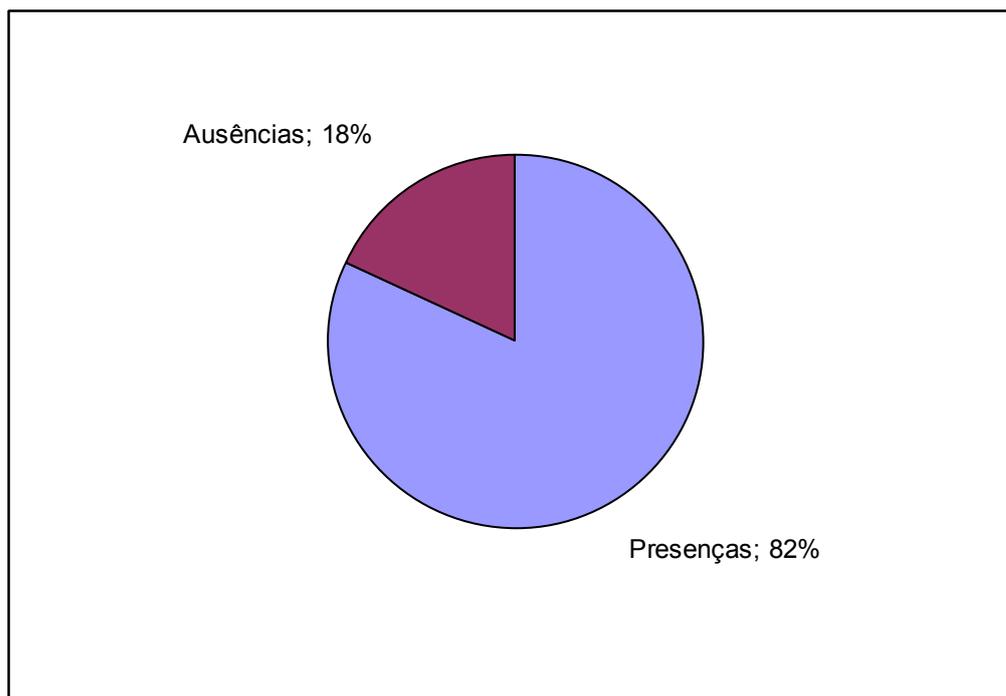


Gráfico 5 - Intervenções da Intérprete 5 REC
Fonte: Dados da pesquisa, 2009.

É possível analisar com base nas respostas dos surdos com relação às expressões não-manuais utilizadas pelas intérpretes, ao contar a história “A jovem mulher”, o *total geral* contabilizou noventa registros, feitos por seis surdos analisando cinco intérpretes. O maior número de registros foi de presenças, com 56 observações, o que corresponde a um percentual de 62%. As ausências totalizaram 34, o que corresponde a 38%.

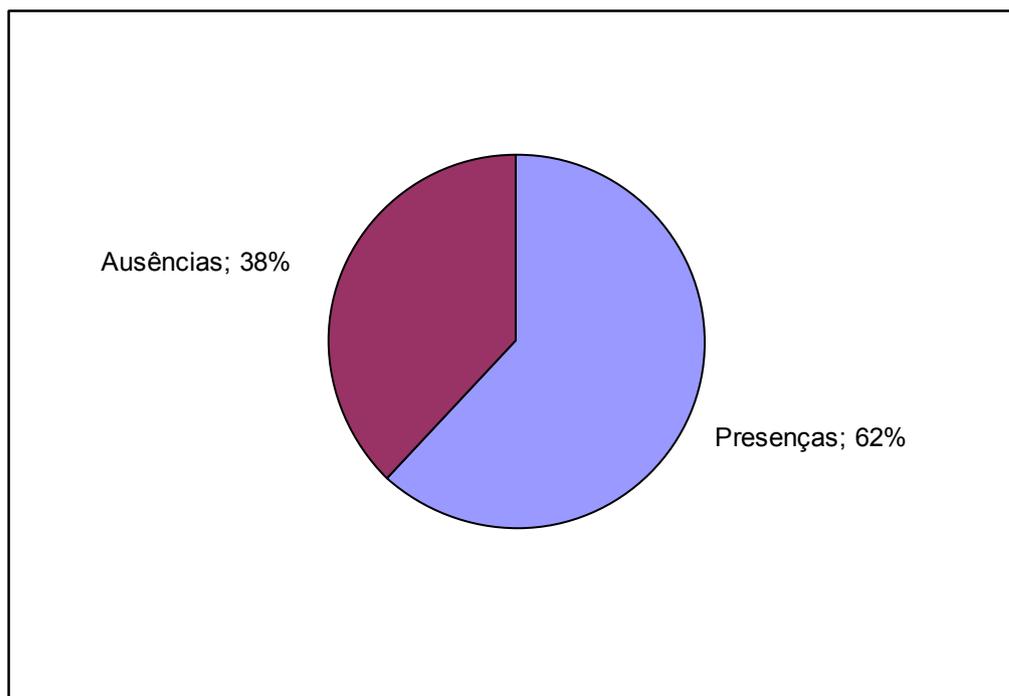


Gráfico 6 - Total geral de presenças e ausências das seis intérpretes
Fonte: Dados da pesquisa, 2009.

Os noventa registros feitos por seis surdos analisando cinco intérpretes foram estratificados em três partes, que se consideram importante para fins de análise conforme o protocolo: rosto, cabeça, tronco com ombro. Partindo das noventa (90) intervenções a **cabeça** foi a menos citada com 18 registros o que correspondeu a 20% e em seguida.

O **tronco com ombro totalizou** 31 citações, o que corresponde a 34% das referências, sendo que nove apontamentos foram de ausências, contra vinte e duas presenças

Quanto ao **rosto**, compreendendo a sua parte superior, inferior e o rosto como um todo, recebeu 41 registros, o que, de um total de noventa, corresponde a 46%. Logo, os próprios números **revelam que o rosto foi a parte do corpo que recebeu a maior parte das inferências pelos surdos ao analisarem os intérpretes no uso das expressões não-manuais.**

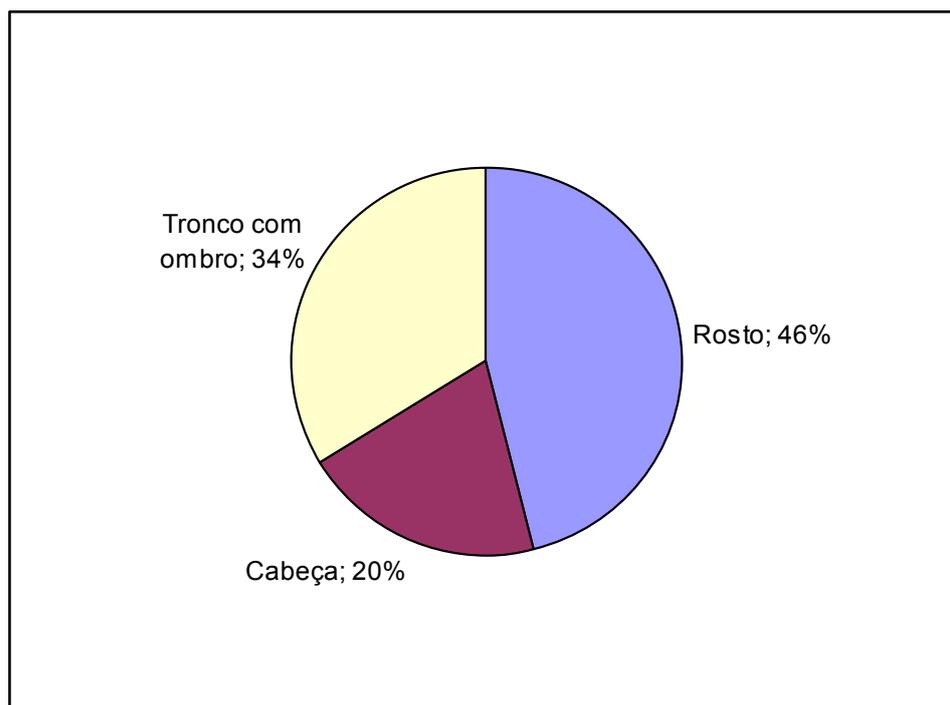


Gráfico 7 - Registros de rosto, cabeça e tronco com ombro
Fonte: Dados da pesquisa, 2009.

O percentual unificado da **cabeça com o rosto** mostra um total de 66%, o que corresponde a um terços dos movimentos, contra um terço do tronco. Assim, percebe-se que embora se enfatize muito o movimento das mãos, para os surdos o fundamental é a expressão facial e corporal da cabeça e do rosto. Este resultado é importante, pois não há registro até o momento de dados tão minuciosos sobre a língua de sinais e, principalmente, a importância que o rosto tem na percepção visual do surdo.

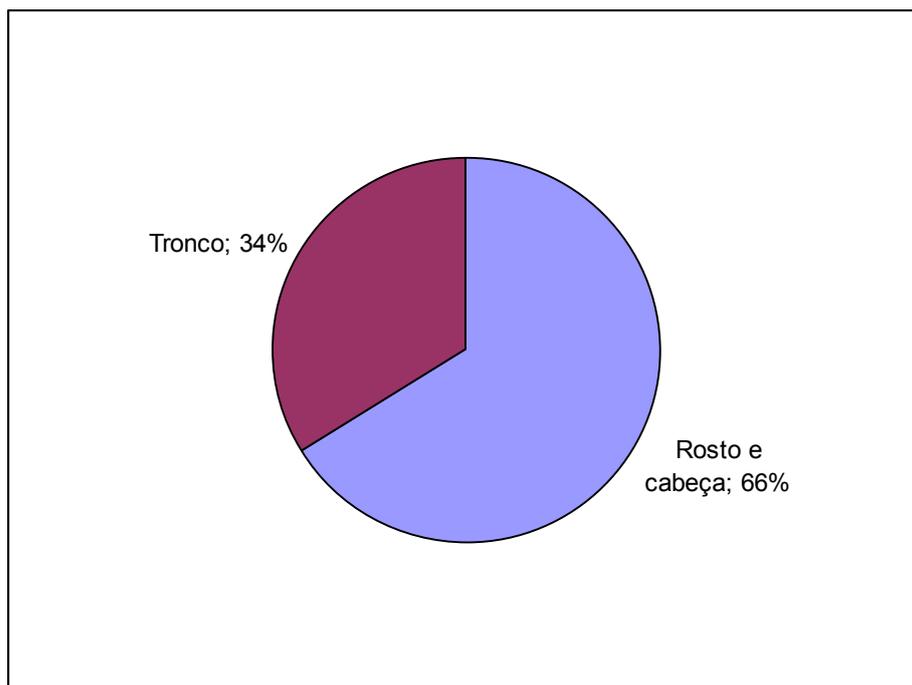


Gráfico 8 - Registros de rosto e cabeça e tronco
Fonte: Dados da pesquisa, 2009.

A análise das expressões não-manuais é importante uma vez que, para fazer uma interpretação, é preciso que o intérprete tenha conhecimentos teóricos para que suas escolhas sejam apropriadas tecnicamente. As escolhas são lexicais, estruturais, semânticas e pragmáticas na língua alvo e devem se aproximar ao máximo da informação dada pela língua de origem. Assim como nos cursos de preparação para as intérpretes de Libras, na prova de proficiência em Libras e nos concursos públicos ou privados, é essencial que o intérprete tenha “domínio dos processos, dos modelos, das estratégias e técnicas de tradução e interpretação” (QUADROS, 2004, p. 28).

Na língua de sinais, as expressões não-manuais têm duas funções distintas: expressar emoções e marcar estruturas gramaticais específicas (como orações relativas), distinguindo dessa forma as funções lingüísticas, que se constitui em uma característica única da língua de sinais como modalidade viso-espacial. As marcas lingüísticas e afetivas das expressões não-manuais se diferem na língua de sinais de várias maneiras. Existem pelo menos quatro distinções essenciais entre esses dois tipos de expressão que marcam o uso diferente de uma mesma musculatura facial. São elas:

- (a) rápido início e compensação da ativação do músculo: as expressões faciais afetivas são inconstantes e inconsistentes nos seus padrões de início e de compensação. Em oposição, as expressões faciais lingüísticas na ASL são claras, rápidas e específicas em seus padrões;
- (b) músculos faciais individualizados: as expressões afetivas são globais e fazem uso de um conjunto de músculos faciais, enquanto as expressões faciais gramaticais podem escolher músculos faciais individuais que nunca são individualizados numa expressão normal de emoção;
- (c) escopo lingüístico: expressões afetivas podem ocorrer tanto antes como depois de uma produção lingüística e não estão necessariamente associadas a um evento lingüístico específico. Já as expressões faciais gramaticais estão intimamente ligadas aos sinais manuais. O escopo da expressão lingüística facial demarca fronteiras gramaticais pontuais.
- (d) obrigatoriedade: as marcas lingüísticas faciais para a função específica a que pertencem (orações relativas ou condicionais, por exemplo) são requeridas na ASL, enquanto que a marca manual é opcional. (QUADROS; PIZZIO; REZENDE, 2009, p. 8)

Arriens (2005) comenta que a comunicação não-verbal está essencialmente vinculada à linguagem corporal e que os movimentos corporais, os gestos, são basicamente culturais e correspondentes a um senso coletivo de significados capazes de fundamentar suas manifestações. Segundo ele, a corporeidade também faz suas delimitações espaciais em vista dos relacionamentos estabelecidos.

Enquanto os surdos usam a comunicação não-verbal como uma estratégia fundamental para comunicação, e como recurso de ênfase no seu discurso, os intérpretes a usam apenas com um recurso no discurso sinalizado, conforme o tipo de orientação que recebeu na língua de sinais, o grau de contato e a imersão lingüística nas comunidades surdas.

Os intérpretes, por sua vez, também terão essa linguagem NÃO-VERBAL, de acordo com o *input* de LIBRAS que receberam: Libras pura, pidgin, português sinalizado, etc. A comunicação expressiva ou receptiva do intérprete estará então determinada, basicamente, pelo tipo de orientação em Libras que recebem e pelo grau de contato e imersão lingüística nas comunidades surdas. Outro fator de sucesso nessa comunicação será, também, a competência lingüística em ambas as línguas (oral e de sinais), além da formação corpóreo-facial que esse intérprete desenvolveu. (ARRIENS, 2005, p. 77).

Na língua de sinais, mesmo que se utilizem os sinais a partir da combinação da forma e do movimento das mãos e do ponto no corpo ou no espaço onde são feitos, não há um sentido pleno de entendimento, fato que será analisado com maior profundidade na categoria “análise da história”. Como *corpo biológico*, a intérprete de língua de sinais detém um conhecimento teórico, uma execução correta nos enfoques teórico e prático e capacidade técnica para

realizar escolhas dentro dos níveis lingüísticos como o fonológico, o morfológico, o sintático e o semântico, mas realiza uma interpretação embora correta de forma mecanicista, usando tão somente o corpo objeto.

Observa-se na análise dos quadros que sistematizam as observações dos seis surdos, que o surdo 4 não é citado em nenhum dos quadros. Por quê? Assim como foi feito com as intérpretes, resgatar-se-á um pouco da sua história pessoal e alguns elementos de seu modo de ver o trabalho do intérprete. Trata-se de um jovem que trabalha como instrutor de Libras, formado em Educação Física, cursando pós-graduação e aprovado no Prolibras. Em suas respostas ao questionário (Anexo F), afirma que todos os surdos querem intérpretes que tenham habilidades para interpretar/e ou traduzir e que devem saber bem como usar expressões suficientes para que se possam chamar a atenção dos surdos. Entre todos os surdos participantes deste estudo sempre foi o mais enfático com relação à necessidade das expressões faciais e corporais para a interpretação. Na questão relativa à corporeidade, afirma que “a corporeidade é importante para interpretação da Libras, porque pode esclarecer o contexto ou sentido do sinal”. Ratifica, assim, a importância da corporeidade para este surdo.

Quanto mais vivo for o nosso corpo, mais vivamente *estaremos* no mundo, conseqüentemente, nas nossas interpretações pois

Nosso corpo indica a intensidade de nossa presença na interpretação. Logo, precisamos de profunda *consciência corporal* para descobrirmos parte do que somos e, quando necessário for, quebrar estruturas erradas e cristalizadas para podermos desenvolver a arte da boa interpretação e *linguagem corporal expressiva*. (ARRIENS, 2005, p. 77)

O fato de ser um jovem surdo, graduado em Educação Física, revela uma percepção maior sobre a importância do movimento, consegue vislumbrar para além do sinal ou do conjunto de locações que é o espaço de sinalização que inclui o tronco, os braços, o rosto e o espaço neutro a frente do sinalizante. Há uma percepção da figura fundo por trás que não pode ser esquecida, ignorada, e que não é apenas um corpo, mas um intérprete que possui uma corporeidade, embora evidenciados em níveis diferenciados. Todos os enunciados provenientes dele são ligados a palavras como: “expressão”, “falta de expressão”, expressões diferentes” ou “expressões muito limitas”, reivindicando algo que não está previsto pelo quadro de expressões não-manuais mapeadas no protocolo que será analisado posteriormente. A opinião de cada indivíduo, seu comportamento, depende das informações, dos

conhecimentos, das crenças e das percepções do corpo. Tudo o que rodeia o sujeito desde o seu nascimento é percebido pelo seu corpo, que acolhe e ressignifica para que as coisas tenham um sentido.

Todos esses indicativos corporais e faciais foram descritos para que se tenha a percepção de quantos gestos e movimentos expressivos se podem fazer sem que se perceba e, sobretudo, de que todos são, de alguma forma, significativos. Em acordo com isso, a Língua de sinais não é apenas uma forma de articular gestos, mas constitui-se numa forma de manifestação corporal. Portanto, a intérprete não pode ser tímida, contida; precisa usar, se necessário, a amplitude de movimentos, mas calcada numa cultura em que a discrição é uma virtude (QUADROS, 2004). Os surdos cobram essa atitude, querem que o corpo sígnico tenha significado para poder ser significante ao traduzir uma mensagem.

A língua de sinais ocorre dentro de um processo espaço-visual no qual o intérprete utiliza uma forma de comunicação específica dos surdos, propiciando uma interação comunicativa. Didaticamente falando, um professor de alunos ouvintes pode chamar a atenção dos seus alunos baixando o tom de voz, ao passo que o intérprete adota outras estratégias, como o olhar, a postura, o gesto, que são um diferencial. Para os linguistas, os aspectos “paralinguísticos” como a entonação de voz, pausas durante a fala e o modo como são distribuídos nas elocuições configuram-se em uma comunicação não verbal para as crianças sem déficit auditivo. Para Wood (2004), diferenças na forma, no modo e na magnitude dos movimentos corporais entre os diversos grupos humanos podem levar a certo grau de “erro de sintonia temporal”, uma vez que ao interagirem membros de culturas diferentes pode ocorrer “uma sensação difusa e indefinível de desconforto mútuo quando estão juntos”. Esses movimentos verbais e não-verbais pelos quais as pessoas geralmente não têm consciência podem criar obstáculos para a confiança mútua.

O processo inverso ocorre quando existe uma preocupação de quem fala, quando há consciência de que há ouvintes visuais, cinestésicos e auditivos; que ao usar tons de voz alternados, silêncios, ênfases ou o prolongamento de uma sílaba, propicia que os ouvintes se atenham mais ao discurso. Uma palavra, um gesto e uma entonação diferenciada são um convencimento poderoso.

Observa-se que falta “algo mais”, como cita a surda 6, quando o objetivo era tão somente analisar o Protocolo das ENM, pois apenas os fundamentos fonológicos, morfológicos, sintáticos, semânticos, pragmáticos e sócio-lingüísticos da língua de sinais não são suficientes para a perfeita interpretação e compreensão da história “A jovem mulher” pelos surdos, o que se manifesta no número de ausências detectadas. Também é importante

observar que mesmo com um Protocolo sobre as ENM na sua frente para analisar os surdos continuam falando em expressão facial e corporal, ou seja, esperam que as intérpretes usem sua corporeidade.

Finalmente, é preciso uma atenção a ausência de falas do surdo 4, pois o mesmo quando foi solicitado que analisasse juntamente com os outros cinco surdos universitários as interpretações, simplesmente escreveu sempre o enfoque como “expressão facial”, “expressão corporal”, “morreu da cabeça para baixo”, “não mostra emoções no decorrer da história” e assim sucessivamente. Isso mostra que há um corpo indiviso, sem fragmentação. Não é possível somente um enfoque, existe um corpo com uma interioridade absoluta, que não pode ser mascarado, há uma dimensão complexa (MERLEAU-PONTY, 1999).

A língua de sinais é uma modalidade viso-espacial e toda a corporeidade se explicita vai muito além do timbre de um som ou da voz, pois há o tronco, os braços e as mãos, ou seja, é tridimensional. Um olhar superficial não consegue imergir na profundidade de um gesto executado com uma expressão facial e corporal, que vai muito além de uma configuração de mãos perfeitamente executada; é preciso ir além da matéria. Nós ouvintes, aprendemos de forma empírica neste mundo turbulento e cerceado de tecnologia, uma cultura em o que o corpo é apenas matéria, deixando assim, de perceber e ver o “não dito”.

Para Tavares (2003), a percepção de corpo, atualmente busca o ser sistêmico, como um fenômeno complexo. O corpo fala, mas sufocado pelas marcas de um ambiente escolar de “corpos dóceis”; cresce envergonhado, tímido, ignorando suas raízes, sua cultura e sua história. Este mesmo corpo é, desde o início, instituído como força de trabalho, marginalizado, sufocado por uma sociedade oralista e muitas vezes educado sob uma filosofia audista.

Quando refletimos sobre a corporeidade, é preciso viajar no tempo e ir ao encontro de grandes temas filosóficos; falar de corpo e corporeidade implica repensar o projeto antropológico construído pelos gregos, teólogos medievais, filósofos modernos e, agora, aceito pelos pensadores contemporâneos (SANTIN, 1994). Assim, será que podemos, de alguma forma conceber o pensamento humano dissociado do corpo? Ou pensar sem o corpo? Ou realizar uma interpretação em língua de sinais sem usar as expressões faciais e corporais ou a corporeidade?

Não podemos olhar somente o gesto; o sentido de um sinal não existe por si só, mas contextualizado, ele se confunde com a estrutura do mundo. O diálogo precisa ser visto e percebido pelos surdos com a possibilidade de novos olhares, com outras perspectivas, não

compartimentada tão somente em sinais isolados. Existe muito mais que um corpo, existe uma corporeidade em cada intérprete.

De acordo com o dicionário crítico de Educação física, a corporeidade constitui-se “numa idéia ampla, é uma idéia abstrata de corpo, de ser corpóreo” (GONZÁLEZ; FENSTERSEIFER, 2005, p. 103). A corporeidade vem ao encontro da ideia de superar a disjunção entre as dimensões que constituem o ser humano, influenciada historicamente pelo paradigma mecanicista e de dicotomia corpo-mente. Trabalha-se e fala-se sobre os corpos numa perspectiva de limitações, não de possibilidades. Mantêm-se, entretanto, apesar das falas, corpos reprimidos, sufocados continuamente por culturas que se alteram, mas que mantêm a repressão corporal.

Cada movimento do ser humano como sujeito, seja simples, seja complexo, simples ou combinado, possui uma função num determinado momento da vida, possui uma finalidade e exprime certo fato. Assim, não é apenas um mover-se; existe uma forma de atuar por meio do movimento, e as causas e consequências motoras deste somente o homem pode empregar e gerar. É a vida, o cotidiano, o movimento diário em que o corpo é usado como instrumento da alma e da mente, propiciando um “diálogo” com o mundo.

Para Nóbrega (2000, p. 42), “a experiência do corpo em movimento ajuda-nos a compreender os sentidos construídos artificialmente, pelos conceitos, pela linguagem, pela cultura de modo geral”. As diversas possibilidades corporais nos permitem compreender que vários sentidos, são elaborados em relação consigo mesmo, com o outro e com o próprio mundo. Esse diálogo ocorre corporalmente com todos os seres humanos, em todas as profissões; contudo, na profissão de intérprete o corpo muitas vezes ainda não é percebido dentro de suas características peculiares. Muitas vezes, a concepção de corpo como substância material e biológica é o que se impõe. Nosso corpo não possui partes isoladas, como afirma Merleau-Ponty: “elas estão desdobradas umas as outras ao lado das outras, mas envolvidas umas nas outras” (1999, p. 143).

O fato da intérprete tocar o nariz não obriga a que se deva ignorar a localização de outras partes do seu rosto como olhos, sobrancelhas, nariz, boca, testa, bochechas; o toque no nariz designa a ancoragem ativa em uma determinada parte do seu corpo. Não se pode descontextualizar todo o rosto, posicionar a figura-fundo em detrimento de um único gesto num único local da face, esse fato deve ser observado em toda a zona espacial em frente ao corpo e à cabeça onde a Libras é realizada. Interessante observar o exemplo citado por Merleau-Ponty (1999) sobre a saudação militar, pois o gesto de colocar a mão sobre a testa é acompanhado de outros sinais exteriores que envolvem respeito. Não há como dissociar o

corpo como um todo, pois somos uma corporeidade pelas narrativas que são construídas historicamente, pela expressão dos olhos, pela postura ativa do rosto do soldado, postura empertigada do corpo, todos os gestos executados de forma igual, compõe uma fala corporal. O mesmo gesto ao ser executado por um superior, demonstra uma expressão facial e corporal diferente, sem o porte mais humilde do subordinado.

Merleau-Ponty, ao falar da corporeidade, compreende que para se viver o corpo-sujeito é preciso superar a lógica do dualismo cartesiano entre corpo e alma. Uma atitude fundada na corporeidade encontra-se num mundo onde a exterioridade desvela de forma imperceptível muitos dos pensamentos e sentimentos dos sujeitos, de acordo com o seu cotidiano e com todas as narrativas que compuseram e compõem suas histórias de vida. Ao deter o olhar, que é considerado o espelho da alma para Weil e Tompakow, vê-se tudo e demais, “mas todos nós percebemos muito menos do que vemos; a mensagem fica diluída” (1999, p. 109, grifo do autor). Um olhar mais detalhado e menos superficial mostra que olhar pode parecer angustiado ou feliz observando se estão arregalados ou contraídos, indignados ou na dúvida, se as sobrancelhas estão levantadas ou qual seu interesse no momento pela direção desse olhar. Vê-se demais, mas só se enxerga o que interessa, esquece-se do corpo e de como é possível através dele compreender e ser compreendido.

É por meu corpo que compreendo o outro, assim como é por meu corpo que percebo “coisas”. Assim “compreendido”, o sentido do gesto não está atrás dele, ele se confunde com a estrutura do mundo que o gesto desenha e que por minha conta eu retomo, ele se expõe no próprio gesto. (MERLEAU-PONTY, 1999, p. 253)

Cada ser humano exerce no mundo uma presença por meio do seu corpo, que, ao mesmo tempo, esconde e revela a sua maneira de ser para o outro. Ao se viver essa ambiguidade permite que a interioridade, de um assim com a do outro, independentemente da sua vontade, seja visualizada pelo seu corpo. “O corpo é, assim, expressão e comunicação” (GONÇALVES, 2007, p. 103).

Quando foi realizado o questionário para os surdos (Anexo E), foi-lhes solicitada a opinião sobre corporeidade, sem, contudo, mencionar o que seria analisado na pesquisa. As respostas dadas foram transcritas na íntegra, pois são fundamentais dentro da proposta da pesquisadora nesta dissertação, que é a corporeidade das intérpretes.

Surdo 1- não respondeu.

Surdo 2 – *“É importante expressões faciais e corporais porque os surdos vai dar entender bem claro, por isso usou com é principal expressão “fala dica”.*

Surdo 3 – *“Sim, porque o intérprete precisa usar expressão facial e corporal junto com a língua de sinais ajuda muito a entender o contexto senão, é ruim ver sem expressão facial”.*

Surdo 4- *“Corporeidade é importante para interpretação de Libras porque pode esclarecer o contexto ou sentido do sinal”.*

Surdo 5 – *“Sim, eu acho importante corporeidade, mas faltar expressões faciais, movimentos corporais, pode ser ajudar e estimular o intérprete treinar expressões faciais e corporais”.*

Surdo 6 – *“A corporeidade é muito importante, porque mostra a expressão facial e corporal, esclarece melhorado para surdos compreenderam”.*

A mesma questão foi feita às intérpretes. Em suas respostas comentam que é preciso:

- ✓passar a mensagem de forma clara e objetiva;
- ✓boa comunicação;
- ✓expressão facial e corporal;
- ✓clareza de sinais;
- ✓é a “voz do surdo”;

Percebe-se que, efetivamente, entre elas existe uma clareza sobre a importância da expressão facial e corporal na atividade de interpretação. A forma como uma mensagem é compreendida pelo surdo ou pelo ouvinte depende da maneira como o educador e o intérprete representam os gestos. Para tanto, compreender como a corporeidade do intérprete educacional está sendo vivenciada numa mensagem, numa explicação, num sentimento ou numa história narrada é fundamental, como ratificado pela manifestação do surdo 5 ao escrever referindo-se a uma das intérpretes: *“Mas falta expressão facial e corporal; também não mostrou emoções diferentes e a narração de uma história sempre apresenta emoções diferentes durante a cena”.*

Como já comentado no início deste capítulo, na terceira etapa da coleta de dados foi solicitado que os surdos fizessem um círculo e comentassem o que haviam considerado importante no decorrer das interpretações. A primeira pergunta feita aos surdos foi se a corporeidade poderia ser importante ou se uma ação gestual corretamente feita pelo intérprete contribuiria na compreensão.

O surdo 2 afirma:

É verdade, explicar sinais. O surdo precisa também que tenha esse movimento, essa conversação, essa função, mas se às vezes não tem, eu também quero ser feliz um pouco. O professor fica fala, fala, falando e eu fico imaginado que o meu intérprete também está falando, igual ao mestre. Às vezes, o intérprete fala diferente, fala menos, ele parece meio tímido. Ele tem que falar da mesma forma do professor: se o professor fala alto, ele tem que falar também; se o professor fala rígido, também. Às vezes o professor tá (sic) brabo, e o surdo pergunta se o professor tá brabo e o intérprete fala que não, não tá (sic) brabo.

Ao ser comentado sobre o processo inverso, ou seja, se para o surdo é importante que o intérprete repasse a mensagem ao professor com a mesma intensidade corporal, a surda 5 afirma que sim, que o intérprete é um profissional. Logo, “se eu tô furiosa, é ela que tá braba, cita seu próprio nome, não é a intérprete, é a minha intérprete. A culpa é do surdo, nada a ver com intérprete, ele tá fazendo o seu trabalho”. O surdo 2 afirma que “é o trabalho do intérprete e a culpa do surdo, nada a ver com o intérprete. Ela tá (sic) fazendo seu trabalho”.

No questionário para os surdos, conforme o Anexo E solicitou-se a sua opinião sobre o uso do balbucio (oralizações ou vocalizações), se são ou não favoráveis a que a intérprete oralize ou vocalize as palavras ao realizar a tradução e que justificassem a sua resposta. As respostas foram variadas: o surdo 1 não se pronunciou e os surdos 2, 3, 4, 5 e 6 são desfavoráveis ao balbucio.

3. 2 A interpretação no contexto da história

Rousseau, em seu livro *Ensaio sobre a origem das línguas*, afirma que na primeira instituição social o homem utilizou os gestos como uma forma de se comunicar. O gesto, que provém do latim *gestus*, maneira de “proceder”, “atitude”, “movimento expressivo”, pode ser intencional, como abanar, por exemplo, ou um tique nervoso, como tamborilar os dedos sobre a mesa, mas são apenas gestos não intencionais. (RECTOR; TRINTA, 1999). Mesmo num gesto que não é feito de forma deliberada está presente um corpo, que expressa um discurso e consequentemente, uma forma de comunicação.

Historicamente, a sociedade moderna vem trazendo um distanciamento progressivo da participação do corpo na comunicação. O mercado de trabalho cada vez mais especializado, com grande desenvolvimento científico e tecnológico, acaba por reduzir a espontaneidade e a expressão corporal, o que cada vez mais instrumentaliza o corpo. Nessa perspectiva cotidiana,

o homem sofre o processo de descorporalização, ou seja, vai progressivamente se tornando independente, desvinculando a comunicação empática do seu corpo com o mundo e reduzindo a sua capacidade de percepção. Perdeu-se, assim, a espontaneidade, passando-se a esconder as demonstrações de afeto e transformando as expressões em gestos formais (GONÇALVES, 2007).

As intervenções no corpo sempre aconteceram de forma fragmentada, o que repercute junto ao sujeito mesmo e a todos que o cercam. O corpo foi submetido a controle e à submissão (FOUCAULT, 1991) e como instrumento para produção em cultura de consumo. Na pós-modernidade, transformar é uma exigência, é *transexual, transestético, transcultural*, mas nesse *transtudo*, o que resta do corpo e da sua essência? O corpo altera-se, não é mais uma condição de existência; mudam-se as formas de interação humana, esquece-se de usar o toque; e vê-se sem ver as imagens; não se sentem mais os cheiros; perdem-se as experiências sensoriais.

Vivemos num mundo onde o corpo é submetido às contingências de uma cultura de consumo, de performance corporal, de teorias corpóreas, fruto de diversos saberes, como positivismo, ou a unidade-mente corpo, ou princípios religiosos ou de mercado, entre outras. Em todos esses seres historicamente construídos o corpo foi, e é instrumento de diferentes intervenções, mas também traz para si o papel de construtor de sentidos múltiplos, pois carrega em sua história, a compreensão de perceber, compreender e atuar sobre o mundo. É preciso resgatar essa corporeidade, buscar a reversibilidade, a ludicidade, a poesia, os paradoxos e todas as formas de convivência do corpo e com o corpo que foram sistematicamente desprezadas pela razão moderna (NÓBREGA, 2000).

Esse resgate precisa acontecer também no processo educacional, na intencionalidade do ato de ensinar ou de interpretar. O corpo passivo, sujeito somente às regras institucionalizadas, precisa ser revisto em uma realidade na qual os conhecimentos se alteram e se ressignificam rapidamente. Na história da surdez, sofreu restrições psíquicas e corporais tendo em vista que os modelos clínicos eram baseados na audiologia, com desrespeito a sua forma de comunicação natural que é a Libras, desconhecimento sobre a cultura surda e, principalmente, em relação a professores, de como ensinar um aluno surdo incluído. Métodos como oralismo, comunicação total, e atualmente, o bilinguismo são atos submetidos a regras culturalmente definidas por uma época e cada cultura. Toda essa narrativa da comunidade surda traz marcas corporais, um conjunto de caminhos traçados, de poderes instituídos do sujeito e do seu grupo.

A corporeidade, em específico nos surdos é o suporte de toda a existência e da possibilidade de comunicação; “Qualquer processo educativo que menospreze esta dimensão existencial da linguagem entre surdos impossibilita a apreensão da riqueza de sua expressão, da polissemia corporal de sua sensibilidade e do caráter estético de sua racionalidade” (SANTOS, 2004, p. 38).

O percurso e a origem de cada corpo surdo também se refletem no corpo do intérprete, pois ele anda lado a lado com o surdo. Esse profissional, principalmente os que atuam há vários anos como intérpretes, vivem essa transição durante em fazer sinais que em aula era proibido. Ora, se cada sujeito é corporalmente o resultado progressivo de tudo aquilo que diz respeito a seu grupo, às suas representações, histórias, sentimentos, angústias, sonhos, como não dizer que a intérprete não é fruto de todo o processo de “emudecimento” da cultura e do corpo surdo? Será que seu corpo também não se modificou nesse contexto histórico? Que percepção a intérprete tem de si mesma além do uso específico da Língua de sinais? Como diz Sócrates: “Conhece-te a ti mesmo!”. E Santos completa “E para isso, mais do que consciência, é preciso *sensibilidade*” (2004, p. 32, grifo do autor).

Quando uma intérprete de Libras fala usando as mãos, a cabeça, a face, os ombros, o tronco, existe também o “não dito”. É preciso um olhar mais atento para a linguagem expressiva, assim como para a voz que fala nas entrelinhas de um texto literário; ou como para uma obra de arte, que fala pela sua cor e forma; ou como na música pelo seu ritmo e melodia. Quando se vive formas de expressão, sejam quais forem, existe uma capacidade de ir além daquilo que o próprio autor ou artista intencionava dizer, porque torna vivo e falante o seu pensamento quando se lemos ou olhamos, ouvimos...

Um romance, um poema, um quadro, um trecho de música são indivíduos, isto é, seres em que não se pode distinguir a expressão do exprimido, cujo sentido só é acessível por um contato direto e que irradiam sua significação sem abandonar seu lugar temporal e espacial. É nesse sentido que nosso corpo é comparável à obra de arte. Ele é um nó de significações vivas e não a lei de um certo número de termos co-variantes. (MERLEAU-PONTY, 1999, p. 162)

O poder de dizer o não dito ou o não pensado remete ao irrefletido, presente no olhar do outro, por meio de uma linguagem muda, silenciosa, mas viva (SILVA, 1994), porém, muitas vezes relegada a um segundo plano, dando uma ênfase maior aos gestos corretamente executados, que são inquestionáveis para entender cada palavra dita.

“Eu também quero ser feliz!” Por que essa jovem surda usa esta expressão? Porque ela espera mais do seu intérprete, mais do que uma tradução ou um conteúdo repassado na íntegra, mais do que um movimento de sinal bem elaborado... Ela quer viver sua história de vida junto com seus pares, junto ao professor que lhe dá aula; viver as narrativas de todas as pessoas que ouvem, sem ficar preocupada pensando “que o meu intérprete também está falando igual ao mestre. Às vezes, o intérprete fala diferente, fala menos, ele parece meio tímido”. O surdo olha um professor que possui uma expressão facial e corporal, mas olha para o seu intérprete e não consegue a alteridade, pois, “se o professor fala alto, ele tem que falar também, se o professor fala rígido, também”. A alteridade neste sentido, é que esta jovem surda quer viver em toda sua essência o que seus colegas estão vivendo, o que a sua intérprete está vivenciando corporal e mentalmente, colocar-se no lugar deles. Se a intérprete não realizar a interpretação com todo o corpo, com o sentimento aliado aos gestos corretamente executados, não propiciará que esta surda consiga se colocar no lugar do outro, seja do professor, ou dos colegas, pois não tem retorno, seja do seu professor para compreender a matéria da forma como “ele está ensinando” ou, como os colegas, do jeito que “eles estão aprendendo”. É preciso também que haja empatia entre a intérprete e o surdo, para que a alteridade ocorra e à compreensão do que está sendo de forma mais intensa e correta. A interpretação no contexto da história também pode ser comparada à compreensão de um conteúdo desenvolvido em aula, pois tanto a história como o conteúdo exigem uma sequência mental, sinais adequados e uma corporeidade adequada por parte do intérprete.

O intérprete é um gerador-comunicador de uma mensagem e está trabalhando com pessoas com a peculiaridade de uma aprendizagem viso-manual. Como a “perspectiva da interpretação é de uma atividade interativa dinâmica” (QUADROS, 2004, p. 80). A interação do corpo com o mundo não pode se basear apenas numa correspondência de estímulos e respostas mecânicas ou complexas, mas se dá na sua totalidade, com todos os sentidos e significados. Existe a necessidade de haver um entendimento do contexto da mensagem pelo surdo é fundamental e as expressões faciais e corporais colaboram de forma efetiva nesse processo.

Quando ouvimos uma história existe o presente, mas é preciso mergulhar numa visão temporal e reconstituir fragmentos de uma história e lhe conceder sentido. A consciência desenvolve livremente os dados visuais para além do sentido próprio. (MERLEAU-PONTY, 1999, p. 191).

O sinal é uma forma de o corpo comunicar-se, uma ação visível que os intérpretes de Libras provavelmente utilizam muito mais do que os outros profissionais que atuam no processo educativo, afinal o corpo não é uma permanência no mundo, mas é uma permanência ao lado de si mesmo; que permanece à margem de todas as suas percepções. O corpo está sempre consigo (MERLEAU-PONTY, 1999). Se o sinal e sentimentos como o amor, a raiva, a angústia e outros atributos, alguns minimizados outros maximizados, fazem parte do corpo da intérprete, como este indivíduo utiliza as expressões faciais e corporais na interpretação?

Neste contexto, a corporeidade das intérpretes de Libras será analisado num primeiro momento apenas dentro do enfoque do uso de sinais através do protocolo, para tentar perceber o que os surdos consideram mais importante dentro da técnica de interpretação da Libras; posteriormente, será feita uma inserção na interpretação do contexto da história.

O Quadro 6 é um dos resumos de três horas de filmagem da análise de seis surdos de cinco intérpretes que, em Libras, contam a história “A jovem mulher”. Como já foi mencionado, o trabalho da pesquisadora ocorreu em três momentos: primeiro, com o uso do protocolo, depois, com a análise da corporeidade e das expressões faciais e corporais e, finalmente, um diálogo envolvendo todo o processo de análise com uma interação entre todos os surdos universitários.

Quadro 7 - Síntese das respostas dadas sobre a percepção dos surdos universitários com o uso do protocolo das Expressões não-manuais da Língua Brasileira de Sinais (Anexo H)

INTÉRPRETE /SURDOS	SURDO 1	SURDO 2	SURDO 3	SURDO 4	SURDO 5	SURDO 6
Intérprete 1	<p><i>*olhos arregalados não</i> <i>*balanceamento para os lados não</i> <i>*cabeça projetada para trás</i> <i>*balanceamento do tronco p/ frente não</i></p>	<p><i>*quase nada em expressão "zero"</i> <i>*nada cara, rosto</i> <i>*deve usar mais lábios</i></p>	<p><i>*usou só o "tronco"</i> <i>*balanceamento alternado dos ombros</i> <i>*nada de expressão facial</i></p>	<p><i>*expressões que faltam: mau, medrosa, agradecida, chorosa, feliz, triste, discreta</i></p>	<p><i>* usou só para frente e p/ trás</i> <i>*expressão facial não tem</i> <i>*parece ficar triste</i> <i>* falta balanceamento para frente</i> <i>*tem balanceamento para trás</i> <i>*falta balanceamento para os lados, etc</i></p>	<p><i>*falta sobrançelha franzida</i> <i>*balanceamento alternado dos ombros</i> <i>*mostra rosto sério</i> <i>*falta de expressão facial</i></p>
Intérprete 2	<p><i>*balanceamento lateral não</i> <i>*cabeça projetada para a frente</i> <i>*olhos levemente arregalados</i> <i>*sobrançelhas franzidas não</i></p>	<p><i>* usou bochecha inflada</i> <i>*contração do lábio superior</i></p>	<p><i>*balanceamento de tronco</i> <i>*ombros alternados</i> <i>* olhos arregalados pouco</i></p>	<p><i>*expressões que faltam: séria</i></p>	<p><i>*usou muito balanceamento para frente/trás</i> <i>*balanceamento para os lados não</i> <i>* cabeça projetada para frente</i> <i>*olhos levemente arregalados</i> <i>*sobrançelhas franzidas</i> <i>*bochechas infladas e contraídas</i></p>	<p><i>*tem que mostrar mais o rosto com sobrançelhas franzidas</i> <i>*tem que usar bochechas</i> <i>* usar movimentos de cabeça</i> <i>*movimento do tronco é muito bom</i> <i>*oraliza um pouquinho e mistura igual aos surdos</i></p>
Intérprete 3	<p><i>*sobrançelhas franzidas não</i> <i>*falta balanceamento do corpo</i> <i>*balanceamento de ombro</i> <i>* cabeça projetada para a frente</i> <i>*olhos levemente arregalados</i></p>	<p><i>*rosto e cabeça não tem expressão, nada</i> <i>*é morreu da cabeça</i></p>	<p><i>* usou a cabeça com balanceando</i> <i>*não usou rosto, cabeça</i> <i>*tronco não</i></p>	<p><i>*rosto morto, não há expressão</i></p>	<p><i>*não usou expressão facial</i> <i>*faltou bochechas infladas e contraídas</i> <i>* não usou expressão corporal</i> <i>*balanceamento p/frente/atrás sim</i> <i>*não balanceamento para os lados</i></p>	<p><i>*mostra o rosto com um pouco de sobrançelha franzida</i> <i>*há falta de rosto e cabeça</i> <i>*movimento do tronco é bom</i></p>

Intérprete 4	*bochechas infladas *cabeça com inclinação lateral e p/frente e trás *corpo não para trás e frente	*falta contrair a bochecha *não usa o rosto e cabeça	*usou bastante expressão corporal *usou rosto, cabeça *usou tronco	*mostrou expressões diferentes *mas não estimulou alterações das expressões mais rápidas	*falta corpo *balanceam ento p/frente/trás sim *balanceam ento p/ lados não *as vezes tem cabeça projetada para frente *olhos levemente arregalados *sobrance-lhas franzidas	*mostra o rosto de parte superior *mostra o rosto de parte inferior *falta um pouco de movimento de cabeça *movimento de tronco é bom, mas falta de algum item
Intérprete 5	*lance de olhos e sobrance-lhas levantadas *bochechas contraídas *balanceamento para frente e p/ trás	*nada expressão	*usou bastante expressão facial *usou sobrance-lhas *olhos arregalados *pouco tronco	*só conseguiu mostrar expressões muito limitadas	*tem bochechas infladas e contraídas *é fraca corporal *balanceamento para frente/trás *falta expressão facial	*quase mostra o rosto de forma completa *mostra a cabeça completa *falta um pouquinho no rosto e cabeça *tronco quase completo

Fonte: Dados da pesquisa, 2009.

Na Libras o uso de expressões faciais e corporais facilita a comunicação entre as pessoas e presta-se a dois papéis: marcação de construções sintáticas e diferenciação de itens lexicais (QUADROS; KARNOPP, 2004). A expressão facial/corporal pode traduzir alegria, tristeza, raiva, amor, entre outras, dando mais sentido às palavras em alguns casos e determinando o significado de um sinal. A linguagem verbal nas inter-relações pessoais caracteriza-se pela socialização. Conforme Quadros e Karnopp (2004), as expressões não-manuais podem ocorrer simultaneamente, e como, por exemplo, as marcas de interrogação e negação.

A intérprete de Libras deve ser aquela que interpreta a mensagem de forma “precisa e apropriada”. O foco está no vocabulário e nas frases, e as decisões sobre o significado estão baseadas nas palavras (QUADROS, 2004). Como se percebe, o enfoque está no corpo como “reprodutor mecanicista de uma linguagem”. Na Libras é necessário também que, além de usar as mãos para fazer os sinais, utilizem-se as expressões como o movimento da face, dos olhos, da cabeça ou do tronco (QUADROS; KARNOPP, 2004). No entanto, é fundamental destacar que,

[...] toda nossa existência só se realiza a partir das relações corporais (e subjetivas também – já que não partimos da idéia cartesiana da cisão entre mente e corpo) com as pessoas e o mundo. Esta é uma dimensão importantíssima para que possamos adentrar o universo do potencial educativo das relações com os diferentes e as pessoas especiais. (SANTOS, 2004, p. 38)

É preciso considerar que a “experiência visual tem um significado crucial na comunicação e nos processos didáticos, curriculares e intelectuais mais amplos, e não somente nas questões lingüísticas” (SKLIAR; QUADROS, 2000, p. 105), e lembrar que os surdos se distinguem dos ouvintes justamente porque se utilizam do canal viso-espacial, não oral-auditivo. A Libras é uma linguagem de corpo inteiro, pois esta é a corporeidade que é solicitada e engajada na atitude comunicativa. São elementos constituintes da Libras o corpo e toda sua inteireza, o contexto da comunicação, os interlocutores e as mensagens transitadas entre eles (SANTOS, 2004).

Quando é realizada uma interpretação, existe um ato cognitivo-lingüístico, ou seja, um processo em que a intérprete se coloca diante de pessoas que, de alguma forma, precisam de alternativas comunicativas diferenciadas e que se utilizam de uma língua distinta dos ouvintes. As percepções e narrativas diante da alteridade possuem diferentes olhares do que está sendo dito corporalmente por meio dos sinais não-manuais. O corpo que representa o outro e que dá a transmitir para os surdos uma mensagem tem “poder completo para influenciar o objeto e o produto da interpretação” (QUADROS, 2004, p. 27).

Ao articular uma frase, um professor de português pode aumentar o interesse dos seus alunos fazendo-o de forma diferenciada e utilizando métodos didáticos que venham a contribuir para a compreensão do conteúdo que está sendo trabalhado, sem, com isso desconsiderar regras básicas que compõem a Língua portuguesa. Acredito que da mesma forma, possa ser feito pelo intérprete, mas com um pormenor que potencializa a sua “fala”, que é o fato de que seus alunos e/ou sua platéia, são pessoas surdas, portanto, que recebem a mensagem através do canal viso-espacial, o que torna a expressão corporal e a corporeidade do intérprete muito especiais.

Nesse contexto, é interessante observar de forma mais detalhada que mesmo tendo que de usar novamente somente o protocolo, suas falas dizem mais, pois precisam entender a mensagem também do corpo, dos significados que corporalmente complementam uma palavra, uma mensagem, uma história. Observem-se primeiramente as frases sublinhadas: O que elas dizem? Observa-se em ordem cronológica, do intérprete um até o cinco, a retomada

dos itens em destaque no quadro, para que seja possível perceber o que dizem as inferências dos surdos:

- ✓ quase nada em expressão “zero”
- ✓ nada de expressão facial, faltam: mau, medrosa, agradecida, chorosa, feliz, triste, discreta
- ✓ expressão facial não tem
- ✓ parece ficar triste
- ✓ mostra rosto sério
- ✓ falta de expressão facial
- ✓ expressões que faltam: séria
- ✓ rosto e cabeça não tem expressão, nada
- ✓ é morreu da cabeça
- ✓ rosto morto, não há expressão
- ✓ não usou expressão facial
- ✓ não usou expressão corporal
- ✓ usou bastante expressão corporal
- ✓ mostrou expressões diferentes
- ✓ mas não estimulou alterações das expressões mais rápidas
- ✓ falta corpo
- ✓ movimento de tronco é bom, *mas falta de algum item*
- ✓ usou bastante expressão facial
- ✓ só consegui mostrar expressões muito limitadas
- ✓ é fraca corporal
- ✓ falta expressão facial

Diante disso, pergunta-se: o que leva seis surdos a fazerem as citações acima se o que consta no protocolo, resumidamente, é o que está no quadro abaixo?

Quadro 8 - Expressões faciais e corporais

1. ROSTO Parte superior (olhos arregalados, sobrancelhas)
2. ROSTO Parte inferior (bochecha, lábios, língua e nariz)
3. CABEÇA (balançar e inclinar para frente e para trás)
4. ROSTO/CABEÇA (para frente e trás, olhos levemente arregalados e sobrancelhas franzidas)
5. TRONCO (para frente e trás. Balanceamento de ombros)

Fonte: Dados da pesquisa, 2009.

São 16 menções de expressões faciais e corporais, o que precisa ser observado tendo em vista que a proposta desta etapa da pesquisa era somente marcar os sinais acima para cada intérprete durante a análise da história.

A divisão anatômica básica do corpo humano é feita em cabeça, tronco e membros; do ponto de vista morfológico e funcional, o corpo é composto de células (componentes fundamentais), tecidos (composto de células similares que forma os órgãos) e sistemas orgânicos. Porém, existem dentro desse corpo coisas que ninguém vê, e que pertencem unicamente a esse indivíduo; são seus sentimentos, angústias, desejos e propósitos. O corpo de um bailarino é implicitamente definido por aquilo que aparece e aquilo que faz. Logo, os setenta quilos de peso não existirão se para o olho do espectador tiver a leveza alada de uma libélula; seus anseios se limitam ao que aparece na postura e no gesto (ARNHEIM, 1984, p. 39). Como afirma Arnheim (1984, p. 437), quando apenas é feito registro visual de um objeto visual, observa-se, por exemplo, esta é uma cadeira. Mas quando os olhos se abrem para ver as qualidades dinâmicas transmitidas por um objeto, inevitavelmente poder-se-á vê-lo carregado de significado expressivo. Percebe-se o caráter de uma pessoa, embora de forma vaga, como no exemplo de Balzac, “A teoria do modo de andar”, na qual um transeunte é assim definido: “Ele andava com as mãos cruzadas atrás, ombros encolhidos e fortes, as espáduas quase unidas; parecia um filhote de perdiz assado sobre um pedaço de torrada, parecia que ele se movia para a frente só com o pescoço e seu corpo recebia este impulso através do peito” (ARNHEIM, 1984, p. 437). Quando se lê esse parágrafo, automaticamente a nossa mente vai elaborando uma imagem desse transeunte.

Em um sentido restrito, pode-se dizer que a expressão só pode existir onde há um espírito a ser expresso, como no rosto humano, por exemplo, pelo que podemos obter “informações sobre o espírito de uma pessoa não só através de suas feições e gestos, mas também pelo modo como fala, como se veste, como conserva seu quarto, para não mencionar as opiniões que ela defende ou o modo como reage aos acontecimentos” (ARNHEIM, 1984, p. 438).

Outra questão que deve ser observada é novamente com relação ao surdo 4, que simplesmente não escreveu um único sinal sobre os itens do protocolo, mas fez diversos comentários sobre a expressão corporal, facial e de corporeidade. Também houve a referência da surda 6 ao comentar os sinais usados na Libras e afirmar que “*falta de algum item*”.

Neste contexto, é preciso que se analise agora a segunda categoria, que é a interpretação da história, palavra chave que surgiu no decorrer da coleta e análise dos dados desta pesquisa e, justamente por esse motivo merece uma atenção especial.

Quadro 9 - Síntese das respostas dadas sobre a percepção dos surdos universitários com relação à interpretação do contexto da história.

INTÉRPRETE /SURDOS	SURDO 1	SURDO 2	SURDO 3	SURDO 4	SURDO 5	SURDO 6
Intérprete 1		*a expressão corporal não está no contexto da história, o que é muito importante ao ser contada uma história em Libras. * deve usar mais lábios.	*dá para entender a história.	*entendi os sinais dentro do contexto.	* entendi pouco sobre a história. * também complicado o contexto da Libras na história.	* deu para entender um pouco a história.
Intérprete 2				*não deu o contexto suficiente a história.		*consegue traduzir no contexto correto.
Intérprete 3		*dificuldade em conseguir repassar o contexto da mensagem em Libras.			* difícil de entender contexto da história.	
Intérprete 4	*difícil entender Libras, falta clareza nos sinais.		*é a melhor interpretação , deu para entender bem o contexto da história.			
Intérprete 5			*deu para entender bem a história.		*complicado entender o contexto da história.	* as pessoas surdas entendem de forma clara quando ela conta a história.

Fonte: Dados da pesquisa, 2009.

Ao ler o quadro é possível identificar *que todos os surdos* citaram a necessidade de entender o contexto da história. A *intérprete 1* conseguiu que os surdos 3 e 4 compreendessem bem o contexto da história, mas os surdos 2, 5 e 6 tiveram dificuldade para

entendê-la. A *intérprete 2* conseguiu que o surdo 5 compreendesse bem o contexto da história, mas o surdo 4 teve dificuldade para entendê-la. Para a *intérprete 3*, os surdos 2 e 4 tiveram dificuldade para entender a história. A *intérprete 4* conseguiu confundir os surdos 1 e 3 que mostram percepções diferenciadas sobre como compreenderam a história. A *intérprete 5* também teve opiniões diferenciadas pois, os surdos 3 e 6 entenderam a história, o que não ocorreu com a surda 5.

Percebe-se que, efetivamente, existe consciência sobre a importância de que no ato da interpretação ocorra uma adequada transmissão da história que foi contada e a corporeidade é necessária. Este fato é ratificado pela manifestação do surdo 5 ao referir-se a uma das intérpretes: “mas falta expressão facial e corporal, também não mostrou emoções diferentes e a narração de uma história sempre apresenta emoções diferentes durante a cena”.

Corporeidade é presença no mundo por meio de um corpo que sente, que pensa, age e que, ao se expressar na história, traz suas marcas. Como afirma Santin (2001, p. 120), a corporeidade não pode ser um gesto de simples lembrança. Acredito que “o sentido dos gestos não é dado, mas compreendido, quer dizer, retomado por um ato do espectador” (MERLEAU-PONTY, 1999, p. 195).

Para os surdos, compreender o contexto da história envolve a qualidade do sinal, aliado com o corpo e a expressão do rosto, do contrário não há possibilidade de compreender uma notícia, uma poesia, uma música, uma peça de teatro, uma novela. Conseguir explicar todos esses enredos exige do intérprete muito mais do que apenas o uso de sinais formados por meio da combinação de formas e de movimentos das mãos e de pontos de referência no corpo ou no espaço. A Libras na formação dos sinais usa também parâmetros como os traços não-manuais que “envolvem expressão facial, movimento corporal e o olhar. É o caso dos sinais *bonito*, *bonitinho* e *bonitão*, no qual o sinal é o mesmo, mudando apenas a expressão facial” (LIBRAS, 2008, grifo nosso).

Interpretar uma história pressupõe envolvimento com a mesma, interação com os personagens, com a subjetividade de todos os sentimentos que constroem essa sequência, essa narrativa. Os ouvintes também podem entender o sentido de uma história simples e curta através de mímica. Se o ator for bom, a interpretação for adequada, propiciando que se crie na mente uma sequência mental do que está acontecendo, provavelmente será possível entender a história, muitas vezes até adivinhando um pouco do seu enredo, mas haverá uma compreensão. O mesmo fato ocorre com os surdos, os quais dizem que a intérprete tem “dificuldade em conseguir repassar o contexto da mensagem em Libras”. De fato, se o ator de um teatro mudo não tiver competência para usar de todos os artifícios faciais e corporais para

interpretar uma mensagem, dir-se-ia a mesma coisa que os surdos, ainda que sendo ouvintes: “Não deu o contexto suficiente à história”. A situação não muda, assim como ainda permanece o enfoque linguístico em uma língua que é predominantemente gestual-visual ou visual-espacial.

É preciso que a intérprete seja fidedigna na sua narrativa. Se a expressão do rosto e/ou do corpo não for consoante com o que está acontecendo na narrativa da história, como o surdo poderá compreender o seu contexto corretamente? Como afirma Merleau-Ponty (1999), um romance não tem como papel expor ideias ou analisar caracteres, mas apresentar um acontecimento inter-humano, fazê-lo amadurecer e eclodir sem comentário ideológico, além de que qualquer mudança na ordem da narrativa ou na escolha das perspectivas, o que modificaria o sentido romanesco do acontecimento.

Para Skliar e Quadros, “as experiências visuais são as que perpassam a visão” (2000, p. 50), pois o *ver* significa estabelecer as relações de olhar, que começam quando os pais surdos as estabelecem com seus filhos ao usar a direção do olhar para marcar as relações gramaticais, ou seja, as relações entre as partes e que formam o discurso. Os autores complementam que “o visual é que importa. A experiência é visual desde o ponto de vista físico [...] até o ponto de vista mental [...]” (SKLIAR; QUADROS, 2000, p. 51). Diante do exposto, como não acreditar que a Libras e a corporeidade quando aliadas não deveriam ser fundamentais para a recepção da mensagem pelo surdos se as formas de relação são visuais?

Eu preciso entender a história, ler a história, saber a história e, para fazer essa análise tem que ser com emoção, contar com emoção, se é romântica ou se é de violência ou é feliz, entendeu? Por isso que faltou muito disso e nesse sentido na expressão delas, se é triste ou de outro jeito! (surdo 4)

Significativa ao extremo a exposição desse jovem, que diz muito sobre a necessidade de ter direito a entender a história, mas entender: “com emoção, contar com emoção, se é romântica ou violência ou é feliz entendeu?”. Sua demanda vai além da exigência do Prolibras, dos conteúdos para intérprete de Libras baseados somente no sistema linguístico como transmissão de ideias e fatos para seleções no ensino superior, ou de muitos cursos que continuam acreditando que só a Libras é importante. Há a necessidade de buscar a corporeidade como um diálogo que possibilita várias interpretações e visualizações do real. Muitas vezes ignoramos a linguagem das mãos

A LINGUAGEM DAS MÃOS

São tantas as MÃOS que:

acariciam..

lutam...

desenham...

rezam...

levam...

trazem...

ensinam...

abraçam...

trabalham...

amamentam...

protegem...

escrevem...

digitam...

deletam...

abençoam...

alimentam...

libertam...

amam...

mãos, mãos... mãos negras, mãos morenas, mãos indígenas, mãos brancas, pobres, ricas, feridas, envelhecidas, pequenas, calejadas... simplesmente mãos que **FALAM** na **LINGUAGEM DE SINAIS**. (autor desconhecido)

O corpo é muito mais do que o biológico ou uma forma de conduta; é criador de um sentido e de uma intencionalidade. Assim como no significado da palavra, também há sentido de um gesto: "eu não percebo a cólera ou a ameaça como um fato psíquico escondido atrás do gesto, leio a cólera no gesto, o gesto não me faz pensar na cólera, ele é a própria cólera" (MERLEAU-PONTY, 1999, p. 251).

Em um filme, é preciso captar o todo para que seja compreendido. Como uma sequência, é preciso que a mente tenha presente a cena anterior mesmo quando ela desaparece, ocupando a consciência. É preciso que toda a obra por inteiro vá se construindo na mente para que se compreenda o seu desenvolvimento, sua consciência e todas as inter-relações que a compõem, ou seja, a sua estrutura espacial (ARNHEIM, 1984).

Não é possível saber qual será o próximo ato, a não ser que já se tenha assistido ao filme; por isso, não se pode destacar da consciência o que se vê ou ouve anteriormente. O entendimento ocorre etapa por etapa, e para compreender o seu sentido é preciso voltar ao que desapareceu da percepção direta pelo ouvido ou olhos, mas que sobrevive na memória. As percepções de sensações de ontem ou de um segundo atrás já passaram, mas sobrevivem se deixarem dentro do sujeito vestígios, traços de memória do que realmente foi significativo. Enquanto a execução está em progresso, a percepção vai se modificando constantemente, e cada nova percepção que se obtêm encontra seu lugar na estrutura mental da memória. Existe

numa percepção uma “sequência organizada na qual fases seguem-se umas as outras numa ordem significativa e unidimensional” (ARNHEIM, 1984, p. 368). Quando o acontecimento é desorganizado ou incompreensível, a sequência se interrompe e passa a ser apenas uma mera sucessão de fatos, sem nenhuma progressão.

Através da história, a sequência apresenta não apenas um acontecimento, mas uma condição de ser, a transformação que ocorre dentro da narrativa e como é explorada em suas várias relações e momentos dentro desta história (MERLEAU-PONTY, 1999, p. 370). Os objetos não comunicam quaisquer propriedades senão as reveladas perceptivamente por seu comportamento. Embora se saiba que uma linda moça atrai um admirador, a cena só “funcionará” se os traços expressivos de comportamento e forma em ambos os autores comunicarem a dinâmica de atrair e ser atraído (MERLEAU-PONTY, 1999).

Merleau-Ponty (1999), ao comparar como a história interfere para um determinado tipo de doente e para o normal, afirma que para o sujeito normal quando se consegue compreender uma história, esse fenômeno ocorre porque tem o poder de viver para além da sua experiência imediata, todos ou a maioria dos acontecimentos de uma narrativa. As falas e os sinais são signos a serem decifrados, um a um. Existe a sensação de alteridade, de se colocar no lugar do outro, colocar-se em um invólucro transparente onde se pode de forma individual e conforme as próprias percepções, viver cada momento, cada sensação através da narrativa da história. Como afirma Lebedeff ao comentar sobre a importância e a arte de contar histórias para os surdos,

A figura visual traz consigo o potencial de ser aproveitada como recurso para transmitir conhecimento e desenvolver o raciocínio. Para alunos surdos, o caminho da aprendizagem necessariamente será visual, daí a importância de os educadores compreenderem mais sobre o poder constitutivo da imagem. (LEBEDEFF et al 2004/2005, p. 102).

É exatamente essa a percepção dos surdos que participaram da pesquisa ao responder sobre a interferência da corporeidade na recepção da mensagem: “O intérprete precisa usar expressão facial e corporal junto com a língua de sinais, ajuda muito a entender o contexto” (surdo 4). A Libras tem em sua gramática e seu funcionamento como língua nos diferentes usos coloquiais, literários, formais e informais, entre outros, é um pré-requisito para a sua aprendizagem. Contudo, a interpretação dentro do contexto da história é fundamental, pois a

corporeidade com todo o seu entorno, ainda não recebe a atenção que merece dentro dos *estudos da arte* na área da surdez, além de ser pouco valorizada pelos intérpretes.

O corpo, para Renaud (1990), vem sendo estudado nos últimos anos, e os pesquisadores vêm empreendendo, sistematicamente, observações e avaliações dos poderes expressivos do corpo: variações dos olhos, enumeração das posições das sobrancelhas, de lábios, de dedos, lugares do corpo mais tocados e olhados em ambientes públicos. Para o autor, o corpo não fala por sinais, mas é, por si só, portador de uma simbologia, é um “corpo-semáforo”.

Os aspectos não-verbais da comunicação desempenham um papel importante na obtenção de entendimento mútuo entre adultos e crianças pequenas. Para Wood (2004), um bebê de oito meses pela da entonação de voz da mãe ao dizer “não”, pode parar de fazer algo. As dimensões não-verbais e paralinguística de interação, associadas a um conhecimento pessoal da criança, podem permitir que o adulto consiga decifrar o que ela provavelmente gostaria de expressar. Assim, os adultos têm a responsabilidade de compreender o que a criança pequena quer comunicar e, conforme a criança cresce, a parceria fica mais equilibrada e a criança vai assumindo maior responsabilidade pela sua comunicação.

Embora geralmente não estejamos conscientes da complexa inter-relação entre a fala e nossos outros movimentos corporais, há ocasiões em que nossa atenção é atraída para eles. Ironia, sarcasmo e provocação, por exemplo, usualmente, ou talvez invariavelmente, envolvem uma ruptura ou manipulação deliberada das relações convencionais entre os atos da fala e outros movimentos do corpo. (WOOD, 2004, p. 152).

O bebê, quando começa sua exploração visual do mundo, tem uma sensibilidade aguçada à “música do humor”, como diz Wood (2004), que para os ouvintes é produzida pelas vocalizações humanas. Para o surdo, entretanto, talvez isso se dê por meio da corporeidade dos sujeitos que o rodeiam.

A fascinação das pessoas pela comunicação não-verbal é antiga. Há muitos séculos, os chineses acreditavam que era possível analisar a personalidade de indivíduos olhando seus corpos, rosto ou face. “Uma música ou uma pintura que primeiramente não é compreendida, se verdadeiramente *diz* algo, termina por criar por si mesma seu público, quer dizer, por secretar ela mesma sua significação” (MERLEAU-PONTY, 1999, p. 244). Exemplos bastante

conhecidos são *A Monalisa* e seu sorriso enigmático e *O pensador de Rodin*, imagens que podem despertar o imaginário dos homens.

“O pensador de Rodin” começa com a mão rugosa que apóia o queixo fino daquele homem-estátua que pensa a morte, daquela estátua pensante que é de carne em bronze, carne-cadáver e morbígena, na morbidez de tudo que pode desaparecer, ou carne cova, infensa, nua sobre seu destino – o Pensador morituro – a filosofia amortilhada, entorpecido no seu cismar da morte que odeia e que ali está eternizada em bronze, ele que tremeu de beleza na juventude e hoje, velho e na verdade e na tristeza pensa destruição e ruína eternizada em arte. E a carne se encrespa e franze, se contrai e se crispa de espasmódico sofrimento, como nenhuma árvore morta o fez ao sol, como nenhum leão moribundo gemeu na contorção planície, da sofrida própria carne cheia de terrores, na aflição introspectiva do pensamento do fim. (O pensador de Gabriela Mistral, na tradução de Manuel Bandeira) (MERLEAU-PONTY, 1999, p. 244).

Conforme os estudos de Elkman e Friesen (1975), a face humana é o principal local a ser olhado quando queremos perceber que emoções outras pessoas sentem. Por isso, das expressões faciais podem-se extrair emoções ou outras informações.

Para Elkman e Oster (1979), os sinais manuais classificam-se em quatro categorias: os sinais estáticos, os sinais lentos, os sinais rápidos e os sinais artificiais. Os sinais estáticos são os que mudam muito pouco ou quase não mudam no decorrer da vida, como a cor da pele, o formato e localização, como olhos, nariz, boca, etc. Os sinais lentos são os que normalmente se alteram com a idade, principalmente na velhice, mas podem ocorrer na infância ou adolescência como flacidez na pele, alterações da pele, manchas, etc. Os sinais faciais rápidos são os que aparecem desaparecem e com facilidade, como contrações musculares que envolvem a pele e modificam a fisionomia, como rubor, tamanho da pupila, etc. Os sinais artificiais são os introduzidos pela mão humana para aumentar a beleza ou diminuir os sinais de envelhecimento, tendo como exceção os óculos.

Em casos de julgamento de emoções realizados na vida real e filmados, os resultados mostram que a inferência dos sinais rápidos e/ou lentos é menor, porque o observador pode distinguir em poucos momentos uma “linha de base facial”, os sinais lentos e estáticos, a partir da qual são apresentadas. As alterações e os sinais rápidos serão os indicadores de emoção.

Todos esses indicativos corporais e faciais foram descritos para que se tenha a percepção de quanto os gestos e movimentos expressivos se podem fazer sem que se perceba e, sobretudo de que todos são de alguma forma significativos. Em acordo com isso, a língua

de sinais não é apenas uma forma de articular sinais, mas constitui-se numa forma de manifestação corporal. Portanto, a intérprete não pode ser tímida, contida; precisa usar, se necessária a amplitude de movimentos, mas de forma adequada. O *equilíbrio* é a palavra chave!

Os surdos cobram essa atitude, querem que o corpo sígnico tenha significado para poder ser significante ao traduzir uma mensagem, inclusive uma piada. Normalmente, uma pessoa que conta uma piada muda o tom de voz, faz caretas, movimenta-se e faz trejeitos com o corpo, se necessário, para dar o enfoque cômico da piada. O intérprete de Libras, nesse contexto, também precisa usar o sinal, assim como todos os componentes corporais que constituem uma narrativa de uma história cômica. Observe-se o que uma universitária diz de um fato que ocorreu em aula:

[...] e o professor tá falando, falando e o surdo pergunta sobre o que ele está falando. E a intérprete diz que é bobagem, que é uma piada que ele tá falando, mas eu quero rir que nem os outros, quero saber que piada ele tá contando, quero rir igual aos outros, não é bobagem, eu tenho esse direito (surda 5)

É óbvio que o intérprete deve, conforme o seu código de ética, deve agir com uma conduta que mantenha a dignidade, o respeito e a pureza das línguas envolvidas, assim como deve estar pronto para aprender e ensinar novos sinais, se isso for necessário para o entendimento (QUADROS, 2006). Mas existem os dois lados da moeda: é preciso postura e dignidade ao agir como intérprete, mas também ampliar horizontes para que o surdo consiga entendimento do que está sendo falado, e aí está o lugar da corporeidade e do uso efetivo das expressões faciais e corporais, não somente as do protocolo, mas outras expressões que já foram amplamente comentadas nesta exposição.

Em relação às intérpretes 4 e 5, houve opiniões bem divergentes entre os surdos.

Quadro 10 - Síntese das respostas dadas sobre a percepção dos Surdos universitários com relação as intérpretes 4 e 5.

INTÉRPRETE 4	INTÉRPRETE 4
<p>... corpo parado, difícil entender Libras, falta clareza nos sinais</p> <p>... é tímida, não tem coragem de sinalizar em Libras</p> <p>... falta de expressão clara, mas precisa de mais expressão facial e corporal...</p> <p>corpo fechado</p> <p>... precisa explicar de forma mais clara</p> <p>... mas não estimulou alteração das expressões de forma mais rápida...</p> <p>... sinal é muito compacto (pequeno)</p>	<p>... a intérprete é bastante clara...</p> <p>... boa expressão facial e corporal</p> <p>... mostrou os sinais com nitidez, clareza e leveza...</p> <p>mostrou um pouco sua expressão</p> <p>... está um pouco melhor a expressão facial e corporal e movimentos</p> <p>... movimento de tronco é bom</p>
INTÉRPRETE 5	INTÉRPRETE 5
<p>... falta clareza para a intérprete em Libras, muito dura</p> <p>... nada de expressão</p> <p>... expressão mais ou menos, porque não apresentou emoções durante a cena</p> <p>... expressão facial fraca, também falta a corporal</p> <p>... é “dura”</p> <p>... falta uma expressão facial mais forte</p>	<p>... usa o corpo de forma clara</p> <p>... é boa, se mostrou bastante clara</p> <p>... expressão facial e corporal é boa</p> <p>... usou bastante expressão facial</p> <p>... sinalizou com tranquilidade</p> <p>... é clara, leve no uso de sinais</p> <p>... é clara e a expressão facial e corporal é muito boa</p>

Fonte: Dados da pesquisa, 2009.

Como assinalam Maturana e Varela (2001), caminha-se sobre um fio de navalha e devem-se evitar os extremos representacionais (ou objetivistas) e solipsistas (ou idealista), encontrando nessa trilha mediana “precisamente essa mistura de regularidade e mutabilidade, essa combinação de solidez e areias movediças que é tão típica da experiência humana quando olhamos de perto”. Esse olhar, que distingue uma pessoa de outra, propicia a riqueza de percepções diferentes. A percepção “não o simples acontecer de fatos isolados, mas o resultado de um processo integrado, complexo, intimamente relacionado com os processos todos do organismo” (FEIJÓ, 1998, p. 146) e se constitui em uma das funções da personalidade.

A linguagem é fundamental na percepção que se tem do outro como comportamento expressivo. Cada surdo e cada intérprete tem um jeito de habitar o mundo que lhe é próprio. A sua expressão cria um mundo intersubjetivo e estabelece uma percepção diferenciada sobre o

que é interpretar bem. O que é ter expressão facial e corporal para uma intérprete e para um surdo? O que é demonstrar emoções, leveza, ser uma boa ou má intérprete? Será possível trabalhar mais todos os enfoques de uma boa corporeidade para melhorar a tradução? A surda 5 acredita que sim e dá uma sugestão “Sim eu acho importante corporeidade, mas faltar expressões faciais, movimentos corporais, pode ser *ajudar e estimular o intérprete treinar expressões faciais e corporais*” (grifo da autora).

Ao ser comentado sobre a interpretação das intérpretes no meio acadêmico e se o trabalho da intérprete deve ser mais centrado nos sinais não na gramática propriamente dita, a surda 3, ao final da análise de DVD, quando aberto um diálogo sobre o trabalho de pesquisa, comentou que percebe as mudanças que ocorrem com o decorrer do tempo na aprendizagem das intérpretes. Por exemplo, o sinal “semanas”, no início, é feito de uma forma e depois vai mudando: primeiro, usa mais a gramática, depois o português, com o que o sinal vai mudando e melhorando.

Com relação à interpretação nas instituições de ensino superior, a surda 6 comentou que “é importante a expressão, a corporeidade, entende mais o assunto, se ele fala, fala, fala, pede, pede, pode e não entendeu o assunto, se tiver corporeidade ele entende mais”.

É possível questionar sobre como se expressa o intérprete em momentos diferentes no seu cotidiano, porque não é possível desvincular a compreensão de narrativas pessoais de quem interpreta uma fala nem de quem recebe esta mensagem. Ambos são seres sociais que fazem uma interlocução. Ao conversar com os surdos, muitas vezes, percebe-se nitidamente a sua preferência por um intérprete. Por que isso ocorre? Talvez porque, por meio das expressões faciais e corporais, o ser humano expressa suas emoções e sua personalidade. Normalmente, as amizades são selecionadas pela proximidade com valores, gostos, estilo de personalidade, profissão, mas também pela corporeidade que se estabelece entre sujeitos. Normalmente, pessoas mais alegres e socializadas escolhem amigos com as quais se identificam, ao passo que as mais tímidas, mais caseiras, procuram relacionamentos que vêm ao encontro de sua forma de ser e agir.

Para a universitária surda 3, a corporeidade é muito importante porque, na medida em que o professor estimula a criança, ele a liberta, leva-a a aprender, a brincar. Assim como existem crianças muito tímidas, envergonhadas, o professor deve ensinar-lhes a se divertir. Conforme o surdo 2, a criança precisa ser estimulada a realizar o ato de brincar, se divertir, experimentar, mexer-se, pois, quanto mais oportunidades o professor propiciar, mais chances ela terá de ser um adulto mais alegre e menos tímido, visto que “o espaço social surge sob a

emoção de aceitação do outro, sob o amor. E cada vez que isso se acaba, acaba-se a dinâmica social” (MATURANA, 2001, p. 109).

Diante dessas observações, será que, ao se identificar com um intérprete, a corporeidade tem um papel preponderante na escolha pessoal de um surdo? Este foi um dos motivos pelo qual optei por fazer uma filmagem com intérpretes de uma cidade e a análise do DVD com surdos de outra cidade do Rio Grande do Sul, para que não houvesse influência de relações interpessoais previamente estabelecidas e que iriam refletir no resultado da análise.

É por meio da linguagem não verbal que podemos perceber o estado de ânimo de outras pessoas, pois o rosto expressa alegria, cansaço, prazer, sofrimento, indiferença! Essas emoções também querem ser vividas pelos surdos, por meio da corporeidade do intérprete, como diz a universitária surda 5. Quantas chances de interagir dentro de uma sala inclusiva talvez os intérpretes estejam perdendo ao não incluir o algo mais do que conteúdo específico de aula. Interagir com os ouvintes ao rir de uma piada não exige uma comunicação padrão; rir é o mesmo ato para todas as pessoas, não interessando a língua de origem.

Quando um surdo, um intérprete, uma turma e um professor conseguem rir, sua expressão corporal e facial são muito parecidas, demonstrando relaxamento, descontração, alegria, brilho nos olhos; é, pois, uma simbiose que a intérprete não tem o direito de ocultar do surdo. Percebe-se no próprio trabalho docente que muitas vezes é importante contar uma piada em aula, baixar o tom de voz ou brincar com a turma com o objetivo de que descontrair um pouco para depois retomar o conteúdo, então, com uma turma mais atenta e disposta a ouvir. Como o aluno surdo faz parte deste contexto escolar, tem, certamente, o mesmo direito de riso.

Também é preciso lembrar o Código de Ética que faz parte do Regimento Interno do Departamento Nacional de Intérpretes da Feneis o que orienta no seu capítulo 1, inciso 3º: “Que o intérprete deve interpretar fielmente e com o melhor da sua habilidade, sempre transmitindo o pensamento, a intenção e o espírito do palestrante” (FENEIS).

Conforme a surda 6, é preciso que se trabalhe as expressões corporal e facial para os alunos, “pois eles imitam o professor, eles aprendem e se desenvolvem através do professor”. Assim, se o professor não tiver expressão facial e corporal, seu aluno também não terá. Essa observação é muito interessante porque, da mesma forma que se fala tanto dos rumos da educação neste século XXI e do que se quer e se espera dos alunos ouvintes, precisa-se entender que os alunos surdos de hoje também serão os instrutores surdos do amanhã, e os “corpos dóceis” não podem continuar a se perpetuar...

Nesse sentido, a surda universitária 5 demonstra claramente sua preocupação com os

surdos: “No futuro fico imaginando o surdo na escola bilíngue por exemplo, ou mesmo o surdo junto com ouvintes que se eles puderem brincar, ter diversão, ter a reflexão da corporeidade, no futuro vai ser muito mais fácil ensinar a língua de sinais, não vai ser essa limitação toda da língua de sinais, na expressão, vai ser igual ao dos surdos, sem vergonha”.

Não basta analisar simplesmente a corporeidade de um intérprete como se fosse uma máquina, com um enfoque tecnicista. É preciso compreender como esse corpo foi construído e vivido deste a sua concepção (ASSMANN, 1995). Assim como o surdo, o intérprete tem uma vida para além do profissional e essa vida paralela é constituinte do profissional, impõe-lhe limites, outorga-lhes deveres, suprime direitos, mas também, propicia-lhe prazer, responsabilidade, cidadania, profissionalismo...

Aos surdos, principalmente as crianças, que têm nos adultos um exemplo, é necessária a expressão de uma corporeidade tanto quanto possível “inteira”. Complementando esta discussão, traz-se a fala de um dos surdos, que, após analisar o DVD com as cinco intérpretes e ao receber explicações do quadro de Ferreira Britto e Longevin (1995), fez o seguinte comentário: “Eu preciso entender a história, ler a história, saber a história e, para fazer essa análise, tem que ser com emoção, contar com emoção, se é romântica ou se é de violência ou é feliz, entendeu? Por isso que faltou muito disso e nesse sentido na expressão delas, se é triste ou de outro jeito” (surdo 4).

A linguagem do corpo é o reflexo externo do estado emocional da pessoa. Cada gesto ou movimento pode ser uma valiosa fonte de informação do que ela está sentindo num dado momento (PEASE; PEASE, 2005, p. 19). O segredo da linguagem corporal está na capacidade de captar o estado emocional de uma pessoa observando seus gestos e atitudes. Os autores também comentam sobre a contradição entre o discurso falado e o transmitido pelo corpo e cita exemplos de um político ao fazer um discurso em que a falta de coerência com a sua fala pela forma como abria os braços ao falar do valor dos vencimentos.

O gesto para o surdo equivale-se à fala para o ouvinte. Para Merleau-Ponty (1999), a fala não é composta só de palavras, mas de sotaque, pelo tom, pelos gestos e pelo fisionomia. Assim, revela não somente os pensamentos daquele que fala, mas a fonte de seus pensamentos e a sua maneira de ser. O mesmo pensamento explica às expressões corporais e faciais, pois o corpo é sede de significados e,

alguns sinais apenas podem ser entendidos se houver a expressão não-manual. Por exemplo, no sinal para designar “magro”, junto com a configuração da mão (dedo mínimo estendido e outros dedos abaixados) e do movimento para baixo no espaço de sinalização, deve haver a expressão de sugar as bochechas. Sem esse conjunto de ações, a significação do sinal não seria completa. (LIBRAS, 2006, p. 01)

Quando uma intérprete realiza um gesto, como, por exemplo, “linda criança”, utilizando adequadamente a configuração das mãos e esse movimento já é conhecida pela intérprete, já lhe foi dado, ela o realiza sem perceber ou precisar elaborar mentalmente, não é percebido esse movimento no seu corpo (MERLEAU-PONTY, 1999, p. 160). Como fica nesse enfoque o sinal para a intérprete? Linda e criança são dois sinais diferentes, executados um após o outro, mas o rosto precisa demonstrar emoção ao falar “linda”, e a expressão se acentua se for “muito linda” e mais ainda se disser “muuuuinto linda”.

O sentido dos gestos não é dado, mas compreendido, quer dizer, retomado por um ato do espectador. Toda a dificuldade é conceber bem esse ato e não confundi-lo com uma operação de conhecimento. Obtém-se a comunicação ou a compreensão dos gestos pela reciprocidade entre minhas intenções e os gestos do outro, entre meus gestos e intenções legíveis na conduta do outro. Tudo se passa como se a intenção do outro habitasse meu corpo ou como se minhas intenções habitassem o seu. (MERLEAU-PONTY, 1999, p. 251)

Percebe-se desta forma, que o sinal não consegue por si só, dar conta de todo o significado da palavra, precisa da expressão facial para ser perfeitamente compreendido e qual o nível de sua intensidade. É preciso entender que a corporeidade da intérprete de Libras é fundamental para que cada gesto seja adequadamente compreendido, contextualizado e vivenciado pelos surdos.

Concluo este capítulo, com uma citação que foi lida pela professora Dra. Graciela Ormezzano, no dia da minha defesa e que merece ser contemplada pelo seu significado e pela estreita relação com esta pesquisa. Trata-se de uma fala do filósofo catalão, fenomenólogo da educação, Mèlich, do livro *Del extraño al cómplice*,

En la relación cara-a-cara descubrimos al otro como sujeto, como corporeidad. Pero la corporeidad, [...], es una categoría antropológica, quizá incluso social, pero en ningún caso moral. La moralidad va más allá. Si la corporeidad no se convierte en *rostro*, si no descubrimos al otro como *rostro*, es imposible tomarlo como presencia del absoluto y entonces la acción moral deja de tener la forma del encuentro (1994, p. 135)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Concluo esta dissertação revendo minha questão da introdução: Será que o intérprete, ao usar a língua de sinais corretamente e as expressões não-manuais de forma adequada, faz, na percepção do surdo, o suficiente para que ele compreenda a mensagem que lhe é endereçada?

Como já foi dito anteriormente, a língua de sinais se constitui em um conjunto de parâmetros gestuais que aliado ao movimento do corpo e da expressão da face consegue traduzir para o surdo o que está sendo dito pelos ouvintes, ou vice-versa.

A língua de sinais, contudo, em minha opinião e como foi percebido nesta pesquisa também pelos surdos que participaram da mesma, não pode limitar-se apenas aos aspectos lexicais, sintáticos, entre outros. Existe um contexto todo que faz a diferença na interpretação, sendo que as expressões faciais e corporais são fundamentais para uma compreensão mais qualificada pelos surdos ao analisar as intérpretes.

Como já foi observado, houve uma sequência metodológica nesta pesquisa para identificar a percepção dos surdos com relação à corporeidade das intérpretes. Fazendo uma retrospectiva desta trajetória, alguns pontos merecem destaque. Na análise das intérpretes ao contar a história “A jovem mulher” os surdos colocaram sua própria percepção com relação à corporeidade das mesmas. As respostas mostram que existe a necessidade de uma “fala corporal” para além dos sinais, ou seja, houve muitas ausências da expressão facial e corporal pelas intérpretes. As emoções dos personagens da história contada precisavam ser (e nem sempre foram) interpretadas com o mosaico de sensações adequada à narrativa em questão. Os surdos universitários descrevem a necessidade de haver um corpo sógnico, portador de emoções, de corporeidade e de sensibilidade e que consiga transmitir para eles toda a carga emocional que compõe uma história.

A interpretação é muito mais que um enfoque técnico, um corpo que executa corretamente os sinais. Traduzir uma história é vivê-la corporalmente para poder traduzi-la. É propiciar aos olhos do surdo através da corporeidade do intérprete, vivenciar as interlocuções dos personagens, percebê-los e repassá-los de forma sensível, transmitindo corporalmente sentimentos, expressões de alegria, tristeza, raiva, amor, medo entre outras, dando mais sentido para um contexto, determinando com mais amplitude o significado de um sinal.

Merleau-Ponty (1999) enfatiza que o corpo é um espaço eminentemente expressivo, um conjunto de significados, fruto de experiências vividas e, sendo assim, de múltiplas

leituras e releituras. Assim, é possível entender as diferenças de cada uma das intérpretes na tradução da língua de sinais para o português e vice-versa. Seus corpos são as suas narrativas de vida, cimentadas nas percepções únicas de cada uma no seu cotidiano. Nesse contexto, uma corporeidade com intencionalidade diferenciada pode ser percebida, o que leva os surdos muitas vezes a expressões um pouco “duras”, tais como: *rosto e cabeça não tem expressão, nada* (surdo 2), *é morreu da cabeça* (surdo 2) *rosto morto, não há expressão* (surdo 4), *falta corpo* (surdo 5).

Em um segundo momento desta pesquisa, a proposta foi explicar aos surdos de forma sucinta o que é a corporeidade e também solicitar após explicações detalhadas sobre o que são as expressões não-manuais e novamente fazer a análise da história já mencionada. Na análise do Protocolo das expressões não-manuais os resultados finais da análise quantitativa mostram que nos noventa registros feitos por seis surdos analisando cinco intérpretes e foi estratificado conforme o protocolo em rosto, cabeça, tronco com ombro. Partindo das noventa intervenções a cabeça foi a menos citada com 18 registros o que correspondeu a 20%. Em seguida, o tronco com ombro, 31 citações das quais nove apontamentos foram de ausências, contra vinte e duas presenças.

O tronco alcançou 34% das referências. Quanto ao rosto compreendendo a sua parte superior, inferior e o rosto como um todo, recebeu 41 registros, o que de um total de noventa (90), correspondeu a 46%, sendo que os próprios números nos revelam que o *rosto* foi a parte do corpo que recebeu a maior parte das inferências pelos surdos ao analisar os intérpretes no uso das expressões não-manuais. Este dado merece ser salientado, pois é o resultado de uma análise detalhada da opinião de seis surdos universitários sobre a interpretação de cinco intérpretes.

As análises dos surdos são reveladoras ao comentarem sobre o processo interpretativo das intérpretes, pois *todos* os surdos, embora com intensidades e percepções diferenciadas, dizem de forma direta ou nas entre linhas que, mesmo respeitando todos os aspectos lingüísticos da língua de sinais, além do uso do Protocolo das expressões não-manuais, é *preciso algo mais do intérprete*, é preciso que o corpo seja a expressão da linguagem, que o contexto corporal “vivo” e significativo da intérprete ultrapasse as barreiras de uma interpretação corretamente executada, mas mecanicista. O resultado é que muitas vezes ocorre a *“falta expressão facial e corporal, também não mostrou emoções diferentes e a narração de uma história sempre apresenta emoções diferentes durante a cena”* (surdo 5).

Quando uma intérprete de língua de sinais fala usando as mãos, a cabeça, a face, os ombros, o tronco, existe também o “não dito”. O poder de dizer o não dito ou o não pensado

remete ao irrefletido, presente no olhar do outro, por meio de uma linguagem muda, silenciosa, mas viva (SILVA, 1994, p. 52), porém, muitas vezes, relegada a um segundo plano. Também é importante observar as citações destacadas no quadro, pois mesmo com um Protocolo sobre as ENM na sua frente para analisar, os seis surdos continuam falando em expressão facial e corporal, ou seja, os mesmos esperam que as intérpretes usem sua corporeidade.

O surdo 4 em nenhum momento das suas falas ou nas suas escritas enumerou as expressões não-manuais. Sempre salientou a ausência ou presença das expressões corporais e faciais, ou emoções pelas intérpretes ao contar a história. Mesmo tendo que usar somente o Protocolo, suas falas dizem mais, que eles precisam entender também a mensagem do corpo. Ou seja, é preciso usar de forma significativa todos os movimentos corporais e faciais, pois os mesmos complementam uma palavra, uma mensagem, uma história. A expressividade facial e corporal é fundamental nas línguas gestuais e se mostra imprescindível para dar sentimento e uma melhor contextualização do que está sendo gestualizado. Isso é evidenciado na análise realizada, na qual fica evidente que os surdos reconhecem que algumas intérpretes tiveram dificuldade para repassar o contexto da história em Libras, ou que deu para entender bem o contexto da história.

Conhecer exatamente a configuração e a gramática de um sinal é essencial, mas o corpo também precisa ser detentor de significação. O gesto de “triste” não consegue por si só ter a consistência que o significado lhe impõe, se não estiver aliado à expressão natural e efetiva das expressões corporais e faciais das intérpretes. Esse dado é passível de ser observado pelos surdos nas falas como: “faltou a expressão séria” ou “rosto morto”.

Observa-se que também que a surda 6 diz que falta “algo mais” na análise do Protocolo das ENM. Que algo mais? Os fundamentos fonológicos, morfológicos, sintáticos, semânticos, pragmáticos da língua de sinais, mais as ENM ainda não são suficientes para uma perfeita compreensão da história. Por quê? É possível perceber que somente a forma tecnicista e pedagogicamente correta é insuficiente para a perfeita interpretação e compreensão da história “A jovem mulher” pelos surdos. Onde está a corporeidade que acompanha os gestos? O surdo 4 afirma que “a corporeidade é importante para interpretação da Libras, porque pode esclarecer o contexto ou sentido do sinal”. Ratifica-se nessa fala, a importância da corporeidade para este surdo. Quanto mais vivo for o nosso corpo, mais vivamente *estaremos* no mundo, conseqüentemente, nas nossas interpretações, pois “A essência da excelência na interpretação não está nas suas formas exteriores, mas no *seu propósito determinado*. Não é o sorrir por sorrir, o chorar por chorar, não é atuar de um modo geral, pela atuação em si

mesma, mas interpretar sempre com um objetivo definido e claro” (ARRIENS, p. 79, 2005).

Concluindo o percurso metodológico desta pesquisa no terceiro momento foi feito um diálogo com o grupo de surdos. Suas posições mostram um grupo com uma leitura de mundo muito boa, com falas coerentes, com opiniões bem definidas e argumentadas. Ouso dizer que talvez estivesse presente nesta análise do DVD surdos que estão dentro da elite acadêmica de Passo Fundo, tendo em vista as suas trajetórias educacionais e profissionais e a qualidade das suas falas, embora a análise descritiva no papel fosse bastante limitada às informações, principalmente nas expressões não-manuais e não foi por falta de explicações, pois a intérprete contratada para auxiliar nesta coleta de dados, falou sobre cada um dos gestos que faz parte do quadro e esclareceu dúvidas fazendo inclusive as ENMs.

O homem é corporeidade quando não se reduz apenas ao corpo material, mas por ser /estar no espaço, por ser presença e constituir-se em fenômeno corporal. As expressões corporais e faciais das intérpretes quando usadas adequadamente aliadas à execução correta da configuração das mãos unem-se, e forma uma totalidade como expressão, linguagem, como um corpo presente e falante.

O corpo necessita do outro para lhe atribuir sentido e lhe dar forma. Quando um sujeito aparece nas práticas sociais e discursivas, os seus gestos são percebidos, assim como a sua atenção, memória, desejos e controle da sua vontade, porém muitas vezes passa despercebida. O corpo é simbólico nos pequenos atos diários e corpo porta em si a marca da vida social e possuem impresso, transformações que muitas vezes não podem dentro de limites virtuais ser observados. Seguem-se parâmetros culturais de pertencimento a um grupo social e de concordância com seus princípios.

Na interpretação da história é preciso interagir com a mesma corporalmente. Se colocarmos somente os gestos em um DVD, sem aparecer o rosto, será muito difícil entender a história sem ver o rosto do intérprete. O surdo ao interagir com a intérprete, vivendo com e através da sua corporeidade uma narrativa, uma vez que “Quando falamos de linguagem e expressão corporal, estamos aludindo à existência de uma articulação de gestos e expressões que geram a FRASE CORPORAL, frase essa, em geral, difícil de traduzir em “palavras”. Mas ela nos traz um discurso conceitual que, quanto mais potente e convincente for, não só comove, mas, acima de tudo, mobiliza” (ARRIENS, 2005, p. 78).

A interpretação do surdo não pode ser comparada a um “espectador” que assiste a uma peça de teatro ou a uma novela na televisão. O ato cognitivo-linguístico corresponde a um processo de interpretação para o surdo que é muito mais complexo, principalmente porque se pensarmos que do outro lado desse processo comunicativo há uma linguagem específica que é

a língua de sinais e que se constitui no elo do surdo com o mundo, assim como a visão e a fala são fundamentais para nós ouvintes na interação com o mundo.

Cada pessoa, cada intérprete deve perceber seu corpo, pois em cada movimento, em cada sinal utilizado ela apresenta características que lhe são próprias, atitudes ou trejeitos pessoais, conscientes ou inconscientes, formas de comunicar-se, de interagir, de expressar seu “eu”. Assim, mesmo que cada indivíduo seja exatamente igual a outro ser humano, entre si são extremamente diferentes.

A razão, a emoção, o intelecto e a espiritualidade constituem-se na base da dimensão humana. Não se pode conceber um ser humano que acredita apenas na competência intelectual no processo educacional, desvinculando ou ignorando no cotidiano aspectos essenciais como emoções, que devem permear toda e qualquer relação entre as pessoas, seja educando/educador ou intérprete/surdo. É preciso que se tenha uma visão macro da profissão de intérprete, uma visão sistêmica que propicie ações pedagógicas eficazes bem mais complexas do que um sinal adequado a uma interpretação de Libras/português e vice-versa.

A língua de sinais é uma modalidade visual-espacial, e toda a corporeidade explícita muito além do que o timbre de um som ou da voz, mas no tronco, nos braços e nas mãos, ou seja, é tridimensional. Um olhar superficial não consegue emergir na profundidade de um gesto executado com uma expressão facial e corporal que vai muito além de uma configuração de mãos perfeitamente executada, é preciso ir além da matéria. Porém, nós ouvintes perdemos neste mundo turbulento e cerceados de tecnologia, com uma história cultura onde o corpo é apenas matéria, deixamos a essência de perceber e ver o “não dito”.

No processo de inclusão dos surdos na Libras, é preciso se pensar que o corpo não é só “corpo”, mas é um veículo de “comunicação vivo”, de interlocução entre a intérprete e o aluno surdo. Acredito que essa pesquisa evidencie o fato de que, na medida que houver uma “fala corporal”, um “olhos nos olhos”, ou “mão que falam”, e principalmente da “expressão do rosto” no binômio aluno/intérprete, a criança, o adolescente e o adulto surdos inseridos na escola, poderão aprender com muito mais facilidade. As falas dos surdos universitários são bastante eloqüentes neste sentido.

A questão é que se perde a dialogicidade do corpo, não se busca ultrapassar a dicotomia sujeito/homem. Ainda se vive numa sociedade onde a fala é instituída, possuímos em nós significações já formadas que não nos exige nenhum esforço verdadeiro de expressão e não exigem do ouvinte esforço para a compreensão e o corpo ainda é percebido com um enfoque biológico e não da corporeidade. Perdemos a consciência do que há de contingente na

expressão e na comunicação e acabamos deixando de refletir sobre ela (MERLEAU-PONTY, 1999).

Concluo, dessa forma, que foi possível identificar nesta pesquisa todas as questões que foram pontualmente enumeradas na introdução com relação à corporeidade da intérprete de língua de sinais na percepção dos sentidos produzida por interlocutores surdos.

REFERÊNCIAS

- ARNHEIM, Rudolf. *Arte & percepção visual: uma psicologia da visão criadora*. São Paulo: Livraria Pioneira Editora, 1984.
- ARRIENS, Marco Antônio. *Corpo e espaço nas línguas de sinais*. Congresso Surdez e Universo Educacional, 2005. INES, Divisão de Estudos e Pesquisas. Rio de Janeiro. Disponível em: <<http://www.ines.gov.br/paginas/publicacoes/Anais/Anais.pdf>>. Acesso em: 06 jul. 2009.
- ASSMAN, H. *Paradigmas educacionais e corporeidade*. São Paulo: Unimep, 1995.
- BRASIL, República Federativa. Lei n.º 10.436 de 24 de abril de 2002. *Língua Brasileira de Sinais*. Brasília: Secretaria de Educação Especial, 2002.
- _____. *Decreto n.º 5.626/05 - Regulamenta a Lei 10.436 que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – LIBRAS*. Brasília: Secretaria de Educação Especial, 2005.
- _____. *Inclusão*: Revista de Educação Especial. Secretaria de Educação Especial. v. 1, n.1, jan/jun. 2008. Brasília: Secretaria de Educação Especial, 2008.
- BRUNER, Jerome. *Atos de significação*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.
- CARVALHO, Rosita Edler. *Removendo barreiras para a aprendizagem: educação inclusiva*. Porto Alegre: Mediação, 2000.
- DORZIAT, A.; LIMA, N. M. F.; ARAÚJO, J. R. de. *A inclusão de surdos na perspectiva dos estudos culturais*. ANPED. GT: Educação Especial / n. 15. 2007.
- DUSCHATZKY, Silvia; SKLIAR, Carlos. O nome dos outros. Narrando a alteridade na cultura e na educação. In: LARROSA, Jorge; SKLIAR, Carlos (org.). *Habitantes de Babel: políticas e poéticas da diferença*. Belo Horizonte: Autêntica, 2001, p. 119-138.
- ELKMAN, P; FRIESEN, W. V. *Unmasking the face*. New Jersey: Prentice hall, 1975. *Foco*, v. 4, n. 2, p. 13-25, set/fev. 1999/2000.
- ELKMAN, P; OSTER, H. Facial expression of emotion. *Annual Review of Psychology*, v. 2, n. 309, 1979, p. 527-554.
- FADERS, Fundação de Articulação e Desenvolvimento das Políticas Públicas para PPDS e PPAHs do RS et al. *Surdos: Direitos Humanos e Surdez. A acessibilidade promovendo a cidadania dos surdos*. Porto Alegre: GRAFO, 2002.
- FEIJÓ, Olavo Guimarães. *Psicologia para o esporte: corpo e movimento*. Rio de Janeiro: Shape, 1998.
- FENEIS, Federação Nacional de Educação e Integração dos Surdos. *Intérprete: Código de ética*. Disponível em: <http://www.feneis.com.br/page/interpretes_codigoetica.asp>. Acesso em: 11 jan. 2009

FERREIRA BRITO, L. *Por uma Gramática de Língua de Sinais*. Tempo Brasileiro. Rio de Janeiro: UFRJ, 1995.

FERREIRA BRITO, L; LANGEVIN, R. Negação em uma Língua de Sinais Brasileira. *Revista Delta*, Vol. 10, nº 2, p. 309-327, PUC/SP, São Paulo, 1994

FERREIRA, Pinto. *Manual de direito constitucional*. Rio de Janeiro: Forense, 1989.

FOUCAULT, Michel. *Vigiar e punir: história da violência nas prisões*. Petrópolis: Vozes, 1991.

GOFFMAN, Erving. *Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada*. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1988.

GONZÁLEZ, Eugenio. A Educação Especial: conceitos e dados históricos. In: _____. *Necessidades educacionais específicas: intervenção psicossocial*. Porto Alegre: Artmed, 2007.

GONZÁLEZ, Fernando Jaime; FENSTERSEIFER, Paulo Evaldo. *Dicionário crítico de Educação Física*. Ijuí: Editora Unijuí, 2005.

GUARESCHI, A. P. *Sociologia crítica: alternativas de mudança*. Porto Alegre: Mundo Jovem, 1995.

IMBERNÓM, F. (Org.). *A educação no século XXI: os desafios do futuro imediato*. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 2000.

LACERDA, Cristina. B. F. de. *A escola inclusiva para surdos: refletindo sobre o intérprete de língua de sinais em sala de aula*. Roma: relatório científico de pós-doutorado apresentado à FAPESP, 2003.

_____. *A atuação do Intérprete de LIBRAS nos espaços educacionais: necessidades formativas*. Curso Tradução e Interpretação, com habilitação em Letras-Libras. Universidade Metodista de Piracicaba –UNIMEP, 2008. Disponível em: <http://www.congressotils.cce.ufsc.br/index_arquivos/cristina.pdf>. Acesso em: 12 abr. 2009.

_____; POLETTI, Juliana E. *A escola inclusiva para surdos: a situação singular do intérprete de língua de sinais*. ANPED, 2004. Disponível em: <www.anped.org.br/reunioes/27/gt15/t151>. Acesso em 16 abr. 2009.

LAZZARINI, Álvaro (Org.). *Constituição Federal*. 8ª ed. São Paulo: Ed. Revista dos Tribunais, 2007.

LEBEDEFF, Tatiana Bolivar. *Os surdos como minoria*. Jornal Diário da Manhã. Passo Fundo, 2000, p. 02.

_____.; GUEDES, S.; ASSIS, G. G. de et al. Quem conta um conto aumenta vários pontos: uma discussão sobre a importância e a arte do contar Histórias para o desenvolvimento de crianças surdas. *Revista Ponto de Vista*, Florianópolis, n. 6/7, p. 97-105, 2004/2005.

LEITE, Emeli Marques Costa. *Os papéis do intérprete de libras na sala de aula inclusiva*. 2004. Disponível em: <<http://www.editora-arara-azul.com.br/pdf/livro3.pdf>>. Acesso em: 30 jan. 2009.

LIBRAS. *Formação bilíngue para os surdos: o Português é segunda língua*. Ministério da Educação e Cultura. 1998. Disponível em: <http://www.olharvirtual.ufrj.br/2006/index.php?id_edicao=170&codigo=7>. Acesso em: 06 ago. 2009.

LUNARDI, Márcia Lise. *Pedagogia da diversidade: normalizar o outro e familiarizar o estranho*. UFSM, GT: Educação Especial. n.15. ANPED, 2001.

MATURANA, Humberto R. *Emoções e linguagem na educação e na política*. Belo Horizonte: Ed. UFGM, 2001.

_____; VARELA F. J. *A árvore do conhecimento: as bases biológicas da compreensão humana*. São Paulo: Palas Athena, 2001.

MEC, Ministério da Educação. *Declaração de Salamanca: Sobre Princípios, Políticas e Práticas na Área das Necessidades Educativas Especiais* Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/salamanca.pdf>>. Acesso em: 22 nov. 2009.

MÈLICH, Joan-Carles. *Del extraño al cómplice: La educación en la vida cotidiana*. Ed. Anthropos, 1994.

MERLEAU-PONTY, Maurice. *Fenomenologia da Percepção*. Rio de Janeiro: Freitas Bastos, 1999.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. *O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde*. São Paulo/Rio de Janeiro: Hucitec/Abrasco, 2004.

MOURA, Maria Cecília. *O surdo: caminhos para uma nova identidade*. Rio de Janeiro: Revinterk, 2000.

NAVARRO, P.; DIAZ, C. Análisis de contenido. In: DELGADO, J. M.; GUTIERRES, J. *Métodos y técnicas cualitativas de investigación en ciencias sociales*. Madrid: Síntesis, 1994.

NÓBREGA, Terezinha Petrucia da. Corporeidade. *Visão Global*. São Miguel do Oeste: UNOESC, 2000. V. 1, n. 10 junho p. 25- 60.

PEASE, Allan; PEASE, Barbara. *Desvendando os segredos da linguagem corporal*. Rio de Janeiro: Sextante, 2005.

PERLIN, Gládis; MIRANDA, Wilson. Surdos: o narrar e a política. *Ponto de Vista*, Florianópolis, n.05, p. 217-226, 2003

_____; QUADROS, Ronice Muller de (org.) *Estudos Surdos II*. Petrópolis, RJ: Arara Azul, 2007.

QUADROS, Ronice Muller de; KARNOPP, Lodenir Becker. *Língua de Sinais Brasileira: estudos lingüísticos*. Porto Alegre: ARTMED, 2004.

_____. *O tradutor e intérprete de língua brasileira de sinais e língua portuguesa*. Secretaria de Educação Especial; Programa Nacional de Apoio à Educação de Surdos. Brasília: MEC; SEESP, 2004.

_____. (org.); *Estudos surdos I*. Petrópolis, RJ: Arara Azul, 2006.

_____. *Exame Prolibras*. Florianópolis: UFSC, 2009.

_____.; PIZZIO, A. L.; REZENDE, P. L. P; *Língua Brasileira de Sinais I*. Universidade Federal de Santa Catarina. Licenciatura e Bacharelado em Letras-Libras na Modalidade a Distância. Florianópolis, 2009.

RECTOR, M.; TRINTA, A. R. *Comunicação do corpo*. Rio de Janeiro. Editora Ática, 1999.

RENAUD, Claude Pujade. *Linguagem do silêncio: expressão corporal*. São Paulo: Summus, 1990.

RENFREW, Colin. Onde e quando as diferenças começaram. *Línguas*. Biblioteca entre livros, nº 4, p. 22-27, 2009.

RODRIGUES, José Carlos. *Tabu do Corpo*. Rio de Janeiro: Acheamé, 1993.

ROSS, Philipp. Traçando a genealogia das línguas. *Línguas*. Biblioteca entre livros nº 4, p. 14-21, 2009.

SANTANA, Ana Paula; BERGAMO, Alexandre. Cultura e identidade surdas: encruzilhada de lutas sociais e teóricas. *Educação & Sociedade*. v. 26, mai/ago, 2005, p. 565- 582.

SANTIN, Silvino. *Educação física: da alegria do lúdico à opressão do rendimento*. Porto Alegre: Edições EST, 1994.

_____. *Educação Física: uma Abordagem Filosófica da Corporeidade*. Ijuí: Editora Unijuí, 2001.

SANTOS, B. de S. Educação Especial. In: SEMINÁRIO ESTADUAL DE EDUCAÇÃO POPULAR. *Anais...* Porto Alegre: Auditório Araújo Vianna, 2002, p. 55-56.

SANTOS, Marcos Ferreira. Educação de Surdos e Corporeidade: do Silêncio ao Grito na Gesticulação Cultural. *Revista Espaço INES*, n.21, jun. 2004, p. 26-40.

SÃO PAULO, Secretaria Municipal de Educação. *Libras: Orientações curriculares e proposição de expectativas de aprendizagem para Educação Infantil e Ensino Fundamental*. Secretaria Municipal de Educação, São Paulo: SME / DOT, 2008. Disponível em: <http://portalsme.prefeitura.sp.gov.br/Documentos/BibliPed/EdEspecial/OrientaCurriculares_ExpectativasAprendizagem_EdInfantil_EnsFund_Libras.pdf>. Acesso em: 11 jun. 2009.

SILVA, Úrsula Rosa da. *A linguagem muda e o pensamento falante: sobre a filosofia de Maurice Merleau-Ponty*. Porto Alegre: EDIPUC, 1994

SKLIAR Carlos. *Os estudos surdos em educação: problematizando a normalidade. A surdez: um olhar sobre as diferenças*. Porto Alegre: Mediação, 1998.

_____. *A localização política da educação bilingüe para Surdos*. Porto Alegre: Editora Mediação, 1999.

_____. *Educação & exclusão: abordagens sócio-antropológicas em educação especial*. Porto Alegre: Mediação, 1999.

_____.; QUADROS, R. *Invertendo epistemologicamente o problema da inclusão: os ouvintes no mundo dos surdos*. *Estilos da Clínica*, São Paulo, v. V, n. 9, p. 32-51. 2000.

SOARES, Carmem Lucia (org.). *Corpo e historia*. Campinas, SP: Editora Autores Associados, 2001.

SOARES, M. A. L. *A educação do surdo no Brasil*. São Paulo: Edusf, 1999.

STEWART, D.; KLUWIN, T. The gap between guidelines, practice, and knowledge in interpreting services for deaf students. *Journal of Deaf Studies and Deaf Education*. vol 1, 1996, p. 29-39.

TAVARES, Maria da Consolação G. Cunha. *Imagem corporal: conceito e desenvolvimento*. São Paulo: Ed. Manole, 2003.

VEIGA-NETO, A. Incluir para excluir. In: LAROSSA, J. ; SKLIAR C. (Org.). *Habitantes de Babel: políticas e poéticas da diferença*. Belo horizonte: Autêntica, 2001, p. 105-118.

WEIL, Pierre; TOMPAKOW, Roland; *O corpo fala: a linguagem silenciosa da comunicação não-verbal*. Petrópolis: Editora Vozes, 1999.

WILCOX, Sherman; WILCOX, Phyllis Perrin. *Aprendendo a ver: o ensino da língua de sinais americana como segunda língua*. Tradutor: Tarcísio de Arantes Leite. Seleção Cultura e Diversidade. Ed. Arara Azul, 2005. Disponível em: <<http://www.editora-arara-azul.com.br/pdf/livro2.pdf>>. Acesso em: 10 abr. 2009.

WOOD, David. *Como as crianças pensam e aprendem*. São Paulo: Editora Loyola, 2004.

ANEXO A - HISTÓRIA “A JOVEM MULHER”

A JOVEM MULHER

Uma jovem mulher solteira que não tinha família no Brasil tinha medo de ser assaltada. Ela trabalhava em um escritório muito longe da cidade e tinha um revólver escondido no carro para se defender dos bandidos.

Um dia quando ela estava dirigindo para visitar uma empresa o pneu furou perto de uma favela enorme, isto porque ela pegou um caminho e sem atenção ela não viu um buraco que estava mal sinalizado. Como a mulher começou a chorar um mendigo que estava perto e procurava comida no lixo entendeu seu problema e colocou o pneu que estava no porta-malas. Depois de uma semana ela foi encontrar seu herói que pedia esmola e, para agradecer, ofereceu para ele um emprego de motorista.

* Adaptadas do protocolo de Cadilhac, Virbel, e Nespoulous (1995).

CADILHAC, C.; VIRBEL, J. ; NESPOULOUS, J. L. *Compréhension et mémorisation de textes de différentes structures par des sujets sormaux et pathologiques: “Le vieil homme”*. Isbergues: L’Ortho-Edition, 1995.

* Utilizado por Lebedeff (2002) para analisar a compreensão textual de pessoas surdas.

LEBEDEFF, Tatiana B. *Análise do reconto de histórias em língua de sinais e escritas por pessoas surdas*. Tese de doutorado não publicada. Porto Alegre: UFRGS, Programa de Pós-Graduação em psicologia do Desenvolvimento, 2002.

ANEXO B - QUESTÕES DIRIGIDAS AOS INTÉRPRETES

NOME: _____

Desde quando você tem contato com a língua de sinais?

Como se deu a aproximação com a comunidade surda?

Qual a sua formação como intérprete? Você fez o pró-libras?

Desde quando atua como intérprete?

Quais os níveis escolares em que atua como intérprete?

Qual a sua escolarização?

Quais as características – qualidades – habilidades necessárias a uma boa interpretação, para que o intérprete seja considerado um “bom intérprete”, ou seja, para que o surdo receba a mensagem de uma forma adequada?

ANEXO C - RESUMO DAS INFORMAÇÕES OBTIDAS PELO QUESTIONÁRIO RESPONDIDO PELAS INTÉRPRETES

Informações obtidas pelo questionário respondido pelas intérpretes

INTÉRPRETES	
Intérprete 1	<p>-começou a trabalhar na escola para surdos em 2004; -a aproximação ocorreu a partir do momento em que começou a trabalhar com os mesmos; -não fez pró-libras, mas tem o curso de intérprete; -a região sempre teve carência de interpretes, assim por ser professora de surdos realiza eventualmente a função de intérprete em palestras e para a comunidade surda; Fazem 3 meses que recebeu o certificado de intérprete; -é intérprete de alunos do Ensino Médio; -fez graduação e está fazendo especialização na área de surdez; - acredita que para uma boa intérprete é necessário: conhecimento do código de ética do intérprete; ser imparcial; neutralidade; clareza de sinais; ter claro a responsabilidade de transmitir uma mensagem utilizando a Libras; é a “voz do surdo”; (aspas colocadas pela intérprete) e para isso acontecer deve dar o melhor de si, utilizando toda a sua habilidade e conhecimento sobre o assunto;</p>
Intérprete 2	<p>- começou em 1999, por curiosidade e começou a conhecer melhor a Libras quando começou a visitar a escola Concórdia começou a ter contato com o surdo e praticar Libras; -tem curso de intérprete, mas não fez pró-libras; -não atua como intérprete, mas como professora em sala de aula; -tem Magistério e graduação em Letras; - acredita que para uma boa intérprete é necessário: acima de tudo ter ética buscando o bem comum; visar os princípios fundamentais do profissional de Libras que são a neutralidade, confidencialidade e fidelidade para que o surdo tenha consigo a informação necessária;</p>
	<p>-desde 2003; -através de uma amiga e ex-colega; -não fez pró-libras, só curso de intérprete; -atua como intérprete desde 2004 para a comunidade surda;</p>

Intérprete 3	<p>-atua em todos os níveis que se fizer necessário; -pós-graduação; - acredita que para uma boa intérprete é necessário: boa comunicação; clareza; expressão facial e corporal; postura; freqüentar o grupo de surdos; conhecer o vocabulário dos surdos e os sinais; utilizar vestimentas adequadas de intérprete;</p>
Intérprete 4	<p>Não entregou o questionário</p>
Intérprete 5	<p>- contato com Libras desde 2004; -entrou em contato comunidade Surda 2007. Antes trabalhava na biblioteca e pouco tinha contato com os surdos; -é intérprete, mas não fez ainda o pró-libras, falta idade e conclui o Ensino Médio, mas vai fazer o pró-libras em 2009; -atua na educação infantil, fundamental e médio. Interpretou poucas vezes no ensino superior e atualmente está fazendo programas políticos; -está concluindo o Magistério; -acredita que para uma boa intérprete é necessário: um vocabulário amplo; bastante expressão facial e corporal; passar a mensagem de forma clara e objetiva; utilizar classificadores (CL); domínio da Língua Portuguesa e Libras; ética profissional; subjetividade; não emitir ao interpretar críticas e opiniões pessoais; ser coerente e repassar somente o que está sendo falado/argumentado;</p>

OBS: Este questionário foi respondido pelas intérpretes antes de saberem qual era o enfoque que estava sendo dado a esta pesquisa, ou seja, os SNM.

ANEXO D - QUESTÕES DIRIGIDAS AOS SURDOS UNIVERSITÁRIOS

QUESTÕES DIRIGIDAS AOS SURDOS UNIVERSITÁRIOS

NOME: _____

Qual a sua formação como instrutor? Você fez o pró-libras?

Qual a sua escolarização?

Quais as características – qualidades – habilidades necessárias para uma boa interpretação, para que o intérprete seja considerado um “bom intérprete”, ou seja, para que o Surdo receba a mensagem de uma forma adequada?

Você é favorável ou desfavorável a que o intérprete também balbucie as palavras ao realizar a tradução? Por quê?

Descreva, para cada intérprete, a sua opinião sobre as expressões faciais e corporais no processo de interpretação.

Você considera que a corporeidade do intérprete interfere na compreensão da mensagem?

**ANEXO E - RESUMO DAS INFORMAÇÕES OBTIDAS PELO QUESTIONÁRIO
RESPONDIDO PELOS SURDOS UNIVERSITÁRIOS**

Respostas dos Surdos universitários

SURDO 1	SURDO 2	SURDO 3	SURDO 4	SURDO 5	SURDO 6
<p>*não é instrutora; *sem formação instrutora; *não fez pró-libras; *Pedagogia e Educação especial, *professora de Surdos CPA; Bom intérprete “o intérprete falta de movimentos”</p>	<p>* professor de Libras da UPF/UPF Idiomas; * é instrutor; * fez pró-Libras; * Letras/Libras URGs e Ciência da Computação; * o intérprete deve ter “alguma mais fluência da intérprete, outro não é fluência e proficiência” Contra o balbucio; É importante o intérprete ter expressões faciais e corporais porque os surdos vão entender de forma mais clara;</p>	<p>* fez curso de instrutora na FENEIS (PA) e curso de Capacitadores de Agentes Multiplicadores p/ professor em Libras em Brasília; * fez pró-Libras; * Pedagogia e Educação especial; *professora de Libras da UPF/UPF Idiomas; O intérprete precisa ter como qualidades: -clareza; - usar muito expressão facial e corporal; - ter um bom contexto para o surdo entender melhor; -conviver com a comunidade Surda; -conhecer e conviver com</p>	<p>*professor de Libras; é instrutor; * fez pró-Libras; *graduado em Educação Física; *todos querem que os interpretes tenham habilidades para interpretar/traduzir. Devem saber bem como usar expressões suficientes para poder chamar a atenção dos surdos; *é desfavorável ao balbucio porque o interprete de Libras...</p>	<p>* professora de Libras da UPF/UPF Idiomas; * é instrutora; * fez pró-Libras; * Pedagogia e Educação especial. Está fazendo curso de Letras/Libras UFSM; * a interprete deve ser fluente em Libras, mas depende de cada interprete ser bom e ruim; *é contra a intérprete utilizar Libras com balbucio, atrapalha muito; *acha importante a corporeidade, mas faltar</p>	<p>*professora de Libras e de Informática; * fez curso de instrutora na FENEIS (PA); *fez pró-Libras; *está cursando o Sistema de Informação e bacharelado; *a intérprete precisa ter: - conhecimento da cultura surda; -qualidade p/ interpretar e traduzir Libras; -capacidade de aquisição de Libras na comunidade surda; *com relação ao balbucio é favorável, pois expressão facial e balbucio são mais claros, mas a intérprete</p>

		<p>a cultura Surda e com o próprio jeito da Libras;</p> <hr/> <p>Não é favorável a oralidade do intérprete na hora de interpretar, mas concorda que algumas palavras pode-se balbuciar como “Poooooo”, “Bah”, “É”?...</p> <hr/> <p>O intérprete precisa usar a expressão facial e corporal junto com a língua de sinais ajuda muito a entender o contexto, senão é ruim ver sem expressão facial; Por isso usou como principal em “fala dica”;</p>		<p>expressões faciais e movimentos corporais pode ajudar a estimular a interpretar e treinar as expressões faciais e corporais;</p>	<p>consegue interpretar com expressão facial e balbucio. Prefiro intérprete “fala dica”, pois isso é natural, igual às pessoas surdas;</p> <hr/> <p>A corporeidad e é muito importante porque mostra a expressão facial e corporal, esclarece melhorando para os surdos a sua compreensão;</p>
--	--	--	--	---	---

ANEXO F - IDENTIFICAÇÃO DOS SURDOS

IDENTIFICAÇÃO DOS SURDOS UNIVERSITÁRIOS

Não é instrutora, não fez pró-libras;
Pedagogia e Educação especial;
Professora de Surdos CPA;

É instrutor e fez pró-Libras;
Professor de Libras da UPF/UPF Idiomas;
Letras/Libras URGS e Ciência da Computação

Fez curso de instrutora na FENEIS (PA) e curso de Capacitadores de Agente Multiplicadores para professor em Libras em Brasília e fez pró-Libras;
Pedagogia e Educação especial;
Professora de Libras da UPF/UPF Idiomas;

Professor de Libras e instrutor;
Fez pró-Libras;
Graduado em Educação Física;

Professora de Libras da UPF/UPF Idiomas e instrutora;
Fez pró-Libras;
Pedagogia e Educação especial. Está fazendo curso de Letras/Libras UFSM;

Professora de Libras e de Informática e fez curso de instrutora na FENEIS (PA);
Fez pró-Libras;
Está cursando o Sistema de Informação e bacharelado;

ANEXO G - EXPRESSÕES NÃO-MANUAIS DA LÍNGUA DE SINAIS BRASILEIRA

EXPRESSÕES NÃO-MANUAIS DA LÍNGUA DE SINAIS BRASILEIRA

(Ferreira – Brito e Langevin, 1995)

Rosto

Parte superior

Sobrancelhas franzidas
Olhos arregalados
Lance de olhos sobranceiras levantadas

Parte inferior

Bochechas infladas
Bochechas contraídas
Lábios contraídos e projetados e sobranceiras franzidas
Correr da língua contra a parte inferior interna da bochecha
Apenas bochecha inflada
Contração do lábio superior
Franzir do nariz

Cabeça

Balanceamento para frente e para trás (sim)
Balanceamento para os lados (não)
Inclinação para frente
Inclinação para o lado
Inclinação para trás

Rosto e cabeça

Cabeça projetada para a frente, olhos levemente arregalados, sobranceiras franzidas
Cabeça projetada para trás e olhos arregalados

Tronco

Para frente
Para trás
Balanceamento alternado dos ombros

Balanceamento simultâneo dos ombros

Balanceamento de um único ombro

Fonte: as “*Expressões não-manuais da língua brasileira de sinais*” de Ferreira-Brito e Langevin, 1995, citados por Quadros (2004 p. 61).

ANEXO H - CÓDIGO DE ÉTICA - INTÉRPRETES

INTÉRPRETES - CÓDIGO DE ÉTICA

- 1) O intérprete deve ser uma pessoa de alto caráter moral, honesto, consciente, confiante e de equilíbrio emocional. Ele guardará informações confidenciais e não poderá trair confidências, as quais foram confiadas à ele;
- 2) O intérprete deve manter uma atitude imparcial durante o transcurso da interpretação, evitando interferências e opiniões próprias, a menos que seja perguntado pelo grupo a fazê-lo.
- 3) O intérprete deve interpretar fielmente e com o melhor da sua habilidade, sempre transmitindo o pensamento, a intenção e o espírito do palestrante. Ele deve lembrar os limites da sua função particular - de forma neutra - e não ir além da sua responsabilidade.
- 4) O intérprete deve reconhecer seu próprio nível de competência e usar prudência em aceitar tarefas, procurando assistência de outros intérpretes e/ou profissionais, quando necessário, especialmente em palestras técnicas.
- 5) O intérprete deve adotar uma conduta adequada de se vestir, sem adereços, mantendo a dignidade da profissão e não chamando atenção indevida sobre si mesmo, durante o exercício da função;
- 6) O intérprete deve ser remunerado por serviços prestados e se dispor a providenciar serviços de interpretação, em situações onde fundos não são disponíveis.
- 7) Acordos a níveis profissionais devem ter remuneração de acordo com a tabela de cada estado, aprovada pela FENEIS;
- 8) O intérprete jamais deve encorajar pessoas surdas a buscarem decisões legais ou outras em seu favor;
- 9) O intérprete deve considerar os diversos níveis da Língua Brasileira de Sinais.
- 9) Em casos legais, o intérprete deve informar à autoridade quando o nível de comunicação da pessoa surda envolvida é tal, que a interpretação literal não é possível e o intérprete, então, terá de parafrasear de modo crasso o que se está dizendo para a pessoa surda e o que ela está dizendo à autoridade.
- 10) O intérprete deve se esforçar para reconhecer os vários tipos de assistência necessitados pelo surdo e fazer o melhor para atender as suas necessidades particulares.
- 11) Reconhecendo a necessidade para o seu desenvolvimento profissional, o intérprete deve se agrupar com colegas profissionais com o propósito de dividir novos conhecimentos e

desenvolvimentos, procurar compreender as implicações da surdez e as necessidades particulares da pessoa surda alargando sua educação e conhecimento da vida, e desenvolver suas capacidades expressivas e receptivas em interpretação e tradução.

12) O intérprete deve procurar manter a dignidade, o respeito e a pureza da Língua de Sinais. E também deve estar pronto para aprender e aceitar sinais novos, se isto for necessário para o entendimento.

13) O intérprete deve esclarecer o público no que diz respeito ao surdo sempre que possível, reconhecendo que muitos equívocos (má informação) tem surgido por causa da falta de conhecimento do público na área da surdez e comunicação com o surdo.

Fonte:

FENEIS, Federação Nacional de Educação e Integração dos Surdos. *Intérprete: Código de ética*. Disponível em: <http://www.feneis.com.br/page/interpretes_codigoetica.asp>. Acesso em: 11 jan. 2009

ANEXO I - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**

Eu, _____
CPF nº _____, voluntariamente e esclarecida sobre a justificativa, os objetivos e os procedimentos que embasam a pesquisa e sobre os benefícios que o seu trabalho produzirá no que tange à Educação, autorizo a acadêmica CIRIANE JANE CASAGRANDE DA SILVA, mestranda no Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade de Passo Fundo, sob a orientação da Profa. Dra. Adriana Dickel, a utilizar as informações obtidas de mim pela pesquisadora para as finalidades constantes do projeto de investigação, ressalvada a garantia do sigilo que me assiste e que assegura a privacidade quanto aos dados confidenciais envolvidos na pesquisa.

Passo Fundo, _____ de 2008.

ANEXO J - CERTIFICADO DE PARTICIPAÇÃO NO PROJETO DE PESQUISA**UNIVERSIDADE DE PASSO FUNDO****FACULDADE DE EDUCAÇÃO**

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

Campus I - Bairro São José – Fone/Fax (54) 3316 8295

Caixa Postal 611 - CEP 99001-970 - Passo Fundo - RS

E-mail: cpgfaed@upf.br**Atestado**

Atesto, para os devidos fins, que a acadêmica _____ participou como colaboradora do projeto de pesquisa “A corporeidade dos intérpretes de libras no uso das expressões faciais e corporais na aprendizagem do surdo”, desenvolvido pela acadêmica do Programa de Pós-Graduação em Educação – Mestrado, da Universidade de Passo Fundo, Ciriane Jane Casagrande da Silva, sob a minha orientação.

Passo Fundo, 23 de janeiro de 2009.

Profa. Dra. Adriana Dickel,
Orientadora
Programa de Pós-Graduação em Educação

S586c Silva, Ciriane Jane Casagrande da

A corporeidade da intérprete de língua de sinais na percepção dos sentidos produzida por interlocutores surdos / Ciriane Jane Casagrande da Silva – 2009.

108 f. : il. ; 30 cm.

Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade de Passo Fundo, 2009.

Orientação: Profa. Dra. Adriana Dickel.

1. Educação. 2. Linguagem de sinais. 3. Surdos – Integração social. 4. Intérpretes de surdos. I. Dickel, Adriana, orientadora. II. Título.

CDU: 376.33